



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Elisangela Marcos Sedlmaier

POR UMA POÉTICA SEXUAL DA CARNE: CARTOGRAFIA DA PROSTITUIÇÃO

João Pessoa-PB
2023

Elisangela Marcos Sedlmaier

POR UMA POÉTICA SEXUAL DA CARNE: CARTOGRAFIA DA PROSTITUIÇÃO

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, por Elisangela Marcos Sedlmaier, como requisito parcial para obtenção do título de doutor.

Área de concentração: Literatura, Teoria e Crítica

Linha de pesquisa: Poéticas da Subjetividade

Orientador: Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues

João Pessoa-PB
2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S449p Sedlmaier, Elisangela Marcos.

Por uma poética sexual da carne : cartografia da prostituição / Elisangela Marcos Sedlmaier. - João Pessoa, 2023.

115 f.

Orientação: Hermano de França Rodrigues.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Literatura. 2. Prostituição. 3. Psicanálise. 4. Escritas de si. I. Rodrigues, Hermano de França. II. Título.

UFPB/BC

CDU 82(043)

Elisangela Marcos Sedlmaier

POR UMA POÉTICA SEXUAL DA CARNE: CARTOGRAFIA DA PROSTITUIÇÃO

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado, em 18 de dezembro de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:



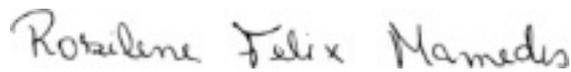
Profa. Dra. Eneida Maria Gurgel de Araújo
Instituição: Universidade Estadual da Paraíba



Prof. Dr. Jailto Luis Chaves de Lima Filho
Instituição: Universidade Federal da Paraíba



Prof. Dr. Valdereto Alves da Silva
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia



Profa. Dra. Rosilene Felix Mamedes
Instituição: Universidade Federal da Paraíba

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutor em Letras.



Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues.
Orientador

João Pessoa, 2023.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me ilumina e conduz os meus caminhos.

À minha família de sangue, meu pai Gerson Espíndola Sedlmaier, minha mãe Alice Marcos Sedlmaier, e minhas irmãs Eliane e Elenice que, mesmo longe, estão ao meu lado o tempo todo.

À família que a vida me deu, meus amigos que andam lado a lado comigo, a amiga que virou comadre Nicole Lagazzi, a Gabriela Fischetti, sempre fazendo-se presente, Eider Madeiros e Carlisson, amigos de caminhada, ao dindo José Mantovani e a dinda Mônica Ervolino, obrigada pela companhia, pela ajuda e pelo abraço amigo de cada um.

Ao meu orientador Hermano de França Rodrigues, pela imensa paciência; pelos seus ensinamentos, minha gratidão.

Aos amigos, Lidiane, Isabela, Bruno, Fernanda e Cesar (*in memoriam*), a distância não diminui o amor e o companheirismo.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba.

À minha família, Eduardo Brunello, meu companheiro de jornada, e nossa filha Nina, que trouxe mais alegria e vida na nossa caminhada.

“A verdade só pode ser dita nas
malhas da ficção.”

(Lacan)

RESUMO

O presente trabalho tem como propósito cartografar as escritas de si, através das vozes de escritoras que dissertaram sobre o seu labor, a prostituição. Os escritos começam a surgir a partir da década de 1990, e vão perpassando o tempo e ganhando força, até chegar aos dias atuais. Buscamos abordar, no primeiro capítulo, a trajetória da história da prostituição e, conseqüentemente, da prostituta. De forma significativa, ele traz também a narrativa da mulher, a qual o sagrado cede seu lugar ao profano, e adentra na sociedade como uma necessidade masculina, que mesmo assim é recoberta de preconceitos e estigmas, e enraizam-se até os dias atuais. Alicerçando-nos nestes debates, encontramos Roberts (1998), Prada (2018), Despentès (2016), Adler (1991) e tantos outros nomes que ajudam a (re)construir e compreender a história oficial. Após a saída dos meandros do passado e a caminhada até o presente, vamos nos ancorar nas cartografias do corpo, do corpo feminino, ou melhor, da complexa construção dos diversos femininos, a partir dos estudos de Freud (1932), e outros autores mais contemporâneos que continuam a tirar os véus desse continente misterioso. Ao abordar questões que perpassam a sexualidade e o desejo na prostituição, somos levados ao terceiro momento do trabalho, quando para além da teoria deparamo-nos com as “escritas de si”, com a literatura escrita por mulheres que exercem a prostituição ou já foram prostitutas. A partir de seus relatos, faz-se uma intersecção com a história e com estudos e conceitos psicanalíticos, buscando ressaltar as subjetividades e as representações que perpassam as prostitutas, possibilitando deparar-nos com desejos, vazios, aspectos da(s) feminilidade(s), dentro das possibilidades encontradas de cada sujeito.

Palavras-chave: Literatura. Prostituição. Psicanálise. Escritas de si.

RESUMEN

El propósito de este trabajo fue mapear las escrituras de sí mismo, a través de las voces de escritoras que hablaron sobre su trabajo, la prostitución. Los escritos comenzaron a aparecer en los años 90, y continuaron en el tiempo y cobraron fuerza, hasta llegar a la actualidad. Buscamos abordar, en el primer capítulo, la trayectoria de la historia de la prostitución, y en consecuencia, de la prostituta, que aborda significativamente también la narrativa de la mujer en la sociedad, en la que lo sagrado cede su lugar a lo profano, y entra en la sociedad como una necesidad masculina, que aún está cubierta de prejuicios y estigmas, que han arraigado hasta nuestros días. A partir de estos debates encontramos a Roberts (1998), Prada (2018), Despenes (2016), Adler (1991) y muchos otros nombres que ayudan a (re)construir y comprender la historia. Después de insertarnos en los entresijos del pasado y avanzar hacia el presente, nos anclaremos en las cartografías del cuerpo, el cuerpo femenino, o mejor dicho, la compleja construcción de los diversos femeninos, a partir de los estudios de Freud (1932), y otros contemporáneos que siguen quitando los velos de este misterioso continente, además de abordar cuestiones que impregnan la sexualidad y el deseo en la prostitución, y que nos lleva al tercer momento, cuando, más allá de la teoría, nos topamos con las “autoescrituras”, con literatura escrita por mujeres, que trabajan o han sido prostitutas, y que, a partir de sus relatos, se cruzan con la historia y con estudios y conceptos psicoanalíticos, buscando representar las subjetividades y representaciones que permean a las prostitutas, permitiéndonos cruzar los deseos, vacíos, aspectos de la(s) feminidad(es), dentro de las posibilidades que se encuentran en cada tema.

Palabras clave: Literatura. Prostitución. Psicoanálisis. Autoescrituras.

ABSTRACT

The purpose of this work was to map the writings of the self, through the voices of female writers who subscribed their ways of making a living, via prostitution. The writings began to appear in the 1990s, and continued over time and gained strength, until reaching the present day. In the first chapter, we seek to address the trajectory of the history of prostitution and, consequently, of prostitutes. Significantly, it also brings the narrative of women, in which the sacred gives its place to the profane, and enters society as a masculine need, which is still covered in prejudices and stigmas, and takes root until the present day. Building on these debates, we find Roberts (1998), Prada (2018), Despentès (2016), Adler (1991) and many other names that help to (re)construct and understand the official history. After leaving the meanders of the past and walking towards the present, we will anchor ourselves in the cartographies of the body, the female body, or rather, the complex construction of the different feminines, based on the studies of Freud ([1932] 1996), and other contemporary authors who continue to remove the veils from this obscure continent which is the femininity. When addressing issues that permeate sexuality and desire in prostitution, we are taken to the third moment of the work, when, beyond theory, we come across the concept of “writing of the self”, with literature written by women who practice prostitution or have been prostitutes. From their reports, an intersection is made with history and psychoanalytic studies and concepts, seeking to highlight the subjectivities and representations that permeate prostitutes, enabling us to come across desires, emptiness, aspects of femininity(ies), within the possibilities found for each one of the female writers.

Keywords: Literature. Prostitution. Psychoanalysis. Writings of the self.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 UMA BREVE HISTÓRIA DA PROSTITUIÇÃO	15
1.1 DO SAGRADO AO PROFANO	15
1.2 PROSTITUIÇÃO: UMA NECESSIDADE MASCULINA?	18
1.3 OS AMBIENTES, A PARTIR DO SÉCULO XVIII	23
1.4 OS ESTIGMAS QUE RECAEM SOBRE A PROSTITUTA DO SÉCULO XIX.....	27
1.5 A DEMANDA DA PROSTITUIÇÃO NO SÉCULO XX	32
1.6 A PROSTITUIÇÃO E SUA LIGAÇÃO COM OS MOVIMENTOS FEMINISTAS.....	35
2 CARTOGRAFIAS DO CORPO E DA ESCRITA	43
2.1 AS CARTOGRAFIAS DO FEMININO: DE FREUD AOS DIAS ATUAIS	43
2.2 A PROSTITUIÇÃO: O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO	50
2.3 PROSTITUIÇÃO: TRABALHO, SEXUALIDADE E DESEJO	52
2.4 PROSTITUIÇÃO: NOVOS CÓDIGOS, ANTIGOS ASPECTOS.....	57
3 AS ESCRITAS DE SI	63
3.1 AS PROSTITUTAS: UM ESPELHO DA HISTÓRIA.....	63
3.2 AS ESCRITAS DE SI OU QUASE	68
3.3 GABRIELA LEITE: PODE ME CHAMAR DE PUTA.....	68
3.4 FERNANDA (CODINOME-PRINCESA): APRESENTANDO UMA DAS INFINITAS POSSIBILIDADES DOS DIVERSOS FEMININOS	74
3.5 BRUNA SURFISTINHA, DO ANONIMATO AO SUCESSO: PRAZER E COMPULSÃO .	77
3.6 A AGENDA DE VIRGÍNIA: STATUS, ESTIGMA E SOLIDÃO	80
3.7 O MANUSCRITO DE SÔNIA: DA REALIDADE PARA O FICCIONAL	86
3.8 O DIÁRIO DE MARISE: DA ADOLESCENTE SONHADORA A PROSTITUTA DE MAIS DE 5.000 HOMENS	90
3.9 QUAIS SERIAM OS CAMINHOS SE EU FOSSE PUTA?	95
3.10 EU, DOMMENIQUE LUXOR, DOMINADORA PROFISSIONAL.....	97
3.11 LOURDES BARRETO E A SUA PUTABIOGRAFIA: SOU PUTA COM ORGULHO ...	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS	110

INTRODUÇÃO

A pesquisa que desenvolvemos busca uma intersecção da literatura com a psicanálise, através de conceitos e estudos que percorrem espaços ligados ao que por vezes não é dizível, em um primeiro momento, mas que, através das subjetividades de cada sujeito e seu trabalho psíquico, torce os fios dos desejos, das expectativas, do colocar-se no mundo, e vão entrelaçando-se e formando o tecido que podemos chamar de vida.

Puxando os fios do tecido social no qual estamos, as obras que foram selecionadas, para pensarmos na condição da escrita como linguagem de exposição, não apenas colocam-se para a leitura de outras pessoas, mas se tornam documentos, se assim podemos chamá-los, de experiências de vida, que vão muito além de um diário, pois a literatura escolhida figura em algo que a sociedade repudia, mas que o procura desde tempos longínquos. Essa literatura é considerada marginal, pois quem a escreve encontra-se inserida em uma parcela que caminha pelas margens, ainda que possa conhecer o que rege o núcleo da sociedade como ninguém: a prostituta.

Como alicerce e fio condutor da análise, o primeiro capítulo é todo voltado para a história da prostituta/prostituição, mas de forma sumária. Começamos abordando uma questão que começa com a prostituta, que a princípio era a prostituta sagrada e depois é alocada ao lugar do profano, podendo-se observar que estas acepções recaem até os atuais com a alocação da mulher nas oposições entre a santa ou a puta, que apresentam léxicos diferentes, mas detêm a mesma semântica.

A história oficial vai apresentando os caminhos trilhados pelas prostitutas, que encontram épocas mais calmas e outras de revoltas sociais, infladas principalmente pelos movimentos religiosos, e através dos quais os castigos, prisões, estupros, chegando até a morte de uma série de prostitutas, figuraram em diferentes épocas.

Seguimos com uma discussão que está situada no imaginário social – imaginário este construído durante os séculos por um sistema patriarcal e machista – que coloca a prostituta como uma necessidade masculina. A partir desse debate, abordaremos os lugares nos quais as prostitutas estão inseridas, havendo alguns que permanecem até hoje, e outros que foram mudando dependendo do contexto social de cada época.

Outro ponto pertinente são as representações e os estigmas que recobrem as prostitutas não só na realidade, mas na literatura de autoria masculina que, como

forma de amenizá-los, propõe desfechos narrativos que colocam as prostitutas em situações dentro das normas padrão da sociedade – isto é, arrependida, ou casando-se ou ainda encontrando na morte uma forma de redenção.

Essas discussões e tantas outras são retomadas no final do primeiro capítulo, quando relacionamos a prostituição aos movimentos feministas que, como veremos, não são unânimes acerca do trabalho venal. Mesmo assim, apresentam-se de suma importância para pensarmos, questionarmos e lutarmos, almejando um lugar mais igualitário para as prostitutas e todas as mulheres que compõem a nossa sociedade, ainda tão sexista, machista, misógina e preconceituosa.

Pensando nas discussões e reflexões propostas na primeira parte, a partir dos contextos históricos e sociais, fez-se necessário buscarmos, no segundo momento, os saberes psicanalíticos, que nos propõem caminhos e novas percepções para adentrar o feminino ou o “continente obscuro”, como descreveu Freud.

Assim, a teoria psicanalítica, a partir de seu criador Sigmund Freud, vem trazendo novas possibilidades de entendimento do ser mulher na sociedade. Seus estudos iniciam-se através das históricas, que como um pedido de socorro, por toda reprimenda sofrida social e psicologicamente, somatizam nos seus corpos, corpos que “gritam” o sofrimento para todo o externo de si.

Após todo o estudo voltado a essas mulheres, Freud começa o caminho do desconhecido, do mistério, que conhecemos como feminilidade. Ele diferencia conceitos de atividade e passividade, descrevendo toda a difícil passagem do Complexo de Édipo feminino, que deixará marcas profundas nos sujeitos.

Os conceitos que traremos de Freud com o passar do tempo são (re)vistos e ressignificados por psicanalistas contemporâneos a ele, que derrubaram alguns posicionamentos que não se mostravam coerentes, ou viriam divergir com o momento atual através dos estudos de outros nomes que criticam a teoria freudiana, como Brennan (1997), Escolástica (1995) etc.

A partir dos conceitos, pensando em novas possibilidades, as discussões voltam-se para o mal-estar que a prostituta inflama no corpo social, visto que o corpo que está a margem é o mesmo que perpassa a sexualidade e o desejo de muitos, que sofre o repúdio, mas ao mesmo tempo também desperta a cobiça.

Esse dualismo que perpassa a prostituta se apresenta no decorrer dos séculos, no entanto mostra-se através de novos códigos, novas roupagens que se caracterizam com cada época e cada sociedade. Assim, concluímos os capítulos

teóricos, que nos deram suporte para adentrar no último momento, quando a cartografia literária das escritas de si poderá ser lida e sentida nas infinitas possibilidades que a linguagem nos possibilita.

Essas escritas de si, chamadas por alguns críticos de autoficção, despertam o leitor para a escrita, ao que o texto quer dizer e a como ele faz isso. Sendo assim, não podemos chamá-los somente de autobiografia, pois, entre uma palavra e outra, uma história e outra, traços que pertencem a ficção sempre estarão presentes na tessitura da escrita.

As nomenclaturas “escritas de si” e “autoficção” serão trazidas e discutidas a partir dos críticos Lejeune (1980; [1975] 1996; 2001), Compagnon (1999), Candido (2010), posto que eles compreendem, explicam e exemplificam a importância de entender a obra a partir da sua linguagem, do que está escrito, pelo menos em um primeiro momento.

Assim, como forma também de demonstrar essas escritas, começamos nosso percurso no universo das mulheres e mulheres trans e travestis, que estão inseridas no universo da prostituição. A primeira abordagem será a partir da perspectiva de uma das precursoras da militância nos diversos movimentos, levando a voz da prostituta a reivindicar seu lugar na sociedade, que é a escrita de Gabriela Leite. Ela traz para além da vida da prostituta uma série de reflexões que também nos permitem propor discussões através dos conceitos e estudos freudianos das escolhas objetais, a partir das escritas de si, e porque também não, do dizer do outro.

Nossa segunda obra é sobre a vida de Princesa, ou melhor, Fernanda, uma travesti nascida na Paraíba, mas que foi aventurar-se em terras europeias. Seu livro é escrito por seis mãos, através de um caderninho que passava na mão de Fernanda, de Maurizio Janelli e Giovani Tamponi. Todos estavam presos em uma detenção italiana; Mauricio condenado por sequestro e atentados terroristas e Giovani condenado à prisão perpétua por assalto a banco.

O livro traz cargas emotivas muito fortes, de uma certa violência que espelha o mundo que cerca Princesa, mas também aborda a questão das diversas formas de fazer-se feminina, que nada diz de um órgão sexual, mas de um colocar-se no mundo, como Fernanda vai descrever a partir de sua obra.

A próxima obra é com certeza a mais conhecida pelos brasileiros, pois o livro foi traduzido para o cinema e foi sucesso de público, e se trata de *O doce veneno do escorpião* (2005), mais conhecido como o livro ou o filme de Bruna Surfistinha. O livro

narra a história da menina de classe média que adentra o mundo da prostituição, além das questões subjetivas que as transpassa como as compulsões e os vícios.

Seguindo a história de Raquel Pacheco, a Bruna Surfistinha, adentraremos na vida de Virgínia, nome fictício de Alejandra Duque, que na sua entrada na prostituição, diferente da maioria das meninas que chegam por necessidade, busca praticá-la por curiosidade. Ela uma universitária, divertida, de classe média, e almeja, através da prostituição, *status* e conhecer as infinitas possibilidades sexuais.

Essa curiosidade e busca pela sexualidade ela apregoa a seu pai, que descreve se dever ao fato de estar impregnado no seu gene, pois a depravação sexual advém da sua genética paterna. Assim, possibilitando trazer à baila as discussões da psicanalista Eliana Calligaris (2006), do pai real e do pai simbólico, elementos fulcrais para a construção da menina e futura mulher são analisados.

O título seguinte, *O manuscrito de Sônia*, fala de uma mulher que tem seu nome de trabalho como Mariana, e que nasce no Brasil, mas decide tentar a vida na Europa. Nesse processo, apaixona-se, engravida, e a questão da maternidade lhe acomete, como forte assunto nas conversas com outras mulheres que também exerciam a prostituição. O que para algumas não estava de forma alguma dentro dos seus planos, para outras era ponto fulcral na construção de sua subjetividade. Não fazemos juízo de valor de uma coisa ou outra, mas pensamos nas diversas possibilidades na construção da subjetividade de cada personagem.

A obra seguinte, *O diário de Marise*, fala de uma prostituição por necessidade, da adolescente sonhadora à mãe solo, da lida diária nas ruas, hotéis, motéis, da marca de 5.000 homens... E mesmo com tanto trabalho, seu sonho, como de tantas mulheres, era conseguir cuidar de sua filha e encontrar um companheiro para a sua vida, assim como de sua amiga Sol, e de tantas outras meninas e mulheres que estão inseridas nesse mundo da prostituição por pura necessidade.

A literatura que segue com um título chamativo é o *E se eu fosse puta*, que retrata a história de Amara Moira, uma doutora em literatura, à época da escrita ainda uma estudante doutoranda, e mulher trans, que propõe uma discussão a partir do lugar de desejo e subjetivação que a prostituição pode promover. Esses questionamentos e explicações vão acontecendo a partir das histórias dos programas vivenciados nas ruas com toda as possibilidades e problemáticas que a rua oferece.

Nossa penúltima obra aborda a vida de Dommenique Luxo, uma dominadora profissional, que conta que até chegar no que a satisfazia trabalhou na prostituição

dita normal, mas como não se sentia contemplada, começou a restringir seus programas a pessoas que adentrassem na sua fantasia – para satisfazer o desejo do outro, deveria-se priorizar o satisfazer primeiramente o seu desejo.

Assim, ela descreve os tipos de fetiche, algumas fantasias, cenários, mas também possibilita a reflexão dos mais variados acordos sexuais, das diversas formas de gozo, e de se tudo ocorresse de forma consensual, não deveria ser visto com tanto espanto, já que somos indivíduos únicos, com seus desejos, vontades e subjetividades.

A última obra é bem recente, lançada no primeiro semestre de 2023 e conta a história de Lourdes Barreto, de 80 anos, que vivenciou a prostituição desde muito cedo, quando abandona sua família por ter vivido uma violência sexual e declara ser esse é um dos indicativos de entrada na prostituição.

Lourdes relata uma prostituição muito distinta dos dias atuais, com muito *glamour*, e que a prostituição permite conhecer e lidar com a fragilidade humana. Ela gosta de ser colocada no lugar de prostituta, tem tatuado a palavra puta no braço, e disto propomos as reflexões de imagem e esquema à luz da psicanalista Françoise Dolto.

A metodologia usada foi a exploratória-qualitativa, na qual, no primeiro momento os aportes históricos nos alicerçaram, abordando os contextos culturais e sociais ocupados pelas prostitutas no decorrer da história.

No segundo momento, o aporte psicanalítico nos guiou na construção ou possíveis construções do que chamamos de feminilidade ou as múltiplas feminilidades e suas configurações nos sujeitos.

No capítulo final, o analítico, recorreremos as intersecções literárias com a psicanalítica, buscando subsídios para as reflexões sobre as escritas de si, os processos de subjetivação através da linguagem e seus diversos desdobramentos.

Esses processos nortearam nosso trabalho, no entanto faz-se necessário descrever que não buscamos neste trabalho a construção de uma teoria, uma hipótese, mas sim, as mais diversas formas de colocar-se no mundo para além dos personagens descritos por outrem.

Buscamos assim uma relação de literatura e psicanálise, na procura de entender essas novas escritas que realocam as prostitutas não apenas nos lugares de personagens, que antes eram escritos por homens, mas escrevendo sobre suas

vidas, o seu labor, seus medos, seus desejos, suas reflexões sobre a vida e sobre a prostituição.

Os processos de entendimento da subjetivação trazido por cada autora são orientados pela psicanálise, estabelecendo esta necessidade da escrita, como proposta de emergir partes de seu consciente, mas também do inconsciente, evidenciados através e pela palavra, que pode ser falada, mas também pode ser escrita, como escritos usados para delinear o mapa norteador do mundo da prostituição.

1 UMA BREVE HISTÓRIA DA PROSTITUIÇÃO

Abordar a prostituição é voltar ao tempo, é caminhar pela história, é começar a entender o lugar que ocupava as mulheres e o que lhe foi imposto, e é entender o mundo através de outras perspectivas, que o tempo, a disputa pelo poder e o lugar de prestígio as privaram de protagonizar.

As lutas travadas pelas mulheres durante os séculos estão reverberando, mas ainda seguem longe do idealmente justo; distante da igualdade de gênero, da liberdade e independência que é tão cara aos homens e tão distantes delas e outros grupos marginalizados pela sociedade. Porém, este afastamento nos é explicado através da história, das inúmeras narrativas que perpassam a vida de muitas mulheres, que fizeram do seu corpo, primeiramente, o lugar do sagrado, do gestar e do parir, da conexão das “deusas” com o nosso mundo.

1.1 DO SAGRADO AO PROFANO

No decorrer de nosso trabalho prévio de mestrado, a história das prostitutas foi traçada a partir dos primeiros indícios da prostituição até meados do século XVIII (1749), quando foi publicado o livro *Fanny Hill: memórias de uma mulher de prazer*, livro de análise daquele trabalho. Diante disso, nesta tese retomamos brevemente este percurso que perpassa as mudanças das deusas para um deus nomeado pela hegemonia do cristianismo, de uma sociedade mais igualitária para um cerceamento público, de uma contenção às mulheres do público para o privado, para dentro dos domicílios, e posteriormente, e com mais amplitude, fazemos as interlocuções a partir do século XVIII, ao priorizar as construções que trazem memórias do território latino-americano. Por ora, aqui, retomaremos o princípio, o sagrado.

Este lugar do sagrado que ocupava a mulher e a chamada prostituição vai remeter-nos ao Mundo Antigo, séculos antes de Cristo, campo este que era o lugar dos rituais, do cósmico com o telúrico, lugar onde o simbolismo fazia-se bem presente.

No livro *As prostitutas na história*, Nickie Roberts (1998) descreve as prostitutas sagradas na Babilônia, na qual existia as classes, sendo as *entu* e as *naditu* mais elevadas e que se encontravam em pé de igualdade com os homens, e exerciam trabalhos governamentais e comerciais. Logo, encontramos as *qadishtu*, que quer literalmente dizer “mulher sagrada”, as *ishtaritu*, que se encontram nos templos,

dedicando-se aos ritos e à deusa Ishtar, e ainda temos as *harimtu*, que transitavam dentro e fora dos templos, muitas vezes nas tavernas, e mesmo assim eram vistas pela sociedade como prostitutas sagradas, sem a percepção preconceituosa e marginalizada que a sociedade tem atualmente.

Percebemos que aqui o sexo, prática nuclear da prostituição, ainda era visto como algo natural, sagrado e muitas vezes tido como uma forma de redenção, de libertação. Assim, era tratado pelos povos hindus, que a “salvação era a união da alma individual com o universal, a fusão dos dois: portanto, paralelamente, a união do homem na mulher, em que a dualidade desaparecia, passou a ser, para os hindus, um símbolo de libertação” (Murphy, 1994, p. 124).

Não podemos ignorar que essa sacralidade da prostituta não é aceita por todos os historiadores. Alguns entendem este encontro de corpos como do sexo ritualístico, de algo que não pode ser vinculado ao status de prostituta, não da forma como passamos a entender no Ocidente, e sim, apenas como um ato sacro.

No entanto, a maioria dos autores e historiadores abarca o rito nomeando aquelas mulheres de prostitutas sagradas. No livro de Pedro Dufour (1885) *História da Prostituição em todos os povos do mundo desde a mais remota antiguidade até aos nossos dias*, ele destaca a prostituição sagrada na Armênia, Grécia, Roma, Babilônia, entre outras, no entanto, é bom lembrar que o autor é um religioso cristão, que vai se referir às outras religiões anteriores, ou até posteriores, como pagãs.

Ele descreve um início desorganizado, com os ritos ocorrendo dentro e fora dos templos, mas que, posteriormente, as celebrações foram “institucionalizadas” nos recintos próprios, tendo uns de seus ritos transformados nos cultos à fertilidade.

Percebemos que as trocas aqui não são monetárias, como em alguns povos primitivos ocorriam a prostituição hospitaleira, uma outra forma que consistia no chefe da família oferecer suas filhas ou esposa ao hóspede em troca de presentes e boa sorte.

Assim notamos que não podemos vincular a prostituição somente a trocas monetárias, financeiras, mas a qualquer tipo de troca, seja ela religiosa, supersticiosa, por interesse etc.

E conforme os séculos vão passando e as sociedades se transformando, adentramos em novos modelos de sociedade. Já no ano 3.000 a.C., começamos a perceber uma movimentação religiosa maior, na qual a regência societária vai ficar

quase que exclusivamente nas mãos dos homens, expurgando as mulheres para os setores privados, mais especificamente os lares.

Aqui o sexo ainda era sagrado, mais livre, mas dentro de pouco tempo a moralidade cristã irá criminalizá-lo, colocá-lo como algo pecaminoso, além de trazer uma condenação às mulheres, por meio de uma ficção disseminada de que as mulheres eram a raiz de todo mal, as filhas de Eva, que sucumbiram à mentira, e assim “foram as culpadas” por difundir todos os males no mundo.

Vale salientar que essa história foi muito conveniente para que os homens conseguissem um poderio exclusivo, não tendo que dividir ou ceder nenhum espaço para as mulheres, que até então trabalhavam com igualdade.

Naquele momento, se a mulher já não era “boa coisa”, as prostitutas eram quase que propriamente a visão do mal. Roberts (1998, p. 30) diz que “qualquer mulher podia ser vilipendiada, uma vítima do reino do terror moral, se ousasse ter um amante, vestir-se como lhe aprouvesse, adorasse a deusa ou ganhasse sua própria vida sem depender dos homens [...]”.

Observamos então que ou a mulher adequa-se ao sistema opressor de submissão ou sofrerá todas as consequências impostas. Assim, o estigma da prostituta começa e se perpetuará até a atualidade, com momentos mais perniciosos e outros menos turbulentos, mas sempre difíceis.

Temos um exemplo disso na Grécia antiga, quando Sólon (638 a.C.-558 a.C.), estadista, considerado pelos gregos como um dos sete sábios, inicia uma reforma estrutural social, política e econômica na pólis ateniense. Nela, ele consolida a mulher no lugar de exclusão social, seu local é determinado como a mantenedora da família, nas questões de educação, organização, higiene e tudo ligado à área privada.

Já com as prostitutas, Sólon, que era um grande frequentador dos bordéis, e interessado no alto valor monetário conseguido por eles, decide estatizá-los, visando trazer os lucros para financiar seu governo, seus exércitos e suas obras cidadinas.

Essa medida trouxe muita alegria aos frequentadores desses ambientes, mas para as prostitutas as consequências foram desastrosas. Roberts (1998) descreve que deveríamos considerá-las escravas, já que viviam em situações horríveis.

No entanto, nessa sociedade nem só de mazelas viviam as prostitutas, pelo fato de que lá elas não tinham vez nem voz, existe uma possibilidade remota de esboçar um certo lugar de privilégio, no qual poderiam estudar, terem alguma liberdade, e tornarem-se *hetairas*: prostitutas independentes conhecidas pela beleza,

pela sabedoria, pela inteligência e, claro, pelo erotismo e domínio da condução sexual. Essas mulheres frequentavam os *gynaceum*, que eram comandados por outras *hetairas*, que as conduziam no caminho da sabedoria, da excelência retórica, e da sedução.

Na Roma antiga, a prostituição encontra-se sob outras perspectivas. Longe de ser o paraíso, acontecia de forma mais libertária, mais orgânica, com algumas demandas – como, por exemplo, as prostitutas de classes mais baixas deveriam utilizar um vestuário determinado. No entanto, esse cenário positivo nunca se consolidou, pois elas deveriam registrar-se, a fim de pagar uma taxa, o que também não tornava o sistema muito efetivo. Isso vai ser modificado com queda do Império Romano e a consolidação do Cristianismo, que, como já foi dito, enclausura as mulheres ao local do mal, do pecado.

Conforme o Cristianismo vai tomando quase todos os territórios no Ocidente e o cerceamento feminino torna-se uma constante, a prostituição adentra todas as camadas sociais, por vezes institucionalizada, por vezes não. Porém, algo perpassava o seu lugar, a prostituição ganha um teor utilitário, que caminha para a sua utilidade pública, como sendo uma possível prática mantenedora da paz “sexual” nas cidades.

Visamos trazer algo, a esta altura, que perpassa o imaginário social até os dias atuais e que diz sobre a “necessidade” de satisfazer os impulsos sexuais insaciáveis dos homens. Não entraremos aqui nos amiúdes dessa seara, dessa construção absurda, imposta para justificar um descontrole masculino, ou uma falta de limites da libido, que há muito foi atribuída aos homens por nossa sociedade patriarcal.

1.2 PROSTITUIÇÃO: UMA NECESSIDADE MASCULINA?

Assim podemos pensar que os chamados bordéis eram lugares pensados para “abrandar” os desejos sexuais masculinos, como também de posicionamento social como afirmação da heteronormatividade, frequentados pelas classes média e alta.

Esta afirmação é uma das demonstrações da heteronormatividade que, como vemos, perpassa o tempo e diz muito sobre a sociedade em que vivemos na atualidade; salvo alguns retoques que desembocam, na maioria das vezes, em um lugar de maior narcisismo e egocentrismo dos homens.

O bordel então configura-se como um lugar protetivo dos instintos masculinos, “já que os homens não conseguem controlar-se”, ele serve como um mantenedor da paz e tranquilidade nas cidades, a partir de seus personagens, as prostitutas.

No livro de Laure Adler, *Os bordéis franceses* (1991), ao promover discussões e reflexões sobre os bordéis de 1830 a 1930, abarca os pensamentos de muitos estudiosos sobre esse lugar das prostitutas na sociedade. Tais estudos buscam trazer significações para a prostituição, que pode ser em alguns momentos tida como produto do destino, tara hereditária, vício, doença, mas eles a exemplificam, e o fazem também de modo muito grosseiro:

A questão é tão espinhosa que as tentativas para defini-la serão múltiplas e, algumas vezes, contraditórias. Para Frégier, chefe do gabinete da prefeitura de Paris em 1840, a prostituição é “um vício gerado por uma das paixões mais imperiosas do homem e à qual os progressos da civilização não puderam opor remédio eficaz algum.” Sendo a prostituição um mal necessário, as prostitutas tornaram-se portanto operárias especializadas, aliviadoras profissionais, lixeiras do amor. A comparação entre a prostituição e o lixo, a prostituição e o esgoto, corre através de todo o século. Cabe ao doutor Parent-Duchâtelet o grande mérito de formular primeiramente a comparação de modo claro: “As prostitutas são tão inevitáveis, numa grande aglomeração de homens, como os esgotos, os depósitos de lixo, de imundícies. A conduta das autoridades deve ser a mesma frente a um e a outro”. O doutor Saint-Paul retoma essa estimável definição e faz uma síntese. “A prostituta é indispensável para a cidade assim como é a lata de lixo para a família”, e Charles Albert faz da prostituição o ladrão das virilidades, a chaga por onde vaza o pus social (Adler, 1991, p. 13).

Independente do século, podemos observar como a prostituta e a prostituição são tratadas, como o resto, o marginal, o lixo, o esgoto, termos que conotam o sujo, o fétido, mas que sempre aparecem com uma alta demanda. O que é importante ressaltar é que os comentários e reflexões, na maioria das vezes, recaem sobre as prostitutas e suas funções, mas quase nunca ao “consumidor do produto” – se ela é o pus social, ele é a ferida, ou se ela é o lixo ou o esgoto, ele seria o quê?

Quando estudamos o histórico dos papéis atribuídos às mulheres como o da prostituição, deparamo-nos sempre com este olhar que observa apenas uma perspectiva, sendo o lugar à prostituição horrível, mas nunca o outro lado. Isso porque sabemos que até pouco tempo, a perspectiva de quem escrevia, discutia a história oficial, era, em sua maioria, de homens que eventualmente podiam ser “consumidores” da prostituição, e assim jamais se colocavam no lugar da depreciação,

ainda que colocassem o outro nesse lugar, reproduzindo aquilo que sempre fora permitido.

Não podemos perder de vista a contextualização de nossa sociedade e suas formas discursivas. Até o momento, fica evidente que, com o advento da hegemonia cristã, a mulher é colocada em um lugar, ou quase um não lugar, enquanto o homem, detentor do poder e de todos os meios, inclusive os das leis da Igreja, sempre está como um ser superior, se comparado com qualquer mulher. Junto a isso, se ela for prostituta, em muitos momentos quase que desumanizada, não poderíamos encontrar outro discurso.

Conforme o tempo passa, vamos encontrar pensadores que vão buscar outras acepções para a prostituição como sendo, ainda, um vestígio da escravidão dos povos. Marx e Engels (2003, 2010), por exemplo, vão contextualizar a prostituição como um tipo, dos tantos existentes, de exploração. Com eles, vão se ampliando as visões e as discussões, ainda que através de olhares masculinos. Mais adiante, por outro lado, nossa cartografia pensará exatamente a partir do momento que as vozes que falam e escrevem sobre a prostituição serão delas, das mulheres, das prostitutas, e não mais dos homens.

Retomando a questão dos bordéis e da prostituição, mesmo com todos os recursos para “satisfazer os instintos masculinos” as coisas continuavam saindo do controle, já que as molestações e estupros continuavam acontecendo e, geralmente, estas violações ocorriam com mulheres ligadas às classes mais baixas, sobretudo diante da certeza de que impunidade para esses homens era plena.

A Igreja tem grande culpa desta anuência às permissividades dos homens, pois com a primazia do matrimônio conjugal, que perpassa os laços amorosos, praticamente irrelevantes, o que estava em jogo era poder, dinheiro etc. Alguns propagadores da doutrina da Igreja Católica como São Tomás, e outros, declaravam que “abandonar-se aos sentidos no casamento é mais grave que fora dele” (Rossiaud, 1991, p. 74). Sendo assim, fica claro o incentivo para que acontecesse o sexo venal, dado que a Igreja conduzia esta anuência, pois nem era considerado pecado, ou melhor dizendo, se houvesse uma boa oferta para a Igreja, o pecado da venalidade estava expurgado.

Não é difícil entender esta condição, como abarca Rossiaud:

Assim, a prostituição é ordenada pelo bem comum: necessidade social; nenhuma necessidade de fomentar o mal, pois as mulheres são, sabe-se muito bem, fornicadoras, luxuriosas, insaciáveis por natureza. Elas se vendem ou se oferecem; mesmo forçadas, devem ser consideradas culpadas; vítimas de rapto, ou de estupro (São Tomás e depois Jacques de Vitry o assinalavam), elas se inclinavam à devassidão e são ainda pecadoras quando tem orgulho da sua beleza (Rossiaud, 1991, p. 79).

A mulher era considerada sempre a culpada, a raiz de todo mal, mesmo que inocente. A sociedade apregoou esta condição, por isso colocar a mulher em um lugar de subalternização era o correto (*sic*), já que ela não tinha nem vez, nem voz e muito menos vontade própria. Ser prostituta era sofrer o corolário apregoado às mulheres e um pouco mais.

Com esta subjugação e, ao mesmo tempo, com a aparente tolerância funcional que a sociedade enredava junto às prostitutas, surge uma classe dentre elas, que será odiada profundamente, pois, com sua *expertise*, inteligência, alto nível de educação e requinte, adentra ambientes os quais não lhe eram permitidos: a classe das cortesãs.

A crítica às cortesãs, por parte de alguns moralistas mais aferrados, se voltava para a exigência que elas faziam, sempre querendo mais dinheiro, mais joias, vestidos, coisas e coisas; o que poderia fatalmente arruinar um homem mais desavisado.

E como forma de dirimir essa modalidade, os homens do poder começam a colocar as cortesãs como causadoras de problemas graves, mesmo não sendo elas que os tenham causado, mas, se foi um de seus parceiros, a partir desse momento quem indiretamente pagará por esses problemas serão elas.

Adentrando no século 1500, a prostituição começa a ser duramente combatida pela Igreja. Isso se dá, principalmente, pois o matrimônio adquire mais força de repressão da mulher, alocando-a em um antigo lugar: o de casamento e de procriação.

A presença desses costumes mais rígidos se confronta com o período do Renascimento, quando encontramos avanços tecnológicos, econômicos, mas os pensamentos classicistas gregos e romanos são revisitados. Roberts (1998) declara que a casa era o “reino” da mulher ainda que não fossem elas as déspotas desse lugar, pois deveriam ser totalmente submissas ao seu esposo.

E como não há mal que não possa piorar, em 1522, as mulheres da França são consideradas seres incapazes, “devido a imbecilidade do seu sexo; logo, como um corolário a isso, o estupro de uma prostituta deixou de ser crime” (Roberts, 1998, p. 138).

Aqui temos dois momentos históricos nevrálgicos não só para as prostitutas, mas para todas as mulheres que não estavam situadas no papel de total submissão: a Reforma Protestante e a Contrarreforma da Igreja Católica.

Sabemos que a Reforma Protestante começa com Martinho Lutero, um monge alemão, que não aceitava a venda de indulgências¹ feitas pela Igreja, além do corolário de corrupção moral que estava impregnado nas comunidades católicas. Sua intenção era quebrar os paradigmas do mal que assolavam as sociedades, e buscar, de acordo com Roberts (1992), uma comunidade que partisse da obediência total a Deus e ao trabalho.

Assim, muitos bordéis foram fechados e a criminalização das prostitutas e das mulheres em geral ficou mais acirrada, como vemos na fala de Federici:

Num clima de imensa misoginia, caracterizada pelo avanço da Reforma Protestante e pela caça às bruxas, a prostituição foi inicialmente sujeita a novas restrições e, depois, criminalizada. Por todos as partes, entre 1530 a 1560, os bordéis urbanos foram fechados e as prostitutas, especialmente aquelas que trabalhavam na rua severamente punidas: banimento, flagelação e outras formas cruéis de reprimenda (Federici, 2017, p. 187).

Com a Igreja Católica perdendo muito fiéis, ela assume a Contrarreforma, buscando mais seriedade em seus princípios, e problematizando e relegando o lugar das mulheres à exclusão. Assim, muitas mulheres foram perseguidas, mortas em praça pública, queimadas e sofreram todo tipo de infâmia, ressaltando que as que sofreram essas penalidades eram as insubmissas a todo o regime, seja qual fosse o nível.

Calvino, um dos líderes protestantes, de acordo com Roberts (1998), trata a mulher como se a única função dela fosse a reprodução, e se ela morresse no parto, sua função já estava cumprida e não havia nada para se lamentar.

Mais uma vez a mulher é colocada única e exclusivamente com a função reprodutiva, base primária do sistema sexo-gênero – fora isso não serve para mais

¹ Indulgências é a disposição para perdoar culpas ou erros, clemência e misericórdia, assim os padres vendiam este perdão, indo de encontro com o que era pregado a partir dos escritos sagrados.

nada. Percebemos na passagem dos séculos que este pensamento continua fecundo em nossa sociedade. Apesar de muitos caminhos abertos, muitas conquistas, a experiência da maternidade ainda é muito compulsória, como se uma mulher que não tivesse filhos não pudesse ser feliz ou “completa”, mesmo sabendo-se que a completude não existe.

Com o Iluminismo no horizonte histórico, a despeito de seus pressupostos modernos, nada de novo para as mulheres e prostitutas se evidenciou, embora tenhamos a impressão de que foi um período muito mais afável para elas, pois os escritores da época trouxeram uma certa idealização da vivência diária. Podemos observar a partir da fala do escritor Jean-Jacques Rousseau, este contraponto:

Segundo Rousseau, as mulheres não deram nenhuma contribuição à civilização; ele acreditava que os gregos tinham o direito de enclausurar suas esposas e filhas em casa e separadas das esferas dos sexos, a ponto até de recusar a jantar com outras mulheres. Pois, como as mulheres foram criadas para ‘se submeter aos homens’, escreveu ele, era ‘indecente’ que buscassem a companhia de homens, quer fossem casadas ou solteiras (Roberts, 1998, p. 200).

Notamos, claramente, que a Idade as Luzes continuou sendo bem obscura para as mulheres, como em quase todos os períodos, que apresentam alguns feixes de luz, para depois trazer a penumbra e a escuridão para as prostitutas.

1.3 OS AMBIENTES, A PARTIR DO SÉCULO XVIII

Pensaremos aqui, os ambientes a partir do século XVIII, pois no nosso trabalho anterior de dissertação de mestrado, percorremos aqueles até a entrada desse século, sendo viável neste momento seguir a continuação.

No referido século encontraremos novas formas de experiências sexuais, não que elas não existissem, mas agora os bordéis se especializaram em satisfazer a todos os gostos.

Roberts (1998) descreve esses novos ambientes, e até nomeia quem eram as donas, por exemplo: Mme. Gourdan, localizado na rue de Deux Ports, em Paris, um bordel com um harém e mulheres, para todos os gostos e preços, e quartos para *voyeurs*, com acesso a observação de outros casais, à “câmara dos horrores” para quem praticava o sadomasoquismo e muitos outros.

As meninas de Mme. Gourdan, assim que chegavam, passavam primeiro pela *piscine*, na qual era realizado um asseio geral, tornando-as apresentáveis, e depois pelo *cabinet de toilette*, espaço onde aconteciam as instruções passadas desde os séculos, como os dizeres:

Você não deve esquecer de usar os sinais naturais das pessoas agonizantes [...] Deve acrescentar a estas ejaculações, respirações, suspiros, intermissões de palavras, e palavras carinhosas e elogios, em que você deve fazer o seu Parceiro acreditar que está fundida, dissolvida e totalmente consumida de prazer, embora as senhoras muito ocupadas em geral não fiquem mais comovidas com um abraço do que se fossem feitas de Madeira ou de pedra (Roberts, 1998, p. 191).

As artimanhas do sexo venal eram ensinadas para cada uma delas, e cada uma ainda colocava seu toque pessoal, angariando e buscando clientes, que, por muitas vezes, viravam amantes ou sempre as procurava.

No rol de bordéis específicos, encontraremos uns que eram somente para o clero, que se valiam até de entradas secretas para acobertar os “pecados” da Igreja, outro ainda que funcionava apenas com mulheres negras, outro que somente com mulheres virgens, e ainda havia um em que as mulheres que figuravam para o trabalho eram todas da nobreza.

Dentre os serviços prestados encontramos também a oferta de homens e de lesbianismo, mas com preços que quadruplicavam em relação à oferta “convencional” de mulheres, pois o risco era muito maior. Se acaso uma mulher fosse pega, a casa poderia sofrer retaliações e até banimento.

Outra forma que ficou muito frequente em terras parisienses e londrinas foi o açoitamento, com casas especializadas, que contavam com homens e mulheres realizando o serviço, e até a construção de máquinas para um flagelamento mais potente.

A jornalista Adler (1991) busca, a partir dos bordéis, falar sobre os “amores” da alcova, do bordel e da rua, na França de 1830 a 1930. No bordel, os “amores” são descritos de forma mais elegante, desde os ambientes, os tecidos, os aposentos e o estilo da prostituta que está inserida neste local. No entanto, com o passar do tempo, ela afirma que o ambiente começa a mudar, ela taxa como as não classificadas, sendo elas as viúvas, as mulheres que foram abandonadas, as divorciadas, as que estão envolvidas em escândalos e as estrangeiras, contribuiram para esse declínio.

A Paris de 1864 absorve cerca de 125.000 prostitutas, divididas em diversas classes sociais, que perambulam entre as ruas mais famosas até os recônditos espaços parisienses, vendendo desejos, “amor”, diversão e tudo que a prostituição pode oferecer.

Já o “amor” do bordel é aquele que, por muitas vezes, a luz vermelha encontra-se pendurada do lado de fora, do mais luxuoso à casa mais simples, esta, às vezes encontrando-se “vestida” de outros nomes. E a pergunta feita pela jornalista é: como no século XIX, é possível fugir do bordel? E ela responde:

Ele se ergue ali, magnífico e obsceno, temido e autorizado, já que está sujeito a regulamentação da polícia. Ele provoca incêndios no meio das cidades, regula as tensões de alguns de seus habitantes, é um pólo de atração e local de socialização para toda uma camada da população: homens casados, soldados, rapazes, solteiros, jovens ou velhos. [...] O bordel é um espaço fechado, tranquilizador para polícia, angustiante para as meninas, prático para os clientes (Adler, 1991, p. 44).

Vemos que os bordéis não são bons para todos, principalmente para quem trabalha, que passa por poucas e boas tanto com seus clientes, como com as pessoas que gerenciam os bordéis. Ainda no mesmo contexto da obra, existem outras percepções um tanto quanto pejorativas para os bordéis, como: “esgoto seminal, fábrica de arrependimentos, refugio de perversões, receptáculo de carícias, instituição filantrópica de caridade insubstituível, inferno dos vícios, reservatórios de paixões funestas, coletor e conservador de doenças” (Adler, 1991, p. 45).

Mais uma vez, encontramos denominações e conceitos pouco amigáveis relacionados aos bordéis. A sociedade ocidental tem, ao longo dos séculos, apontado tudo que diz respeito à prostituição como algo sujo, sempre com repúdio. Essa narrativa construída, primeiramente, por uma sociedade masculina, patriarcal, faz-nos pensar que existe em suas falas uma forma de imputação dos males para o outro. No caso as prostitutas, na realidade, o grande motivo delas existirem, se deve justamente pela libido incontrolável dos mesmos idealizadores do sistema patriarcal.

Conforme o tempo vai passando e inúmeros motivos culminam na diminuição dos bordéis franceses, mesmo que isso não reduza a prostituição, o local passa a se concentrar na rua. Na rua, o registro é mais difícil, elas se tornam mais destemidas, a disputa é muito grande, o “caça-homem” torna-se uma constante. O lugar público que a rua representa, a liberdade e o perigo andam de mãos dadas; a faca de dois gumes

que permite ser e fazer o que quiser, também situa o deparar-se com o estar só, uma vez que a prostituta passa a ter que sair por conta própria das encencas que a rua traz.

Na Inglaterra, a questão das prostitutas de rua começa no século XVI, mas se intensifica nos séculos seguintes, com o êxodo rural, ou melhor, com a expulsão dos camponeses da terra. As mulheres se perceberam sem outra opção de trabalho, ou quando o tinham eram jornadas extenuantes, de 14 a 16 horas ininterruptas, na costura têxtil ou em outros serviços muito pesados, que eram desumanos.

No entanto, não era somente isso, a prostituição não estava abarcando a quantidade de mulheres que chegava às cidades. A tentativa de sobrevivência as levava, muitas vezes, ao crime, como vemos:

Nessas circunstâncias, o respeito pela moralidade e pela propriedade era um luxo que as mulheres de classe trabalhadora dificilmente poderiam se permitir. E mesmo quando se tornavam prostitutas, a luta pela sobrevivência estava longe de haver terminado; a extremidade inferior do mercado do sexo estava tão inundada de mulheres pobres que em geral era impossível conseguirem uma vida razoável – especialmente se tivessem filhos para alimentar. Assim, além da prostituição, as mulheres também cometiam pequenos crimes (Roberts, 1998, p. 205).

Cenas como as descritas acima duraram ainda bastante tempo, em alguns lugares ainda perduram até os dias atuais, ainda que com algumas modificações. Na Grã-Bretanha do século XIX, a quantidade de mulheres nas ruas aumentava, e o que ocorreu de diferente nesse sentido foi a novidade dos *pubs*, lugares com bebidas e espaços para as danças, mas que tinham acesso livre para as classes trabalhadoras. Isso provocou ultraje à alta classe e aos moralistas, diante das ofertas alternativas para a grande massa.

Nos anos seguintes, os cassinos e os salões de dança também serviam como ambientes para prostituição, além, claro, das suas funções de aposta e divertimento. Não podemos deixar de falar dos teatros, mesmo eles já tendo antiga tradição de ambientes que possibilitavam espaço para a prostituição.

No ambiente londrino do século XIX, temos o relato que uma prostituta deu ao jornalista Bracebrigde Hemyng, que conta no livro de Roberts:

Ora, se não tenho cartas para escrever ou a visita de nenhum de meus amigos, levanto-me mais ou menos às quatro horas, visto-me e janto. Depois disso, posso perambular pelas ruas durante uma ou duas

horas e pegar alguém que a sorte de encontrar, ou seja, se quero dinheiro. Depois vou até o Holborn, danço um pouco, e, se alguém gosta de mim, levo-o para casa comigo. Se não, vou até o Haymarket e fico passando de um café para outro- do Sallys parao Carlton, do Barn's para o Sams', e se não encontro ninguém lá, vou, se tiver vontade até as tabacarias. Gosto mais de Grand Turkist, mas não é garantido se encontrar bons homens em qualquer tabacaria (Roberts, 1998, p. 233).

Podemos perceber que essa prostituta tem livre acesso às ruas, estabelecimentos e ambientes e parece ter uma “condição” mais confortável. Muito diferente de uma grande parte das prostitutas deste século, que trabalhava nas ruas para aumentar a renda, pois somente com o salário de operária não era possível sustentar seus filhos. Assim trabalhavam durante o dia nas fábricas e à noite nas ruas, e não com tanta exposição, colocando-se mais nas ruas afastadas ou próximas aos ambientes mais movimentados.

Um outro tipo de bordel que foi muito explorado nesse período, quiçá, até os dias atuais, foi o que praticava exploração sexual infantil de meninos e meninas, além de comércio da virgindade, monetizando a fantasia masculina construída a partir da defloração. Esses pensamentos advêm de uma casta burguesa e cristã que acreditava na virgindade como uma pureza. Por outro lado, essa procura era garantia de uma certa “tranquilidade” quanto à possibilidade de contrair alguma doença venérea, que se espalhavam como uma peste na época.

O que devemos entender como causa para este *boom* na era vitoriana era, sobretudo, a questão social. A demanda por meninas e meninos virgens e jovens era tamanha, com a pobreza e a miséria batendo recordes, que muitos pais comercializavam suas crianças.

Outra questão eram os bordéis homossexuais, um grande tabu nessa era vitoriana. Mesmo sendo tabu, eles existiam e seus frequentadores eram da alta classe e da nobreza, como descreve Roberts (1998, p. 240): “homens de posição, e ocupando situações respeitáveis na vida, podiam ser vistos chafurdando nas camas com miseráveis da pior espécie”.

1.4 OS ESTIGMAS QUE RECAEM SOBRE A PROSTITUTA DO SÉCULO XIX

Muitos dos efeitos que atualmente envolvem a condição sexual, a obtenção de prazer, o ter desejo, foram condicionados pelo século XIX, com a ascensão da classe

dominante burguesa que, para ter a segurança da fidelidade da mulher e conseqüentemente da legitimidade de sua prole, com o seu sangue, já que esta conduziria os negócios futuros, criou e arquitetou muito bem um imaginário popular de que a mulher era praticamente uma assexuada, que não sentia desejo, prazer, ou qualquer coisa boa que o sexo trouxesse.

O que entendemos é quanto mais a sexualidade feminina é reprimida, mais a masculina se aproveita disso para angariar mais meios de liberdade. Contudo, como essa liberdade só existe para um lado dos cônjuges, a busca pelo sexo libertário segue em proporção para as ruas, para os bordéis, para as zonas de meretrício.

Daí vamos encontrar mais uma vez a contradição da hipocrisia; quanto mais o homem busca a prostituição, mais ele a desumaniza, a inferioriza e a degrada. Isso pode ser observado em um vocabulário que a demoniza, ao mesmo tempo que ressalta a sua necessidade:

Esse ser infeliz cujo próprio nome é uma vergonha mencionar [...] aparece em todas as épocas como símbolo perpétuo da degradação e do pecado do homem. Ela própria o tipo supremo de vício, é fundamentalmente a mais eficiente guardiã da virtude. Mas sem ela a desafiada pureza dos lares seria contaminada. Dessa forma degradada e ignóbil estão concentradas as paixões que poderiam ter enchido o mundo de vergonha. Ela permanece, enquanto os credos e as civilizações ascendem e caem, a eterna sacerdotisa da humanidade, maldita pelos pecados das pessoas (Harrison, 1977, p. 244, tradução nossa).

Mais uma vez, a prostituta é vista como a salvadora, mas também como a raiz de todo mal, o anjo e o demônio, o que eles chamaram de “o mal necessário”; mas também questionamos, necessário para quem? Pensando uma resposta para tal indagação, podemos sugerir com muita tranquilidade que os homens, detentores do poder, manipularam histórias, verdades e mentiras a seu favor. Uma forma deles conseguirem isso está na anulação da subjetividade das mulheres, e para isso é necessário desumanizá-las, retirar delas o básico, fazer a sociedade acreditar em suas inoperâncias como indivíduos. Isso foi construído durante séculos, e quanto mais o tempo passava mais as mulheres eram tolhidas, seus corpos eram objetificados pelos homens. Na estrutura disciplinar de uma sociedade patriarcal, “elas”, “as boas mulheres”, eram seres não desejantes, desprovidas de qualquer libido, de formas de gozo, o que, paralelamente, vai de encontro com as “outras”, “as más mulheres”, as prostitutas. Tal dicotomia é, no mínimo, paradoxal, ou podemos crer realmente que as

mulheres de família eram seres não desejantes, e somente as prostitutas, por algum motivo, eram desejantes, sexuais e tinham *expertise* nisso?

Esse questionamento foi feito e os próprios homens da época tentaram responder, atribuindo a culpa às próprias prostitutas, em vez de nas condições sub-humanas que uma parcela da sociedade vivia, defendendo que esta lascividade era passada de família para família, já que elas tinham o comércio do sexo nas veias, além da ociosidade que as conduzia a este caminho.

Além disso, a literatura do período francês também vai implicar a culpa do colapso do Segundo Império, em 1870, nas prostitutas, com histórias que falavam da prostituição, como papel imaginativo no desejo dos leitores. Ao final, era a mulher prostituída que devia pagar com a vida e, de preferência, de forma horrível, por todo mal que ela causava aos homens e a sociedade em geral. Não é que esse pensamento já não existisse, mas nessa ocasião ele começava a ser disseminado, lido e relido nas páginas da ficção – o que em alguma medida constituía um fundo de verdade ao imaginário social.

O livro de Zola, *Naná* (1880), é um perfeito “documento” da época, trazendo este estereótipo e marcando o estigma da prostituta com tamanha força, que seus dizeres são repetidos por muitos até os dias atuais.

Para além da literatura, os científicos também buscavam incessantemente “estudos” que de alguma forma marcassem ou diferenciassem as prostitutas. Elas foram examinadas, todas as suas partes foram inspecionadas, mas nunca evidenciaram nada, porém, lançaram muitas suposições, desde a curvatura de seus olhos, a falta de cabelo, e a rouquidão, como algo inerente às mulheres que usam seu corpo para o trabalho venal, além de trazerem a possibilidade de retardo mental por elas terem, supostamente, cérebros menores do que os dos outros indivíduos.

Estes estudos foram usados como documentos que comprovariam a condição outra das prostitutas, reforçando um estigma e estabelecendo um motivo para a anormalidade dessas mulheres, pois, a princípio, elas não eram assexuadas como deveriam por conta dessas “mutações”, como descreve Roberts:

Neste salão de espelhos ideológicos, cada termo de abuso era usado para definir o outro: “pobreza de espírito”, “degeneração”, “imoralidade” – “prostituição”. O resultado final era estabelecer um círculo vicioso de definições que aprisionavam a prostituta em um status proscrito tão inevitável – embora nebuloso – quanto o destino.

A partir de agora seria a Outra: para sempre separada da tribo superior dos seres morais que a julgavam (Roberts, 1998, p. 273).

O corolário vicioso que Roberts descreve sobre as prostitutas é o que Goffman (1988), antropólogo e escritor canadense, vai discutir a partir dos estigmas. Ele fala que os valores são construídos pela sociedade e são apregoados como realidade.

São pré-concepções que são criadas por uma parcela da sociedade que delimita os padrões, e tudo que não se encaixa no que eles acreditam, é colocado como fora do padrão, como algo que está à margem, que não é considerado bom, excluindo outros tantos marcadores sociais e focando apenas em um quesito – muitas vezes, uma transgressão, reduzindo um grupo ou camada toda da população ao descaso e à perseguição.

As prostitutas fazem parte de um grupo totalmente estigmatizado e, quando dizemos totalmente, é por ele ser escalonado a depender do tipo de prostituição, mas que, no geral, demarca a vida de todas.

Se pensarmos na própria literatura, as narrativas, em sua maioria, traziam a personagem da prostituta, mas ao final algo acontecia com ela como forma de redenção, podendo ser a morte, uma mudança de vida, o casamento etc.

Um dos grupos que delimitavam esses padrões era a burguesia, que durante o século XIX determinou a máxima de seus discursos em todos os pilares de uma sociedade, isto é: o econômico, o político, o religioso ou o ideológico. O papel social da mulher é para o bom andamento familiar, o da mulher que cuida da família, o da que deve obediência ao homem, sendo assim a santa. Não estando a mulher dentro desse padrão, ela seria a outra, a puta, apregoando o que ecoa até os dias atuais: a mulher santa e a puta, a mulher que é para o casamento e as outras. Esses opostos são baseados na postura serviçal de uma mulher perante os homens, e na questão da classe social. Sendo assim, a mulher que não se submetesse aos mandos masculinos, e não fosse de uma família de posses, estaria fadada ao estigma e, muitas vezes, também era direcionada à prostituição, já que a sociedade fechava as portas para ela em outras atividades.

Além disso, encontramos a situação das doenças venéreas, alastrando-se como pólvora, enquanto os médicos, que poderiam ajudar a frear a transmissão, pouco ou nada sabiam a respeito das doenças. Essa falta de conhecimento

possibilitava a criação de hipóteses, as quais foram despejadas, totalmente, sobre as prostitutas.

Já aproveitando que a prostituta era uma ameaça à classe média vitoriana, ao seu moralismo inadequado, que estava sendo quebrado pela classe trabalhadora, nada mais justo que submeter toda a culpa das doenças venéreas às prostitutas. Devemos entender que, primeiramente, as doenças eram tidas como um castigo de Deus para as prostitutas, e, conseqüentemente, para as pessoas que se relacionavam com elas. Mais uma vez, a história se repete e as prostitutas, mulheres, persistem como a raiz de todo mal.

No final do século XIX e início do século XX, as prostitutas sofreram uma repressão muito forte na Grã-Bretanha, com o Ato Policial categorizando a “vadiagem” como uma ofensa, e fazendo com que todos os lugares fossem fechando as portas para as prostitutas.

Mesmo sabendo que essas doenças poderiam matar, os níveis eram relativamente pequenos, comparando-as à tuberculose, ou aos riscos que a mulheres sofriam durante o parto. O número de pessoas que morriam estava mais ligado ao mal uso do mercúrio pelos médicos, do que pela doença, de acordo com Roberts (1998).

As prostitutas utilizavam ervas e outros tipos de limpeza, tanto como prevenção como para tratar das pessoas infectadas, com uma eficiência bem melhor, e menos mortal, que a dos especialistas.

Ainda na Grã-Bretanha, no primeiro Ato das Doenças Contagiosas, os policiais podiam prender qualquer mulher suspeita e, além disso, poderiam enquadrá-la como uma prostituta comum, sendo intimada a uma inspeção médica. Se por algum motivo ela negasse, seria levada a um hospital que tratava das doenças venéreas e, ficando comprovado que estava infectada, ficaria presa por até três meses. O que acontecia era que nem todas que ficavam presas estavam com a doença, algumas eram infectadas lá mesmo, devido aos equipamentos sem nenhuma assepsia por parte dos médicos, e assim elas eram “envenenadas” com doses cavalares de mercúrio.

Diante do exposto, vemos situações das mais degradantes pelas quais as mulheres passavam nos hospitais/prisões, mas ainda não eram o que havia de pior. Muitas, quando deixavam o local, descobriam que seus filhos tinham sido enviados a reformatórios, seus quartos tinham sido passados a outras pessoas, e seus pertences haviam sido vendidos para pagar o aluguel ou qualquer dívida que nomearam a elas.

Vemos que o século XIX não foi fácil para as prostitutas, ao lidarem com os Atos, a busca pela moralidade burguesa, além de uma imposição pela virtude da “pureza” travada por grupos cristãos, que relegavam a prostituta cada vez mais à marginalidade – atitudes estas que, ainda veremos, por vezes com novas roupagens, perpetuadas no próximo século.

1.5 A DEMANDA DA PROSTITUIÇÃO NO SÉCULO XX

Depois de um século de muita perseguição e sofrimento para as prostitutas, o século XX começa com novos ares. No entanto, o que promove a nova atmosfera são situações que devastaram milhares e milhares de famílias, pessoas, cidades – enfim, a tragédia estava instaurada.

Neste século, deparamo-nos com a Primeira Guerra Mundial, a Revolução Russa, a Grande Depressão, a ascensão do fascismo, a Guerra Civil Espanhola, além da Segunda Guerra Mundial. Sendo assim, os olhares antes tão ferrenhos para a prostituição, em determinadas proporções, são direcionados para os grandes conflitos.

Também não podemos esquecer que os conflitos armados vão impactar na forma como a sociedade vivia, nas condições financeiras, no trabalho, nos programas direcionados ao divertimento – tudo de alguma forma será ressignificado, e em alguns momentos extintos.

Outra questão muito importante está ligada à moral, que depois de toda a barbárie ficará enfraquecida, e as altas classes, a partir da década de 1920, começam a experimentar uma certa liberdade sexual. Todavia, desde que essa liberdade não ultrapasse alguns momentos da juventude, ela continua sendo restrita, tendo em vista a predominância dos casamentos que tragam “benefícios”.

A questão do pós-guerra relacionada ao êxodo rural vai levar milhares de mulheres às cidades em busca de emprego, que não era ofertado a todas, impondo-as a procurar seu ganha pão nas ruas.

Se as ruas fossem na Rússia e na Alemanha, as condições seriam muito piores, já que governos reacionários tendem a colocar as prostitutas em uma condição total de marginalização, próprio de um pleonasma.

Mas toda limitação dura apenas até a proporção de sua desnecessidade. Na Alemanha pós Primeira Guerra, bordéis foram regulamentados, pois os soldados

“precisavam” de “divertimento” – e quem mais poderia satisfazer esses “pobres homens”?

Já nos Estados Unidos, a prostituição acontecia sob o jugo da máfia e das gangues. Eles que operavam toda clandestinidade da prostituição, assim como também ficavam com a maior parte dos ganhos das prostitutas, que se não fizessem ou não dessem o que era pedido, eram espancadas e até mortas.

Na década de 1930, nos Estados Unidos e na Inglaterra, a pobreza e as más condições de vida aumentavam vertiginosamente. Com isso, aumenta a quantidade de mulheres que se submetiam à prostituição; mesmo com toda a pressão governamental, a necessidade fez e faz o sexo venal aumentar.

O que também aumentou foram os romances que abordavam meninas que tiveram que se prostituir em troca de emprego para pai, irmão, como no caso de “Love on the Dole”, que vai parar nas telonas em 1941, e que durante a depressão econômica na Inglaterra, representa a menina Sally tentando conquistar um homem rico, com o intuito de ajudar sua família.

Em uma outra obra “Jew Boy”, de 1935, uma criada vira prostituta, mas não se lamenta. Ela, pelo contrário, fala que quando era criada, os patrões ou seus filhos ficavam acoossando-a, procurando por sexo gratuito, além de ela ter que lavar, limpar... Até que à certa altura, eles a procuram para fazer sexo, mas são cobrados por um pagamento, o que faz com que ela não precise trabalhar até não aguentar mais com as antigas tarefas.

Esta questão do assédio sexual não era uma novidade e, por incrível que pareça, ainda hoje encontramos casos assim. O serviço doméstico, pensado historicamente, é pré-determinado ao sexo feminino que, em um sistema patriarcal, (sobre)vive a partir do jogo do homem. Nesse jogo tende-se a achar, e a sociedade de certa forma o reproduz, que o homem tudo pode e assim ocorriam as “investidas” (trazendo um eufemismo) por partes desses patrões sobre as empregadas. Se pensarmos ainda no Brasil que advém de uma sociedade escravocrata, as condições das escravas que eram obrigadas a aceitar este estupro por parte dos “senhores” e sua prole era grande.

Outra coisa que devemos mencionar é que as duas obras acima citadas são escritas por homens, como grande parte da literatura que aborda as histórias com as prostitutas. Isso passa a mudar no final do século XX, meados da década de 1990,

quando se traz um novo olhar, uma escrita, uma história dita, escrita e vivenciada por elas, as próprias prostitutas.

Mas uma coisa que não podemos deixar de ressaltar é que, no século XX, os escritores buscavam um olhar diferente sobre a prostituição, pelo menos diferente em comparação aos escritores dos séculos anteriores. Vale lembrar que, para aqueles, as prostitutas, ao final das narrativas, morriam ou iam isolar-se em conventos, ou ainda traziam necessariamente um final que obrigatoriamente perpassasse alguma questão moral, pois não podia simplesmente haver desfecho no qual a prostituta terminasse feliz.

A década de 1950 começa a apresentar uma tendência que chega até os dias atuais, e que se trata da questão do consumo. Em nenhum momento vamos deixar de lado a hipótese de que a prostituição advém principalmente da necessidade, da luta pela sobrevivência, mas é notório, a partir dessa década, que o comércio sexual vem se tornar a única forma da mulher ganhar mais que um homem e de, concomitantemente, ainda poder controlar seu tempo e suas condições de trabalho. Em algumas vezes, ela até poderia assegurar para seus filhos uma melhor qualidade de vida, enviesada também pelo fator do consumo, que era pregado a todo tempo.

Outro ponto que devemos observar é o período do pós-guerra, da década de 1960, que também abre muitos caminhos para a liberdade sexual, com os métodos contraceptivos – o anticoncepcional – que possibilitaram e possibilitam a mulher vivenciar sua sexualidade com mais autonomia. Sendo assim, parece razoável que diante de toda a liberdade proposta, a vida das prostitutas não fosse o centro da atenção da “patrulha da moral”, leia-se: religião, política e polícia. Todavia, é aí que nos enganamos, pois parece que quanto mais a sociedade abria-se para as “novidades”, mais os “patrulheiros” precisavam buscar um bode expiatório para pôr a culpa, e mais uma vez as culpadas eram as prostitutas.

Nos Estados Unidos o comércio nunca parou, tampouco a perseguição, que as nomeava, as cerceava e as cobrava todos os tipos de multa, mesmo que a demanda não cessasse. Muitas vezes, os próprios paladinos da moral e dos bons costumes eram os grandes “apreciadores” dos trabalhos das prostitutas.

Como sempre, a perseguição e a procura pelos trabalhos das prostitutas não parava, já que, por vezes, mudam as formas, mas o círculo vicioso é sempre o mesmo. Um discurso falacioso, que se ancora em conceitos religiosos, e que somente são trazidos à tona quando servem para benefícios próprios e para inferiorizar, por vezes,

e desumanizar o outro, estigmatizando cada vez mais a vida das prostitutas. Essa grande incoerência fez do século XX um século tão promissor para muitas coisas, embora não trouxesse a dignidade e a liberdade que a prostituição almejava.

1.6 A PROSTITUIÇÃO E SUA LIGAÇÃO COM OS MOVIMENTOS FEMINISTAS

Vimos que durante toda a história oficial um discurso foi construído a respeito da prostituta, sendo ele: “a prostituta como um mal necessário”. Sua apregoação cobra um preço que está no decréscimo do valor da prostituta, mediante sua constante passagem por um apagamento proposital, de cunho social.

Elas são invisibilizadas, subjugadas por uma sociedade que alimenta ser direcionada por uma moral cristã, mas que só existe muito mais no papel e nas falas, do que nas práticas e ações cotidianas de seus fiéis religiosos.

Esta parcela social que circunscreveu esse discurso e o faz até hoje – diga-se: homens brancos de classe alta, políticos, religiosos e homens em geral –, forjou a identidade da prostituta, silenciando-a, estigmatizando-a, configurando-a ora como coisa, ora como a raiz de todo mal, ou ainda como causadora da morte (no tempo que as doenças sexualmente transmissíveis ainda eram desconhecidas da medicina).

A professora Margareth Rago (1991), estudiosa da prostituição no Brasil, descreve que o médico F. Ferraz de Macedo relaciona a prostituição como fruto da ociosidade, da falta de religião, da luxúria, da falta de moral e da busca desmedida pelo prazer, como se a entrada e permanência na prostituição fosse apenas uma questão de falha moral.

O que nos aterroriza é que o discurso do médico foi construído e transpassa os séculos. Se ele, no século XX, tinha esta mentalidade é porque ela teve suas raízes fortalecidas, e se hoje este discurso ainda é repetido com fervor, diz de um pensamento, conservador, que está se perpetuando.

Ainda, e infelizmente, temos um discurso machista e patriarcal ecoando na sociedade, mas que agora não é uníssono, pois novas vozes aparecem para reivindicar seus espaços; estamos, desde já, nos remetendo aos movimentos feministas.

Antes de adentrar os diversos movimentos, devemos destacar que eles não são todos consensuais sobre a prostituição, seja por alguns buscarem melhores

condições de trabalho, seja por outros buscarem reflexões mais complexas, seja por outros ainda buscarem uma erradicação total do trabalho sexual.

Uma questão bem importante é o fato de a partir da década de 1990, a prostituta começar a dar voz as suas histórias, não mais a partir da voz do outro, da visão masculina, mas desde o seu lugar de fala, de sua vivência.

Gabriela Leite (1992, 2008) escreveu dois livros narrando suas histórias na prostituição, mas que também prestigiam sua militância pelos direitos das prostitutas, mesmo em ambientes que as pautas discutidas eram contrárias ao conservadorismo. Quando ela se denominava de puta, ou como trabalhadora do sexo, era notório o preconceito surgindo, como se elas não tivessem o direito de estarem ali, de buscarem seus lugares de fala nos movimentos sociais.

Monique Prada, trabalhadora do sexo até os dias atuais, escreveu um livro chamado *Putafeminista* (2018), o qual surge da vontade de pensar que as prostitutas podem estar inseridas em movimentos feministas, quebrando barreiras, buscando direitos, além de discutir as diferentes faces da prostituição, que tratemos para a análise posterior desta tese.

Ela aborda a questão conflituosa das prostitutas que são feministas e das feministas que se posicionam contra a prostituição. Prada (2018) descreve que a prostituição deve ser considerada um trabalho possível, e não somente um exercício de violência física ou financeira.

Ela não relativiza que a maioria das mulheres que estão na prostituição adentraram por questões financeiras, ligadas à baixa escolaridade, à classe social economicamente carente, à vulnerabilidade à violência, mas que acima disso, existe a necessidade de reconhecimento como trabalhador que tem seus direitos garantidos.

O que ocorre é que no Brasil, mas não somente, existe uma ala feminista, por diversas vezes ligadas a diversas religiões, de um feminismo ultraconservador, que propaga a ideia de abolição da prostituição, negando às mulheres que estão e querem continuar nesse trabalho a reivindicação de melhores condições, direitos e acessos trabalhistas, como qualquer outro trabalho.

Para a ala conservadora, que existe praticamente desde sempre, a questão do extermínio já acontece há séculos, desde a marginalização das prostitutas, sendo imputadas a saírem das cidades, criando leis para dificultar o trabalho e punindo-as de outras tantas formas.

A busca pelo fim da prostituição atualmente é algo um tanto utópico. Prada (2018) usa a expressão “utopia distópica”, já que ela acha válido pensar em uma condição de igualdade para todos, mesmo afirmando estar ciente da inviabilidade dessa condição agora. Por isso, a importância de pensar direitos e condições de trabalho para as profissionais do sexo.

As primeiras organizações sociais de prostitutas datam da década de 1970-1980, na França e Estados Unidos. No Brasil, Gabriela Leite e Lourdes Barreto foram pioneiras no movimento. O livro de Gabriela foi o pioneiro no Brasil, falando sobre a sua vivência na prostituição. O de Lourdes foi recém-publicado e se trata do último objeto de nossa análise adiante. Como não havia, no início da década de 1980, uma associação de prostitutas, primeiro existiram encontros e passeatas, manifestações pela causa, como a primeira que tivemos notícias em 1979, na Avenida São João, em São Paulo, contra a truculência da polícia contra as prostitutas. É aí que se começa a vislumbrar um possível movimento, como diz Leite:

[...] se nós conseguimos realizar aquilo com o centro de São Paulo, é porque dava pra fazer outras coisas mais. No auge da excitação com a passeata, algumas perguntas brotaram na minha cabeça: “Por que nós não nos organizamos de uma maneira mais permanente?” “Porque a gente não se organiza contra a violência policial?” Comecei a ver nisso um trabalho político seríssimo, concreto, que faz parte do dia-a-dia da prostituição (Leite, 1992, p. 85-86).

Assim, Leite começa a participar como representante quando se reuniam outros movimentos sociais, reivindicando não só o lugar de fala, mas de direitos também. Dentro dos movimentos sociais as prostitutas encontravam, por vezes, resistência. Isso pois, a sociedade espera que a prostituta esteja sempre às escondidas, que ela exista, mas escamoteada da visão pública. Existe todo um imaginário a respeito da prostituta, uma mescla que a coloca ao mesmo tempo no lugar da miserável, mas da perversa, da excluída socialmente, mas também da devassa. Mesmo que ela tenha sido colocada nesse lugar por problemas sociais, também termina por lhe ser relegada tal marginalidade, por não controlar seus desejos; enfim, ela é colocada nas perspectivas de paradoxos, em um estigma que quer deslegitimá-la.

Em 1987, realiza-se o primeiro encontro nacional de prostitutas, com cerca de 70 mulheres de 11 estados diferentes, ocasião da criação da Rede Brasileira de Prostitutas. Pouco tempo depois, Gabriela Leite cria a primeira associação de

prostitutas do Brasil, no intuito de deter um processo de segregação urbana que começava, a princípio, no Rio de Janeiro, e depois em diversas capitais.

A segregação urbana em questão é a que conhecemos como revitalização, ou pelo conceito de gentrificação – ações que buscam agregar valor capital ao local e conseqüentemente aos imóveis em bairros antigos ou suburbanos – que ocorre através de uma “higienização local”, com a expulsão, de alguma forma, de tudo o que sai do padrão de sofisticação projetada, como moradores de ruas e prostitutas.

Uma coisa recorrente que devemos observar é que, na maioria das vezes, as prostitutas encontram-se ou são colocadas em locais distantes, que não tem apelo comercial ou lugares taxados como perigosos e degradantes. Essa marca traz outros tantos sinônimos, geralmente, para o local de trabalhos das prostitutas, como lugares: *trash*, violentos, esquisitos, perigosos, “baixos”, lugares por onde todo “cidadão de bem” deveria passar longe, em nome do princípio moral deles; mas, bem sabemos que não é isso que acontece, principalmente com a ala masculina.

Um importante marco dentro do movimento foi a marca Daspu, uma alusão a uma marca famosa, elitista, que existia em São Paulo chamada Daslu. A Daspu era uma marca de roupas pensada e confeccionada pelas prostitutas, lançada em 2005, que visava trazer renda, parcerias e projetos para as trabalhadoras, e situava-se na praça Tiradentes, no Rio de Janeiro, um centro histórico boêmio no qual algumas “passarelas-passeatas” de moda aconteceram.

Com esse movimento, elas reivindicavam o fim do preconceito, violência, tentando derrubar estigmas e mostrando a prostituição como um trabalho digno. Porém, colocar-se como puta nesses tempos podia acarretar mais estigmatização e preconceito.

No entanto, o que ocorre na atualidade, é uma tentativa de inversão desses estigmas, que durante séculos foram disseminados por uma sociedade machista, patriarcal, que utilizava muito os serviços das prostitutas, mas que as queria longe dos olhos sociais – uma vez na margem, ficava mais fácil a aproximação clandestina e a culpabilização por qualquer problema avulso que lhes fosse conveniente, já que de modo algum sofreriam qualquer retaliação. Entretanto, a partir dessas mulheres que escrevem suas histórias, estudam, estão nas redes sociais, na política, se afirmam como escritoras, mães, pensadoras, professoras, estudantes, e exercem a função de prostituta, há novas possibilidades subjetivas.

Monique Prada (2018, p. 41) aponta: “mas, numa sociedade como a nossa, vira puta quem precisa, [...] E dessas, algumas gostam de sexo, algumas têm lá seus talentos, e outras, não.” O que fica bem aparente é que ser prostituta não está relacionado a gostar ou não de sexo, pois se esse fosse o motivo, na sociedade que vivemos hoje, elas poderiam relacionar-se sexualmente com inúmeras pessoas, que ela poderia escolher, e não como na prostituição que, geralmente, ela que é escolhida, não lhe sendo concedida a possibilidade de escolha.

As trabalhadoras sexuais prestam um serviço, disponibilizam seus corpos como moedas de troca, para homens socialmente respeitáveis, que são os mesmos junto com seus filhos e mulheres respeitáveis a condenar todas as formas de prostituição.

Como o discurso vem sendo propagado por séculos, é bastante comum que discursos estigmatizados, por vezes, sejam replicados por profissionais do sexo, como vamos verificar à frente com algumas falas de Virginie Despentes (2016), com sua *Teoria King Kong*, mas que Monique apresenta no fragmento abaixo:

Virginie exerceu o trabalho sexual por cerca de um ano, na França. E ela é uma boa prova de que não basta ser prostituta para estar livre desse tipo de pensamento. Muitas de nós consideramos nosso dinheiro maldito, porque ele parece voar de nossas mãos: gastamos boa parte em roupas, lingerie, maquiagem, tratamentos estéticos e perfumes, essenciais ao exercício dessa atividade afinal. E muitas vezes nos culpamos por isso, como se estivéssemos jogando dinheiro fora. É possível que a condição de informalidade, aliada à ideia de que trabalho sexual não é um trabalho verdadeiro, nos impeça de perceber que esses custos são um investimento necessário para que nossa “firma” siga funcionando e dando um bom lucro, apenas isso. Um tipo de investimento, e não um modo de desperdiçar o que se ganha (Prada, 2018, p. 51).

Percebemos, a partir da fala de Monique a importância de legitimar o trabalho sexual para a sociedade, mas também para as próprias profissionais, trazendo consciência de classe e empoderamento para todos os indivíduos inseridos na prostituição.

Podemos perceber parte disso no caso de Virginie, que começa seu livro da seguinte forma:

Escrevo a partir da feiura e para as feias, as caminhoneiras, as frígidas, as mal comidas, as incomíveis, as histéricas, as taradas, todas as excluídas do grande mercado da boa moça. E começo assim para que tudo fique bem claro: não me desculpo de nada, não vim aqui

para reclamar. Não trocaria de lugar com ninguém, porque ser Virginie Despentes me parece um assunto muito mais interessante do que qualquer outro (Despentes, 2016, p. 7).

Claramente, a autora parece ser uma pessoa livre de preconceitos, libertária, e que usa da sua voz para falar desses tantos não-lugares que por vezes as pessoas se encontram, mas mesmo com todo nosso conhecimento de mundo e artimanhas das sociedades, somos cooptadas por discursos tão antigos e pueris que não coadunam com nossas falas e atos.

Se Monique descreve que Virginie em algum momento caiu no discurso padrão, podemos pensar e refletir melhor sobre isso. No entanto, em nada isso desabona a obra francesa, que foi sucesso de vendas em seu país de origem, e que traz importantes reflexões sobre o ser e estar como mulher no mundo atual. Faz uma gradação do seu lugar de jovem *punk* à prostituição, ao estupro sofrido e a carreira de cineasta, dando voz ao poder sexual feminino.

Podemos entender o *Teoria King Kong* como um grande manifesto social, uma voz que fala de uma maternidade opressora, e quase imputada a todas as mulheres, e sobre como a sociedade acoberta, por tantas vezes, o estupro.

Estudando a história das prostitutas fica claro que as leis contra o estupro foram criadas para salvaguardar as mulheres pertencentes à classe nobre. O que acontecia com as outras mulheres pouco importavam, e as punições para esses crimes eram mínimas, sem falar da questão da exposição por parte da mulher. Por medo ou vergonha, muitas mulheres, até os dias atuais, não registram queixas do ocorrido, fazendo o sentimento de impunidade crescer, e por vezes, incentivam os homens a continuarem a cometer esse crime hediondo.

Outra questão levantada por ela é que os estupradores não se reconhecem como tais, pois “na maioria dos casos o estuprador se arranja com sua consciência, afinal não houve estupro, era só uma puta que não assume e que precisava apenas ser convencida” (Despentes, 2016, p. 30).

Ela relata ainda os casos dos estupros de guerra, uma forma de virilização dos grupos. Avançando nos seus relatos, seu encontro com os movimentos feministas, ela afirma que para todas as dores ela encontrava consolo na literatura, mas para o estupro não. O estupro é uma dor sentida na alma, e isso nunca irá deixar de existir, embora ela fale de uma ressignificação, que deve acontecer da seguinte maneira:

O estupro como um risco inevitável, inerente à nossa condição de meninas. Uma liberdade incrível de desdramatização. Sim, havíamos saído de casa, alcançado um espaço que não nos era destinado. Sim, havíamos sobrevivido ao invés de morrer. Sim, usávamos minissaias sem estarmos acompanhadas de um cara, de noite, sim, fomos estúpidas e fracas e incapazes de quebrar a cara deles fracas como as meninas aprendem a ser quando são agredidas. Sim, aquilo tinha acontecido conosco, mas, pela primeira vez, compreendíamos o que havíamos feito: tínhamos saído para a rua porque, dentro da casa do papai e mamãe, nada interessante acontecia. Corremos o risco, pagamos o preço, e mais do que ter vergonha de estarmos vivas, poderíamos agora decidir nos levantar e nos recuperar da melhor forma possível (Despentes, 2016, p. 35).

Este pensamento não a retirou da dor, mas a fez ressignificá-la e a repensar seu lugar na sociedade. Uma outra forma que encontramos de subjetivação do estupro, agora na literatura psicanalítica, é a prostituição como violência. Essa possibilidade costuma acontecer advinda de uma mulher que sofreu vários tipos de violência, e entre uma delas, o estupro. De acordo com Calligaris (2006, p.45), essas mulheres adentram a prostituição “como uma possibilidade de que seu corpo se endureça a partir de suas próprias mãos, [...] elege a prostituição como uma retomada de poder; nesse momento de sua vida é ela e não os “outros quem decide como seu corpo vai se endurecer [...]”.

Virginie descreve que adentrou a prostituição, a princípio, pelo encontro com o dinheiro e pela curiosidade, e confirma isso em algumas de suas histórias. Mas depois ela relata que a prostituição “foi uma etapa crucial, no meu caso, da reconstrução depois do estupro. Um esforço de indenização, nota por nota, daquilo que me havia sido tirado com brutalidade” (Despentes, 2006, p. 60).

Notamos que a violência a interpelou em diversos segmentos, mas que também a fez encontrar um novo significado. Não estamos, em princípio, romantizando o estupro, pois a violência e a memória perdurarão toda a vida, mas evidencia-se que elas foram refeitas de alguma forma.

Ao sintetizar alguns apontamentos de Despentes, devemos pensá-la neste tópico sobre prostituição e movimentos feministas, pois Virginie, através de seu livro, teoriza sobre as diversas questões relacionadas à prostituição, mas também sobre a diversidade de mulheres, da pornografia, tornando-se um poderoso aliado da construção do pensamento crítico social, e despertando mulheres e homens a causas tão atuais, e que podem favorecer a luta dos movimentos feministas.

No Brasil, encontramos alguns movimentos ligados à prostituição, como a Associação Mulheres Guerreiras, de Campinas, São Paulo, que para além da associação ainda trouxeram um dia chamado de PUTADEI para tentar visibilizar e reivindicar direitos, fazendo de uma festa um ato político.

Atualmente, além de algumas associações, temos a CUTS (Central Única de Trabalhadoras e Trabalhadores Sexuais) – ela também engloba 9 associações e 2 coletivos, dos quais nasceu a necessidade de fazer que as demandas dos trabalhadores sexuais fossem ouvidas.

Percebemos assim, que a história da prostituição ainda está em construção, mas agora com novos delineamentos, novas formas, novas e velhas demandas, e sem descartar muito das lições do passado, da cultura que está inserida e das tendências de cada época pregressa.

Neste momento que já perpassamos a história, vamos buscar novos recortes, mas agora pensando para além do simbólico, adentraremos no desejo, no corpo circunscrito pela prostituição, nas fendas e possibilidades que a cartografia da prostituição possibilita, pensando a partir da intersecção da literatura com a psicanálise.

2 CARTOGRAFIAS DO CORPO E DA ESCRITA

As cartografias são primeiramente relacionadas à ciência e a arte de criar mapas. Isso ocorre através de representações gráficas, organizações de todo tipo de informação que podemos encontrar nos mapas, como as: topografias, fronteiras, distribuição de recursos naturais, além das localizações.

Antigamente, a confecção de um mapa era algo muito trabalhoso, mas atualmente, com toda a tecnologia que encontramos à disposição, existe uma maior facilidade, além de termos acesso na palma da nossa mão, através dos aplicativos de mobilidade.

Pensando na cartografia, não apenas como espaço geográfico, mas como possibilidade de construção de mapas temáticos, ao invés dos de localização, buscamos elaborar mapas que nos possibilitam encontrar determinadas temáticas, ou diversos recortes sobre elementos específicos. Deste modo, pensaremos as cartografias aqui como estradas, ou pontes que nos levam a outros lugares que dialoguem com o que nos propomos a encontrar, isto é, os mapas que iremos pontilhar dizem respeito às escritas, aos corpos e aos desejos dos diversos femininos na psicanálise e na literatura.

2.1 AS CARTOGRAFIAS DO FEMININO: DE FREUD AOS DIAS ATUAIS

A cartografia que iremos percorrer neste momento é a construção da feminilidade, embora não apenas uma, uníssona, mas atrelada aos inúmeros femininos, a partir dos estudos psicanalíticos. De acordo com Neri (2005, p. 91) “como o primeiro discurso no Ocidente que se funda a partir de uma interrogação sobre feminino, e que coloca, no cerne de sua interrogação, a questão da diferença de sexos” passará a desmistificar e ampliar a consciência sobre inúmeras possibilidades na modernidade.

Os estudos psicanalíticos começam nesta seara a partir das histéricas, que até então eram consideradas mulheres “doidas”, “desestruturadas”, portadoras de um descompasso primeiro que estava ligado à teoria seminal que, conforme aponta Neri (2005, p. 99), “segundo a qual a desordem do sêmen provoca a desordem do humor”. Já na Idade Média, a “maldição” da histeria estava relacionada às feitiçarias, às

bruxarias das mulheres que foram marginalizadas e duramente punidas nessa época das trevas.

Posteriormente, a proposição relaciona-se à mudança do útero para a cabeça, quase como uma punição da vida pela sua rebeldia, e depois foi nomeada como a doença da mulher nervosa.

A histeria era uma forma da mulher colocar-se na sociedade, mesmo que isso acontecesse de forma inconsciente, pois era uma tentativa de ser ouvida. No entanto, esse quadro as colocava dentro das patologias, como esclarece o fragmento abaixo:

Mesmo no que concerne à dimensão patológica da histeria- seja na vertente de sintoma da repressão cultural da sexualidade feminina, seja na vertente de sintoma do recalque da sexualidade infantil-, o si sintoma histérico se apresenta como uma tentativa de preservação desse erotismo que se tentou reprimir ou recalcar. Esse fato nos parece importante, pois se, como vimos, a inibição sexual produz inibição sublimatória, essa seria uma tentativa da histeria de manter seu capital erótico, mantendo vivo no sintoma o erotismo. Ao contrário do obsessivo, que desloca o gozo inconsciente para o pensamento, a histérica converte esse gozo no corpo (Neri, 2005, p. 109).

No fragmento acima observamos que o corpo, mesmo sendo silenciado pelas esferas sociais, evoca uma forma de não silenciamento, a qual surge como um pedido de ajuda, através de sons, movimentos, que foram tateados e compreendidos pela psicanálise. É a partir desse ponto que Freud vai adentrar no tema do(a) feminino/feminilidade ou, como veremos, os femininos, plurais e dinâmicos.

Freud começa a formular ideias sobre isso no texto “Três ensaios sobre a sexualidade” ([1905] 2016), no qual aborda o monismo sexual, que incide na crença da criança que existe apenas o órgão masculino – pênis masculino e clitóris para as meninas. No entanto, aos 4-5 anos, a criança adentra o Complexo de Édipo, no qual os meninos acreditam que as meninas foram castradas, perderam seus pênis; perda esta que pode acometê-los. As meninas também acreditam que foram castradas, o que gera sentimentos distintos, já que os meninos, por sua vez, nutrem um desprezo para o sexo feminino e as meninas querem ser igual aos meninos, pelo menos no que concerne a possuir o órgão social masculino.

Neste momento, Freud ainda deixa muitas lacunas sobre as dinâmicas do feminino, mas ele irá retomar tais acepções em 1932/1933, nas Novas Conferências, com o texto “Feminilidade”, em que ele já vai iniciar descrevendo a dificuldade de precisar o sujeito masculino ou feminino.

Assim, ele começa pensando no lado biológico, aparentemente algo evidente, mas passa a falar de masculinidade e feminilidade como algo que vai interdepende além do órgão sexual. Freud começa a aclarar que devemos pensar o masculino como ativo e o feminino como passivo, e isso advém não das configurações sociais, mas, a partir das células sexuais, esperma e óvulo.

O óvulo é o passivo, o que espera, já o esperma é o que vai ao encontro, o que busca, o ativo, e esta dicotomia termina nesse ponto, pois sabemos que nos papéis sociais alguns processos da masculinidade estão ligados à passividade, assim como os femininos assumem papéis de atividade.

Essas mesclas não ficam muito claras pensando no senso comum, já que a sociedade de maneira geral, acredita na atividade masculina e na passividade feminina como algo inerente de cada um, e Freud, sabendo desse processo histórico, alerta-nos para pensarmos nessas modalidades apenas nesse processo ligado às células sexuais.

Assim, Freud, para explicar a feminilidade, vai valer-se de toda a composição de transformação da menina para a mulher, sendo toda essa transformação bem mais complexa que a dos meninos.

A complexidade começa a ocorrer pós Complexo de Édipo, pois até esse momento o desenvolvimento libidinal é bem semelhante. No momento do Complexo, o menino projeta seu amor na mãe e assim permanecerá, e a menina também; mas a partir de determinado momento esse afeto vai voltar-se para o pai, gerando afastamento da mãe, além de certa agressividade, gerando uma rivalidade da menina com mãe, na busca desse amor do pai.

A rivalidade gerada com a mãe advém de uma frustração, que é gerada pela falta do órgão genital masculino, como se a mãe fosse a culpada por essa falta. Como relatava Freud (1996), e em decorrência dessa falta, surge o que o pai da psicanálise chama da “inveja do pênis”.

De acordo com André (2015, p. 87), “A inveja do pênis tem sua imagem prototípica, a de uma menininha que, ela também, quer urinar de pé... primeiro gesto político de uma igualdade reivindicada entre os sexos, o poder pertence àqueles que se erguem, não àqueles que se abaixam”. Assim, entendemos esta inveja para além do anatômico, mas como algo ligado ao cultural, ao que é visível como o pênis, e não ao que é invisível, e tantas vezes temido, como a vagina.

Esse período na vida da menina demanda muita energia psíquica, o que pode ser recalcado ou reprimido. Essas condições irão guiar o futuro dessa menina, sendo possível transformar a inveja no desejo de ser penetrada por ele, e não apenas em tê-lo, como um final bastante satisfatório. Por outro lado, a menina pode reconhecer a inveja e castrá-la, podendo tornar-se até frígida, sendo que se ela não o possui ela não tem absolutamente nada. Outra possibilidade é tornar-se a castradora, ela não o possui, mas pode assumir sua posse a partir da castração do homem, fazendo um apêndice ao objeto. Mais uma outra possibilidade é a da mulher fálica, mas André (2015, p. 89) cita um pior destino que é o de “quando a inveja do pênis forja o caráter... Por trás da mulher amarga, sempre vítima, jamais satisfeita, vislumbra-se a menininha lesada [...], mas, a análise deixa entrever uma mãe odiada por não ter dado a única coisa que valia”.

De forma geral, podemos pensar nesta “castração” em três grandes grupos de desenvolvimento, de acordo com Freud ([1933] 1996, p. 85): “à inibição sexual ou à neurose, outra, à modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade, a terceira, finalmente, à feminilidade normal”.

Assim, buscaremos compreender as possibilidades ditas acima a fim de compreender a construção da feminilidade, ou das diversas feminilidades. Sendo que a primeira está relacionada à inibição sexual, uma vez o desejo estar voltado para a mãe e seu prazer no clitóris. Mas, com a descoberta do pênis, ela tenta compará-lo ao clitóris, que o faz perder o seu interesse no que era o seu objeto de prazer, o clitóris. Ao lado disso, vem trazer um afastamento da mãe, e de forma geral das mulheres, ou melhor, as mulheres são rebaixadas de alguma maneira, já que não possuem um pênis. Esse é um fenômeno que os meninos também vão aderir, o do rebaixamento do sexo oposto – e pensando no *modus operandi* social, é o que acontece há séculos.

Já a segunda possibilidade, aparece como um complexo de masculinidade, no qual a menina, ao invés de deixar a atividade clitoriana, se apega a atividade, recusando-se a reconhecer o processo de castração, como veremos nos dizeres abaixo:

[...] só podemos supor que é um fator constitucional, uma quantidade maior de atividade, tal como geralmente é característico do homem, [...], neste ponto do desenvolvimento, evita-se a afluência da passividade que abre caminho à mudança rumo à feminilidade (Freud, [1933] 1996, p. 88).

Na terceira possibilidade, o desenvolvimento transcorrerá de forma a adentrar a feminilidade, quando a menina transpõe os processos edípico e da castração, que podem ocorrer de muitas formas; embora ao final, junto ao seu processo psíquico, tudo aconteça da melhor forma possível.

Outro ponto que Freud aborda no artigo está relacionado à libido, que não se divide no feminino e masculino. A libido independe do sexo, o que afronta a ideia social de uma libido para cada gênero, sendo a masculina muito mais pulsante, e a feminina quase inexistente.

Freud, pensando nessas questões históricas e sociais pelas quais sofrem as mulheres, relaciona a feminilidade a uma maior necessidade de amor e atenção, que também pode estar ligada à vaidade, e que essa seria uma reparação, ou algo compensatório da “inveja do pênis”, ou, para além, um movimento compensatório dessa construção social limitadora imposta para as mulheres, como podemos verificar abaixo:

Assim, atribuímos à feminilidade maior quantidade de narcisismo, que também afeta a escolha objetal da mulher, de modo que, para ela, ser amada é uma necessidade mais forte que amar. A inveja do pênis tem em parte, como efeito, também a vaidade física das mulheres, de vez que elas não podem fugir à necessidade de valorizar seus encantos, do modo mais evidente, como uma tardia compensação por sua inferioridade sexual original (Freud, [1933] 1996, p. 89-90).

Percebemos que todos os processos pelos quais a menina e futura mulher passa vão reverberar em seu comportamento, e vão delinear de alguma forma suas escolhas objetais. Freud nos traz até aqui, no quesito feminilidade, uma abordagem através da função sexual, com uma primeira abordagem que irá possibilitar futuras teorias. Contudo, ele deixa um legado muito maior, que é o da possibilidade de pensarmos que não existia apenas um feminino, homogêneo, mas, que podemos indagar inúmeras possibilidades, como ele afirma na frase “Se vocês quiserem saber mais sobre a feminilidade, interroguem sua própria experiência, dirijam-se aos poetas, ou então esperem que a Ciência esteja em condições de nos fornecer informações mais aprofundadas e mais coordenadas” (Freud, [1933] 1996, p. 92).

A busca proposta pelo pai da psicanálise será articulada no próximo capítulo, quando abordaremos as poetisas, as escritoras, que através da linguagem desaguam suas histórias, suas possibilidades de se colocarem no mundo, de diversas maneiras,

pois o caminho não é único, tal como não encontramos apenas um feminino, ou apenas uma feminilidade.

Dando continuidade ao pedido de Freud, mas não apenas em perguntar para as poetisas, também buscamos novas vozes que a partir dos seus passos conjugam um caminho alternativo, cujo trajeto pode refutar total ou parcialmente as suposições freudianas.

Um desses nomes foi Brennan (1997), que questiona a forma como Freud apresenta a feminilidade, sendo ele em um lugar de subalternidade e de rejeição, como veremos:

[...] a feminilidade é, portanto, o lugar onde nenhum homem-masculino ou feminino- quer estar, e o repúdio a ela é a atitude que caracteriza tanto o homem “normal” quanto a mulher que permaneceu masculina, recusando ou não conseguindo trocar sua primeira natureza masculina pela feminilidade. Muito embora Freud caracterize o repúdio à feminilidade como um dado imutável e semibiológico neste ensaio, ele não parece estar tratando o dado como sendo necessariamente um atributo universal das mulheres. Em vez disso, ele pareceria aplicar-se apenas à linha “masculina” de desenvolvimento e não à mulher feminina “normal” cuja masculinidade tenha sido adequadamente reprimida (Brennan, 1997, p. 73).

Esse repúdio descrito acima é um dos pontos que as feministas utilizam para descredibilizar o mestre vienense. No entanto, sabemos que o ser ou ter uma feminilidade atualmente, dependendo do seu recorte de gênero, cor, e classe social, não é um lugar tão confortável, embora devesse ser, pois o preconceito e o descaso são constantes na vida dos diversos femininos, especialmente aos das mulheres trans, pretas, mães solteiras etc.

Freud, quando não fecha um conceito e fala dessa rejeição, abre possibilidades de pensarmos nos caminhos sociais, perpassados pelos estigmas e preconceitos contra as mulheres, principalmente as prostitutas e as que não se adequam aos mandos por parte da sociedade machista e patriarcal. Mediante isso, não estamos deduzindo que Freud estava totalmente correto nos seus escritos, mas estamos apenas descrevendo que, mesmo sendo um homem do seu século, com todas as imposições sociais, ele conseguiu trazer luzes a assuntos que até então eram escamoteados ou relegados a doenças, como o caso das histéricas.

Este “continente obscuro”, ainda não desvendado, apresenta outra possível divisão: feminilidade e feminidade. Por vezes, esse recorte não conseguirá uma delimitação total, eles se encontrarão, como veremos, a partir das conceituações.

A feminidade está presente em ambos os sexos, não de forma clara, mas mais intuitiva, como algo mais do inconsciente. Vejamos a explicação da professora Escolástica (1995, p. 26): “A histeria, como o seu próprio nome indica, é a doença da matriz, ou, se preferirmos, a feminidade doente, sem que isto implique em restringi-la apenas às mulheres, como era costume se pensar até o século passado”. Esse pensamento advém de colocarem a histeria até como uma doença relacionada ao útero, ou à depravação moral, sempre relacionada as mulheres, “devassas natas” como observamos no primeiro capítulo.

Se a histeria é um grito imposto pelas leis sociais, é um corpo clamando por liberdade, podemos pensar a feminidade exatamente neste ponto, pois “a feminidade revela, além da história da mulher, a história do ser humano e sua cultura” (Escolástica, 1995, p. 28).

A feminidade é algo que foi usurpado da mulher, ou dos diversos femininos, socialmente, através das mudanças de status do matriarcado para o patriarcado, do lugar central para a subalternização, sendo escamoteado todos os seus desejos e vontades, fazendo o “continente obscuro” crescer cada vez mais – não em tamanho, mas em desconhecimento até então. No entanto, alguns passos estão sendo dados para podermos adentrar esse entrelugar, a partir dos movimentos feministas, dos estudos psicanalíticos, ao buscarem retomar o antigo lugar da mulher, não apenas o de *status* – já que esse é um outro longo caminho – mas o da identidade da mulher, não o construído socialmente cheio de imposições e preconceitos, mas o de colocar-se para muito além do falo, como já descrevia Brennan (1997).

Assim notamos, que a feminilidade ainda trafega por caminhos muitas vezes sem direção precisa, mas que, mesmo não conseguindo unidade, vislumbra suas múltiplas possibilidades. Sabemos da impossibilidade de apenas um feminino, ou uma feminilidade única, homogênea, já que o corpo é um misto de histórias, recalques, percursos sociais, além de ser a máxima expressão de nos colocarmos no mundo, através de nossos anseios, desejos, dores, amores. Enfim, diante de nossa forma de reverberar a subjetividade de cada indivíduo, assim, continuaremos a percorrer o caminho através do pensamento sobre o corpo como objeto de troca, consumo e usufruto.

2.2 A PROSTITUIÇÃO: O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO

No texto de Freud ([1930] 1996), “O mal-estar na civilização”, ele vai descrever a relação civilização e sujeito, que não pode ser vista de forma separada, pois algumas barreiras cerceadoras de liberdade são vistas como formadoras de subjetividades. Com isso, podemos pensar a sexualidade, a pulsão sexual, quando barrada, causa um adoecimento psíquico, e isso vai variar com o lugar que o sujeito está inserido e com a moral de cada época, pois cada tempo vai trazer suas especificidades, como vimos no primeiro capítulo teórico.

Essa proposição de Freud nos leva a pensar que uma total liberdade seria benéfica para nossa psique, no entanto, não é bem assim que ocorre com as estruturas. “Uma satisfação irrestrita de todas as necessidades apresenta-se-nos como método mais tentador de conduzir nossas vidas; isso, porém, significa colocar o gozo antes da cautela, acarretando logo seu próprio castigo” (Freud, [1930] 1996, p. 85).

Ele ainda nos descreve que a energia sexual é a responsável pela ligação dos sujeitos, e que ela vai estabelecer as relações sociais. Nesse processo, encontramos o mal-estar na civilização, já que os encontros, as relações sociais, trazem o prazer, mas também o mal-estar.

Mas, para que tudo fosse concebido, as relações sociais, a agressividade e a violência foram confinadas, reprimidas, em instituições específicas, como os exércitos, por exemplo. Além do mundo externo surge também a instância interna do supereu, que se encontra ligada às demandas da sociedade e que vai figurar como um “freio”, como o civilizador, que reprime os instintos primevos e vai consolidando o sujeito, psíquico e individualmente, dentro das regras sociais.

Todas estas barreiras colocadas, consciente e inconscientemente, advêm da intersecção de muitas esferas, mas dentre elas encontramos dois elementos: o medo de perder o prestígio social e, como diz Freud ([1930] 1996), o medo de perder o amor.

Nesse ponto, podemos pensar no papel da prostituta, pois ela entra nesse não-lugar, já que, na sociedade em que vivemos, sair com uma(s) prostituta(s) não coloca o indivíduo em um lugar imediato de desprestígio. Em determinados momentos, isso é visto com bastante prestígio, além de que, o amor não está em jogo nessa relação venal. E, podemos pensar que é exatamente por isso que a prostituição continua perpassando os séculos, já que mesmo atualmente, com toda liberdade

sexual que encontramos, a prostituição ainda é tão buscada, pois é ali que tudo pode acontecer, inclusive os fracassos, já que não é a relação amorosa que está em jogo, mas apenas a troca objetal.

E isso diz muito dos esquemas que foram desconstruídos e construídos ao longo dos séculos, se pensarmos na prostituição/prostituta. Sobretudo devido ao fato de que elas aparecem, primeiramente, como prostitutas sagradas e, conforme o tempo vai passando, a prostituição encontra-se como vemos hoje, envolta em preconceito, estigmas, mas sendo repetidamente desejada por muitos.

Esse esquema construído histórico e socialmente pode ser pensado a partir do trabalho da psicanalista francesa, Françoise Dolto, que através de seus estudos conseguiu demarcar as diferenças de imagem e de esquema corporal. Dolto (1996) descreve que o esquema é algo quase que universal, uma representação de uma espécie, uma forma generalizada, que pode ir modificando-se com o tempo, com o espaço, com a cultura e conforme os preceitos de cada época.

Nosso primeiro capítulo do trabalho abarca bem o esquema da prostituta, pois perpassa desde a figura da prostituta sagrada de 3.000 a.C., e conforme ocorre a mudança dos paradigmas sociais e religiosos, desde a saída da prostituta da sacralidade, ela adentra, certamente que com modificações próprias de cada tempo, para o lugar do profano, da margem, do preconceito, embora sempre no lugar de desejo.

Esse esquema criado para as prostitutas é facilmente verificado, quando buscamos na máquina de busca do Google, imagens que lhes ilustrem. São mulheres seminuas, nas ruas e esquinas das cidades, são recortes de reportagens sobre roubos e agressão físicas envolvendo-as, tecendo assim, um corolário da imagem. Infelizmente, somente o lado negativo surge, mas não podemos deixar de salientar que a imagem da prostituta congrega os mistérios do amor, das artimanhas sexuais que lhe pertencem, e que são, por vezes, motivo de cobiça de muitas mulheres, uma vez que estas encontram-se tantas vezes nos papéis de santa, em atendimento a uma demanda/imagem social também construída no decorrer dos séculos.

Já a imagem corporal está relacionada, de acordo com Dolto (1996), à subjetividade, à construção pessoal do sujeito, suas vivências, desejos, frustrações, por entre misturam-se o que é arcaico, passado, presente e futuro, e o que, podemos dizer, é permeado pelo inconsciente, mas também pelo agora e por todo o percurso de vida.

No capítulo de análise, vamos abarcar, em um dado momento, a imagem e o esquema corporais, percebendo que eles andam juntos, mas nos concentrando em como uma de nossas personagens traz a sua própria imagem. Mesmo que não venhamos pensar exatamente na imagem das nossas outras personagens, o nosso trabalho tentará contemplá-las brevemente, com as subjetividades de cada uma, a partir de suas escritas. Não obstante, sendo o esquema já bem propagado a toda a sociedade, cabe-nos deter-se mais às imagens, posto que elas dizem de cada sujeito, dentro de suas possibilidades, o que corrobora a ir além do esquema prontamente montado pela sociedade.

2.3 PROSTITUIÇÃO: TRABALHO, SEXUALIDADE E DESEJO

A prostituta está no mercado de trabalho há séculos. Assim como outros profissionais, ela coloca seu o trabalho corporal à disposição, e em troca recebe uma quantia monetária. O que a diferencia é todo preconceito e estigma ao redor do seu trabalho.

Em um estudo elaborado por Bruns e Gomes (1996), eles relatam que essas profissionais do sexo, em sua maioria, conseguem fazer uma separação de corpo e mente, colocando o corpo como um objeto, para usufruto do momento, e que o emocional não está à disposição, já que assim o pagamento legitima esse colocar-se no mundo.

Podemos pensar na prostituta como uma atriz, que atua quando necessário, em cada “programa”, e que, passada a performance, retorna a sua vida normal e cotidiana, seja de mãe, filha, avó, amiga, seja como a todo trabalhador que deixar seu trabalho e retorna a casa, como no excerto abaixo:

Uma vontade orientada para a obtenção de dinheiro que está no bolso do freguês e que se externa na atenção que dispensa todos os gestos, falas, expressões faciais, postura física, etc. E que sua vontade não se desvie de seu objetivo, que todo o jogo de suas forças corporais e espirituais se direcionem para ele, se ela quer uma vida profissional bem sucedida (Bertero, 1991, p. 279).

Essa dissociação por vezes mostra-se fulcral para a economia psíquica das trabalhadoras do sexo, pois a carga emocional que se depreende durante o ato pode ser muito forte. No entanto, nem sempre elas conseguem fazer essa desconexão –

como veremos de forma mais profunda no próximo capítulo, quando as profissionais relatam suas trajetórias e as formas de colocar-se no mundo.

Em se tratando de prostituição, não podemos pensar no dinheiro como a única mola propulsora. De acordo com Souza (1998), após a realização de uma pesquisa em prostíbulos de luxo no Ceará, se considerou que a sobrevivência, ou o dinheiro e o dinheiro fácil não podem ser considerados as únicas opções para a entrada e permanência na prostituição, ainda mais quando falamos de prostituição de luxo, que, na maioria das vezes, aponta uma questão de escolha a esse lugar.

Devemos pensar que muitas vezes esta escolha é consciente, mas também pode ser inconsciente, como nos relata Calligaris (2006). Para o autor, a prostituição, como uma das fantasias fundantes do feminino, na qual a menina, percebendo a diferença anatômica com o pai, vai buscar um olhar desejanste, interdita o desejo carnal – pois assim deixa de ser incestuoso ao pai –, e passa a existir em outra direção objetual. Caso isso não ocorra, pode haver prejuízo à menina em seu tornar-se uma mulher, capaz de mascarar e que conjuga o desejo e também o ser desejada.

Esta complexidade da menina conjugar os dois olhares, um desejanste e o outro amoroso, pode levá-la a encontrar alguns obstáculos em sua vida futura. Se o único introjetado for o olhar amoroso, protetor, ela pode ter dificuldade de se relacionar sexualmente, entregando parcialmente, sem os ímpetos sexuais, o sexo, e talvez, só para procriação, pois qualquer avanço relacionado ao sexo pode ser visto como a perda do amor, ou em outros termos, a perda do amor do pai.

Em paralelo, também encontramos as meninas e futuras mulheres que vão conjugar somente o olhar desejanste, no qual uma relação duradoura, por vezes, não se sustenta. Calligaris (2006, p. 22) descreve que “seu corpo está jogado na disponibilidade, no puro uso e puro gasto”. Não devemos conceber literalmente essa ideia para os casos de mulheres que são livres dentro de sua liberdade sexual, mas das mulheres que utilizam o seu corpo como uma forma de “vingança” inconsciente de traição do pai.

Aí, encontramos a possibilidade de mediar quando os dois olhares são agregados, quando as questões edípicas e da castração são perpassadas de maneira satisfatória, e os olhares amorosos e desejanstes comungam. Assim, amor e sexo podem caminhar juntos, fazendo com que a menina/mulher possa trazer os papéis de “santa” e “puta”, inseridos em relações duradouras ou em encontros casuais.

Essas diversas formas das mulheres colocarem-se no mundo dicotômico – amor *versus* sexo – também podem ser encontradas no mundo da prostituição, por vezes sendo consciente e de forma inconsciente, como veremos três possibilidades a seguir.

No primeiro caso, abordaremos a prostituição como violência, na qual encontramos mulheres que foram violentadas de alguma forma (estupros, espancamentos, assédios) e resolvem, a partir da violência sofrida, buscar na prostituição uma punição, embora não mais advinda da vontade de outros, mas a partir de sua escolha, como vemos no fragmento a seguir:

[...] uma possibilidade de que seu corpo se endureça a partir de suas próprias mãos, [...] elege a prostituição como uma retomada de poder; nesse momento de sua vida é ela e não os “outros” quem decide como seu corpo vai se endurecer, se oferecer, se maltratar, se punir (Calligaris, 2006, p. 48).

Observamos que a prostituição não advém de uma fantasia, mas de um ocorrido, que deixou marcas indeléveis, e que é direcionado ao corpo, que se fragmenta tentando dar uma resposta ou sobrevivendo da única forma concebível dentro de sua economia psíquica.

Outra forma de prostituição que abordaremos é a realizada, na qual encontramos meninas que se encontram nas ruas, pois seu ambiente familiar não proporcionou o que se supunha, e, muito pelo contrário, ao invés de amor, abrigo, lhes foram oferecidos violência, assédio, maus tratos etc. Assim, o lugar que essas meninas encontram para viver são as ruas, sem o simbolismo da família, por mais que elas sempre carreguem algum tipo de simbolismo, sendo de uma mãe, pai, irmã, tia, para a rua, que se mostra um lugar bastante cruel.

Essas simbolizações, muitas vezes, são levadas para o seu dia a dia. Calligaris (2006) cita uma fantasia ligada ao pai do dia e ao pai da noite. O pai do dia se liga à figura que cuida, protege, a figura socialmente conhecida, que perpassa o consciente. Já o pai da noite faz parte do imaginário, no qual figuram as fantasias de sedução. Sendo assim, a menina deveria ter de conjugar estes “dois pais”, o do amor e o do desejo, para a formação do feminino, tanto perpassando o inconsciente e o consciente. Para melhor contextualizar os dois modos, trazemos os dizeres de Calligaris:

As meninas procuram um encontro com o pai imaginário, que é cruel e que priva, o pai da noite. É aquele pai que só as reconheceria pelo real do seu corpo e que não se colocaria como exceção, que as desejaria como qualquer outro. Essa exceção, como falava antes, é necessária para que a mulher possa justamente entregar seu corpo, uma vez que o amor do pai a protegeria. O que difere aqui é que a menina de rua, como qualquer outra mulher, precisa concreta e realmente alijar-se do pai que a deseja (seja ele encarnado pelo tio, padrasto ou outro homem de casa). Ela deve distanciar-se desse pai, concretamente. Mas não encontra um pai diurno diferente que possa lhe restituir o corpo. Sob o olhar de um pai eternamente noturno, o corpo pode mesmo a desaparecer, não ser mais corpo de gente e vir a ser um corpo de bicho (Calligaris, 2006, p. 61).

Como observamos, o pai que deveria alojar-se somente na imaginação salta para o seu dia a dia, para sua realidade vivida nas ruas, congregando-se somente o pai da sedução, que no trabalho diário são seus clientes, mas anteriormente pode ter sido uma violência cometida pelo padrasto, tio, primo, namorado ou o próprio pai.

Assim, a rua é a materialização do que deveria ter ficado apenas no simbólico. Mesmo com todos os percalços, a busca pelo pai simbólico estará sempre presente, e de certa forma necessária para a manutenção da economia psíquica de cada menina que encontra sua “casa” nas ruas de grandes e pequenas cidades. Muitas vezes, vale considerar, ela é objeto de desejo, ou, dentro de seu psiquismo, é somente nesse lugar, nas ruas, ou neste momento da troca, que ela se sente desejada pelo outro. Isso ocorre por inúmeros motivos – que veremos em uma de nossas personagens no próximo capítulo –, e a busca por colocar-se no mundo e pela busca de prazer, mesmo que fugaz, encontra-se apenas nos movimentos da troca venal, na prostituição.

E pensando nas colocações anteriores, a prostituta pode sentir prazer no e com o seu trabalho?

Como dito no começo desse subitem algumas trabalhadoras do sexo conseguem fazer a separação quase que corpo e mente no seu trabalho sexual, mas sabemos que grande parte não consegue essa cisão. Se elas vivenciam todos os momentos bons e ruins juntos, então, reiteramos, mais uma vez, a pergunta: é possível sentir prazer? Para isso, vamos recorrer à etimologia da palavra “prazer”, que advém do latim *placere*: ser aprovado, ser querido, aceito, e desemboca na significação que damos de satisfação, deleite, contentamento, bem-estar.

Assim, podemos perceber que não estamos somente falando de um prazer sexual, mas de um prazer que envolvem outros signos, como uma boa remuneração,

que pode possibilitar liberdade e autonomia, mas também podemos pensar na condição do desejo, das fantasias, do prazer sexual.

O “prazer” financeiro é o principal mote para a entrada na prostituição, no entanto, não nos caberia, neste momento, discutir a entrada de mulheres em situação de desamparo total, mas cogitamos pensar nas mulheres que estão na prostituição por ser o meio que se paga melhor, e das mulheres que adentram a prostituição para satisfazer seu consumo, para conseguir pertencer na sociedade dos bens e do poder aquisitivo, que está cada vez mais em destaque que a dos fundamentos do ser.

Observa-se a dicotomia que encontramos na prostituição, o da miséria e o da luxúria, no qual os estigmas que perpassam o universo das prostitutas também costumam ser mais benevolentes para as trabalhadoras do sexo que estão inseridas em ambientes mais requintados, e que a maioria dessas meninas o estão ali por um prazer de *status*, de luxos que provavelmente não encontrariam se continuassem na sua família, ou procurando trabalhos que não exijam grandes qualificações. Suas vidas seriam outras, e isso não quer dizer que não seriam prazerosas ou felizes, mas que provavelmente seriam mais restritas em relação aos bens de consumo.

Outra forma relacionada ao prazer dentro do universo da prostituição é o das possibilidades das realizações dos desejos e das fantasias. Pizani (1994), a partir de uma pesquisa feita com mulheres que estavam inseridas na prostituição, colheu declarações de que um lado bom do trabalho sexual são os laços criados, mas para além disso aparecem os prazeres sexuais, como descreve a garota de programa Gigi:

Já o meu maior prazer é dar prazer ao homem [...] a minha fantasia é deixar ele superexcitado, até ele não aguentar mais. Eu gosto de transas loucas, em qualquer lugar, entende? Sou meio do perigo [...] eu também tenho uma fantasia de transar com dois homens [...] nunca rolou (Pizani, 1994, p. 38).

Falas semelhantes a essa serão encontradas no próximo capítulo, quando nossas personagens escritoras relatam sobre seus anseios e desejos no mundo da prostituição, como no caso de Lourdes Barreto, que declara que cometia inúmeros acidentes de trabalho, já que sentia prazer ou gozava inúmeras vezes em seus programas.

Notamos que existe algo que perpassa somente o econômico. Como já mencionamos, a prostituição possibilita desejos – mulheres, trans que não se sentiam desejadas encontram o olhar desejante do outro nesse momento –, além de

pensarmos nas expectativas criadas por ambas as partes, que transcendem apenas a relação econômica.

A prostituição também pode encontrar o seu prazer na sua liberdade, na autonomia, na sexualidade livre, sem tabus, receios ou vergonhas, já que o lugar da prostituição é, geralmente, onde não existe amarras, vergonhas. Porém, não apenas pensando nos quesitos sexuais, mas da extravagância, do vestuário, da maquiagem, do transitar pelos lugares “proibidos”, por manifestações de liberdade e autonomia.

No entanto, temos autores que não compactuam com esta liberdade apregoada, como explica Martin (2003):

Esse aspecto de caricatura do homem se revela quando, apesar das declarações das prostitutas de que são livres, autônomas e fazem uso da sexualidade de maneira semelhante àquela destinadas aos homens, elas de fato se sujeitam aos desejos masculinos. Nem ocupam o espaço da feminilidade e sexualidade socialmente desejáveis, nem da liberdade e poder masculinos (Martin, 2003, p. 140).

Notamos que não existe uma unanimidade sobre a liberdade das profissionais do sexo. Isso nos parece bem razoável, pois no mundo tão vasto da prostituição seria utópico pensarmos em apenas uma via de mão única, assim como é impossível pensarmos em apenas uma estrutura de feminino, pois todos os aspectos que transpassam e perpassam a vida das mulheres, homossexuais, homens e mulheres trans – ou, melhor dizendo o universo LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionado, Intersexo, Assexuais/Agênero, Pan/Poli, Não-binária e mais) – são formas e estruturas de vida, de colocar-se no mundo como sujeito, das mais variadas formas. Diante disso, faz-se assim necessária a reflexão sobre a diversidade, que possibilitem um olhar livre dos estigmas e dos preconceitos, que colocam a prostituta (exemplificada desde que tema de nossa pesquisa) em caixas categóricas de triste ou feliz, sem possibilitá-la de vivenciar todas as experiências almejadas, sem o véu da hipocrisia social que a repudia, mas também a deseja.

2.4 PROSTITUIÇÃO: NOVOS CÓDIGOS, ANTIGOS ASPECTOS

Como já descrito no capítulo anterior, a prostituta sai do lugar do sagrado para o profano, do lugar do respeito, para a marginalização, no entanto novos códigos

foram adentrando a vida da prostituta, embora com aspectos que já a perpassavam, mas que não eram pensados nos termos de suas estruturas.

Entender como a “profissão mais antiga do mundo” ainda se mantém, e adentrar os segredos do amor que somente as prostitutas sabem, foi e é objeto da curiosidade de muitos.

Atualmente, o conceito da palavra prostituta ou prostituição vem impregnado dos preconceitos que a moral cristã dissemina em nossa sociedade, desde tempos passados. Dentre eles, encontramos: mulher da vida, mulher de vida fácil, de vida desregrada, mulher perdida, piranha, cadela, mulher à toa, dadeira, entre muitos outros.

A opção por trazer nomes de animais, como o substantivo cadela, refere-se no sentido da não fidelidade do animal quando a fêmea se encontra no cio. Já no caso da piranha, um peixe, que devora tudo o que vê pela frente, entendemos que essas nomeações foram colocadas como se as prostitutas não fossem fiéis e “devorassem” qualquer coisa. Entretanto, muitas vezes essas nomeações são também desferidas para mulheres que usufruem de sua liberdade, ou encontram-se fora dos “padrões” impostos pela sociedade.

Existe uma especulação em torno da lenda da loba que cuidou e nutriu Rômulo e Remo, de Roma, salvando-os da morte. Sabendo que bebês demandam muito cuidado, e que uma loba não conseguiria vencer a demanda, o mito versa que a loba poderia ser uma prostituta, mas isso, claro, não passa de especulação.

No trabalho de Carneiro (2014), ela traz uma reflexão a partir da expressão “mulher decaída”, expressão também dita para a prostituta – mas decaída de onde? A sugestividade seria decaída do lugar de santa, de virgem, “nestas, a luxúria não tem lugar; são posições valorizadas na tradição religiosa e na literatura cortês, por exemplo, onde o sexo é tabu e onde se cria a dicotomia entre a santa e a puta” (Carneiro, 2014, p. 27).

Essa divisão, no imaginário popular, é feita desde sempre, mas ela também pode ser pensada a partir da estrutura dos neuróticos obsessivos, para os quais se você é uma, não pode ter características da outra. Com as esposas, o sexo pode acontecer para procriação, desde que dentro dos “padrões” higiênicos e comedidos, e, portanto, as fantasias não podem correr livremente. Já com a mulher “decaída”, as fantasias, os desejos têm “permissão” para serem plenamente satisfeitos.

Existem homens que se apaixonam por prostitutas, conhecendo-as como clientes ou não. A princípio, não encontramos problema nenhum, se o envolvimento ou amor está relacionado a pessoa, mas se ele se apaixonou pelo fato dela ser uma prostituta, temos aí o que os escritos de Freud (1910), abarcam sobre essas escolhas objetais.

Freud (1910) descreve que se o homem faz da prostituta o seu objeto de desejo, ele pode inconscientemente compará-la com a sua mãe, já que a mãe foi a mulher do pai, ela é pode ser a mulher de outros homens.

Calligaris (2013) também retoma a questão de um homem apaixonar-se pelo fato dela ser uma prostituta, e aponta que é necessário buscar qual é a fantasia que vai sustentar o “amor”, o relacionamento. Uma das hipóteses levantadas pelo autor é que existe algo inconsciente, uma vingança, contra a prostituta, mas também contra eles, já que ele deixou-se apaixonar, deixou-se seduzir pela mulher “da vida”.

Carneiro (2014) descreve que quando um desses homens descritos anteriormente casa-se com uma prostituta, ele pode por um tempo calar seu ressentimento, tudo em nome do amor, mas após um tempo ele vai sustentar sua fantasia e poderá puni-la, por ser sempre a puta, que advém desse pensamento:

[...] a sexualidade masculina, que pode ser patologicamente neurótica: eles olham para o sexo pelo buraco da fechadura do quarto dos pais. Nessa ótica infantil, não se salva ninguém: é “puta” qualquer mulher que vai com os outros, ou seja, todas as mulheres são “putas”, inclusive a mãe, porque ela vai com o pai, ou outra figura masculina, enquanto, para o filho, ela só tem carinho mais ou menos recalcado, Para o homem de calça curta, ajoelhado diante da fechadura, a “puta” é um paradoxo: vergonhosamente acessível a todos, salvo a ele (Carneiro, 2014, p. 29).

Assim o antigo menino e homem em curso sente a necessidade de tentar salvar a mulher amada. Porém, a fantasia não se sustenta por muito tempo e a agressividade tende a aparecer, punindo-a por ser a mulher de “todos”. Podemos pensar que a misoginia comece a partir do Complexo de Édipo, e vá se desenvolvendo ao longo do caminho, já que estamos inseridos em um contexto de machismo estrutural social.

Esse mesmo machismo que a partir das novas demandas e liberdades sexuais deveria ajustar a questão da prostituição, poderia se valer dos novos signos que estão de fato sendo propostos nas relações sexuais. Podemos pensar que a facilidade e liberdade sexual em que nos encontramos nos possibilite encontros

sexuais sem compromissos. Sabemos dos muitos aplicativos à disposição no mercado, ou da liberdade de uma iniciação sexual com uma namorada, mas nem com todas estas “facilidades” a busca pelo sexo venal perde adesão, pois a procura pelo sexo pago, a contínua busca pelas profissionais do sexo, perdura. Se há tantas facilidades em vigência, por que tantos indivíduos continuam a buscar pelo sexo pago?

Ceccarelli (2008) fala que responder a esta pergunta não é fácil, mas ele traz um pensamento que a prostituição está recoberta pelos mais variados estigmas, relacionado a comportamentos e práticas sexuais marginais, e talvez seja exatamente desse ponto que a prostituição consegue perpassar os séculos e seguir mantendo força.

Pois nesse lugar de troca, que não se esgotam em elementos quantitativos, existe um acordo no qual as fantasias podem ser vivenciadas sem o sentimento da perda do amor, da vergonha ou da ameaça ligada à imagem social. Ainda podemos pensar também sobre o “comprar” poder, vigor sexual, que na verdade pode não existir ou deixar a desejar, pois o valor monetário entra como algo compensador, pois “errar”, “brochar”, ou mostrar-se mais “libertário” na frente da prostituta não o desabona socialmente, já que ele é o desconhecido, conferindo-lhe assim o anonimato social. Tal ideia é similar ao que Freud (1912) discute no texto “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor”, quando ele já mencionava que alguns homens podem se comportar com muitas inibições com suas esposas, namoradas, mas quando encontram-se com as “transgressoras”, as amantes, as prostitutas, eles conseguem atingir toda a sua potência sexual.

As prostitutas também ainda são procuradas na atualidade para “servirem” de ouvintes, a esses homens que muito falam, mas pouco conversam com os seus pares ou amigos. Assim, percebe-se que elas estão à disposição para além de suprir as demandas sexuais, para as de carências e psicológicas, pois o dinheiro pago garante uma satisfação, nas diversas esferas, sem deixar de manter a condição do modelo patriarcal herdado pelo homem desde estruturas sociais mais antigas.

Percebemos que mesmo com toda a proximidade que a profissão impõe, a impessoalidade é a grande marca da prostituição, pois ela vende a ilusão de que o cliente está sempre no poder, no lugar da dominação, e coloca-se no lugar de fornecedora da satisfação, como observamos em uma espécie de troca de caráter profissional, como veremos na fala de Burbulhan et al. (2012, p. 664):

Neste contexto, consideramos que o dinheiro constrói uma relação que envolve dois corpos e dois desejos distintos, caracterizando-se como uma relação profunda, mesmo que efêmera- marcada pela impessoalidade, mas não pela indiferença, pois, como afirmam autores, o fato de a profissional do sexo proporcionar prazer aos seus fregueses não significa que ela, necessariamente, goste de todos eles e faça tudo para satisfazê-los. Esta atitude nos sugere que nem tudo está à venda.

Existem novos códigos que não existiam em tempos anteriores, e que atualmente são inegociáveis. O que se encontra no topo dos estudos é o uso do preservativo. Para além de protegê-las contra as infecções sexualmente transmissíveis, ela também protege, de certa forma, a subjetividade dessa mulher, delimitando suas relações comerciais e afetivas, o lado emocional do profissional, criando assim bordas no seu corpo, elaborando significados sociais de ser e estar inseridas na sociedade pública ou no privado, marcando que nem tudo está à venda, mesmo pensando em prostituição.

Surgem também novos mercados para a considerada profissão mais antiga do mundo, com serviços personalizados, feitos através de aplicativos ou sites próprios para isso, seja pelas redes sociais, apresentados de forma explícita, seja mais velada, de forma presencial ou apenas virtual.

Assim como na Grécia Antiga que encontramos classes e subclasses de prostitutas, atualmente, essa divisão continua presente. Se antes eram divididas pela beleza e inteligência, agora existem outros marcadores, que as ultrapassam. E, mais ainda, como diz Ceccarelli (2008), existem ainda as formas subjetivas, que são relações que cada mulher estabelece com a prostituição, em como ela vê a si mesma.

Temos prostitutas, em sua minoria, que pertencem, muitas vezes, a classes médias e altas, e que sua relação com a prostituição se mostra diferente da prostituta que ganha a vida no baixo meretrício, tantas vezes realizados nas ruas. Mesmo as duas exercendo igual função, as condições de respeitabilidade mudam completamente, sendo que, o lugar que a prostituta está inserida e o preço cobrado movem o lugar que cada prostituta ocupa na economia psíquica de cada cliente.

É possível afirmar que quanto maior o valor pago para a “compra” de um “produto” ou serviço, mais a prostituta vai se afastando dos estigmas e estereótipos que são denominados a ela; como podemos perceber, existe a prostituta, garota de programa, no qual se encontra a grande maioria das trabalhadoras, e também existem

as acompanhantes, geralmente jovens mulheres, universitárias ou com diploma universitário, de classe média ou alta, e que circulam nas mais altas rodas. Elas se tornam objeto de desejo de muitos homens, que pagam valores bem altos pela companhia e pelos serviços dessas acompanhantes “de família”.

Sendo assim, não podemos pensar apenas em uma mediação econômica, em uma “compra” do sexo pelo cliente, pois há uma sociabilidade construída, há identidades sendo forjadas, além da busca pela satisfação dos desejos.

Com isso, percebemos que as novas formas se apresentam, mas sempre a partir de uma antiga que lhe preceda, e o presente mostra-se a partir de novos recortes, novas possibilidades, que buscam desde sempre o encontro com a fantasia ou as inúmeras fantasias e desejos, que somente a prostituta pode fornecer. Como veremos no próximo capítulo, as escritas de si das prostitutas caminham por essas histórias, embora não somente as do desejo, mas as do lugar da perspectiva da prostituta. Ela não será mais apenas objeto de desejo, mas um indivíduo que pode ser objeto de desejo e mais que isso, como sujeitos tecendo suas histórias dentro das possibilidades que cada personagem conseguiu dentro da sociedade e de sua economia psíquica.

3 AS ESCRITAS DE SI

Neste capítulo, percorreremos as cartografias dos corpos, os livros escritos, pensados a partir de e pelas prostitutas, fazendo interlocuções com a teoria psicanalítica.

3.1 AS PROSTITUTAS: UM ESPELHO DA HISTÓRIA

Até o momento falamos do lugar da prostituta na sociedade. Percebemos também que a ausência ou presença na história está ligada às “vontades” das classes dominantes, e sua possibilidade de lucro e outras benesses com essa categoria profissional.

Passando pelos séculos e pela história contada no primeiro capítulo, caminharemos para finais do século XX e início do século XXI quando vamos nos deparar com uma nova forma de escrita, talvez nem tão nova, mas que neste momento abre caminhos para pensarmos sobre este ofício de criar, sobre a literatura do eu, se é que podemos a chamar assim.

Esta escrita de si, ou também chamada de autoficção, começa a figurar nos trabalhos acadêmicos, depois da centralidade da tradição crítica no autor, e posteriormente, da intenção no leitor (Compagnon, 1999). A crítica contemporânea vai aprofundar-se no texto, e no que o texto quer dizer, de acordo com Eco (2005).

Outro nome de peso que busca a centralidade no texto é o crítico literário brasileiro Antonio Candido (2010), que apregoa que a análise deve partir do texto, discorrer e retornar a ele, analisando uma interpretação íntegra, buscando o texto e o contexto em um trabalho dialético, sem buscar escapes biográficos.

Buscando outra vertente, vemos um em que o texto tem total relevância, mas seus dados extraliterários estão presentes tanto na escrita, como também é um dos pontos cruciais para uma análise profunda. Estes dados extraliterários são marcas de escrita em primeira pessoa, que flertam com histórias reais, mas não de forma pura, e sim com interferências ficcionais, como atestam Marconi e Lakatos (2005).

O estudioso francês Philippe Lejeune (1966) primeiro expõe dados sobre a autobiografia, acentuando o impacto que essa escrita causa no leitor, e este pacto independe de se o texto abarca o ficcional, pois o que será relevante é o pacto feito com esta escrita e com este leitor, se referencial ou ficcional.

A autobiografia traz dados do autor, histórias, espaços físicos, traços que marcam a vida deste escritor, e mesmo perpassando estes fatos verídicos entre uma letra e outra, um pensando o outro, traços ficcionais sempre se fazem presente, pois toda a recriação de algo ou de vida já se encontra preme de um imaginário.

Pensando nesta mescla de real e ficção, Lejeune (1975) levanta as demarcações dos limites do autobiográfico e da autoficção, sendo o autobiográfico um “pacto direto” do autor e da escrita, e a autoficção um “pacto indireto”, que perpassa traços biográficos, mas também permite a “hipocrisia”, a verdade visitando a imaginação, o real perpassado com toques ficcionais, proporcionando uma realidade sendo pintada com muitas cores.

O movimento descrito acima foi cunhado de autoficção por Doubrovsky, que, em termos gerais, se assemelha a descrição de Lejeune, e com o qual encontramos a transposição de uma ou várias experiências pessoais do autor para sua escrita, que pode ser perpassada pela invenção, com toques imaginativos.

O termo autoficção cunhado por Doubrovsky surge como resposta a um questionamento de Lejeune em *Le pacte autobiographique* ([1975] 1996). No livro, Lejeune questiona a possibilidade de se construir um romance em que o autor e o protagonista tivessem o mesmo nome, e assim, como forma de responder este questionamento, Dubrovski publica seu romance nomeado de *Fils* ([1977] 1980), no qual dá ao protagonista narrador o seu nome.

Doubrovsky debruça-se nesse conceito, e cria regras para o que podemos considerar autoficção. Para ele, em uma obra autoficcional, autor, narrador e protagonista têm que ser a mesma pessoa, caracterizando a autoficcionalidade da obra.

No entanto, sabemos que somente este conceito não sustenta as várias possibilidades do que é uma autoficção. Barbosa (2011) discute como o conceito de autoficção sofreu ajustes e teve seus limites dilatados pelas mãos de outro autor, Vicent Colonna, que ao final dos anos 1980 propôs renunciar ao homônimo como condição exclusiva para a classificação de uma escrita autoficcional. Assim, Barbosa (2011), a partir dos pensamentos de Colonna, identifica quatro tipos de escrita autoficcional, que são elas:

A autoficção “fantástica”, congregando autores como Dante, Borges, Cyrano de Bergerac, na qual se constata que o autor transpõe sua identidade no irreal e a amplia para além dos limites humanos sem

estabelecer correspondências entre a ficção e a biografia; b) a autoficção “especular”, cujo centro não é forçosamente ocupado pelo autor, mas onde ele se imiscui enfiadamente multiplicando jogos de espelho e “mise-en-abyme”, a exemplo de Ítalo Calvino em *Se um viajante numa noite de inverno...*; c) a autoficção “intrusiva”, em que o autor se coloca à margem da intriga em que ele se torna narrador, comentador, como no caso de Balzac, Flaubert etc.; d) a autoficção “autobiográfica”, em que o autor se faz herói da história, organizada em torno de sua própria existência, por vezes mesclando elementos documentais e fatos e nomes reais- concepção essa que mais se aproxima da autoficção de feitio dubrovskiano (Barbosa, 2011, p. 289).

Percebemos que a discussão pode assumir outros vieses, outros pontos de vista, novas classificações, tipificações e estruturas, sendo importante para pensar nas análises futuras, o que se sistematiza de diverso nas possibilidades de autoficção, sendo em obras distintas ou os vários tipos em uma mesma obra.

Isso se dá, pois não podemos restringir a literatura a um único conceito, a uma rigidez que não faz parte da escrita, do processo criativo; percebemos esta rigidez e esta problematização quando vamos nomear os gêneros textuais, que por muitas vezes um gênero engloba tantos outros, e assim sendo, geralmente, nomeamos o que tem maior extensão no texto.

Assim, faz-se importante pensar que o conceito é muito importante, mas em determinados momentos vamos deparar-nos com estas fronteiras teóricas, que não diminuem ou causam qualquer tipo de impedimento nas análises, muito pelo contrário, pode enriquecer e trazer outras discussões, pois o que não podemos perder de vista é que a teoria existe em função da arte, e não o contrário.

A estudiosa Eurídice Figueiredo (2010) em seu artigo “Autoficção feminina: a mulher nua diante do espelho”, aponta que sempre, ou muitas vezes, as influências pessoais do autor transbordavam em seus escritos, em suas obras. No entanto, para a tradição literária ocidental a separação era fulcral, sendo ficção e autoficção coisas completamente distintas. Vale uma observação: a ficção era situada nas prateleiras de alta literatura, já a autobiografia figurava como um gênero menor.

E quando nos referimos as escritas de si ou a autoficção entramos em um meio termo, algo que caminha entre o mais conceituado e o não conceituado, um lugar que permeia o meio – seria esse o caminho?

Sabemos que esta mistura de real e ficcional é o que impacta, o que fascina o leitor. Este “pacto ficcional” que transgride, mas que também instiga, é o que mescla o fato verídico com o irreal, sem dizer onde um acaba para começar o outro.

Estas escritas de si figuram na literatura latino-americana a partir dos períodos de pós-ditaduras, de acordo com Francine Masiello (2001). E, para além de ocuparem as prateleiras das livrarias, na literatura contemporânea, abarcam figuras marginalizadas da sociedade, que trazem lugares de fala e reflexões sobre o outro, sobre seus lugares na sociedade e sobre suas subjetividades, tão escamoteadas ou apresentadas de forma errônea por muitas vezes.

Esta nova abertura social possibilitou dar voz a quem por séculos foi exposto, mas sempre, ou quase sempre, pelo olhar do outro, pela voz do outro, nunca fez uso de sua própria voz. E aqui estamos falando do que erroneamente se conhece como a profissão mais antiga do mundo, diga-se, a prostituição, ou melhor, sobre as prostitutas, seus lugares, suas falas, suas histórias que fazem parte da história oficial, mas, por vezes, escrita, descrita e lida por outras vozes, que não suas próprias.

Encontramos inúmeros exemplos literários entre os clássicos da literatura mundial, como o *A dama das Camélias*, lançado em 1848, de Alexandre Dumas Filho. A história do livro conta a vida da cortesã Marguerite Gautier – lembrando que as cortesãs são mulheres com atributos de beleza física, educadas, inteligentes e que são sustentadas por homens ricos, prósperos, que utilizam essas mulheres como forma de afirmar sua masculinidade e posses.

A história caiu nas graças do público, ora elitista, ora beirando o popular, pois a história descreve como Marguerite apaixonou-se por Armand, homem que não faz parte da alta nobreza, e como ele não poderia manter a vida luxuosa dela. Por isso, ela renuncia aos luxos e excessos para viver uma vida mais simples ao seu lado. No entanto, passados dois meses, o pai de Armand procura Marguerite e pede para terminar o relacionamento, pois se ela o ama de verdade saberia que, se o relacionamento continuasse, ele não conseguiria um trabalho em um alto posto que ele tanto almejava, pois, uma esposa como cortesã mancharia e acabaria com suas possibilidades de alçar grandes cargos no universo de trabalho.

A cortesã comove-se e, em pensamento, trava monólogos que deixam claro que uma mulher como ela jamais poderia almejar ser feliz, pois Deus não permitiria. Vemos que ela reproduz o pensamento da época, baseado no discurso moralista cristão.

Assim, como em um ato de amor “heroico”, Marguerite decide renunciar o seu amor por Armand, para que ele não sofra a retaliação de tê-la como esposa, e, assim, possa seguir sua ascensão social. A dama fica conhecida como a cortesã mais honesta, guardadora e mantenedora da falsa moral burguesa.

Alguns dizem que essa obra possui *flashes* autobiográficos do seu autor, e narra os encontros e desencontros de um amor impossível vivido por Dumas. O autor consegue trazer as fabulações do popular, passando pela frivolidade vivida pela elite burguesa da época, colocando a obra como um melodrama clássico na obra teatral.

Percebemos que a história é contada a partir da voz masculina, já que os dois narradores da história são homens, assim como no clássico da literatura brasileira *Lucíola*. O livro de José de Alencar, assim como de Dumas também é narrado por um homem, o jovem Paulo, que deixa a vida no interior para tentar a “sorte” na capital fluminense, e se tornaria o grande amor e “salvador” de Lucíola.

Assim como *A dama das Camélias*, *Lucíola* propõe-se a revelar as transformações dos padrões comportamentais e sociais deste momento histórico; leia-se, o Segundo Império, em que os costumes elitistas e o preconceito foram elementos fundantes em sua escrita, já que temos uma sociedade permeada de valores patriarcais, escravocratas, cristãos, enfim, uma moralidade construída por uma elite que muito fala, mas pouco faz.

Pensando na literatura erótica temos o considerado primeiro romance erótico da modernidade, o livro *Fanny Hill ou Memórias de uma mulher de prazer* de John Cleland ([1749] 1997). Esse livro já foi alocado no *index* dos livros licenciosos (lista que foi publicada em Londres no ano de 1885), e retorna as prateleiras já em 1960, com a crítica negando todo o valor literário da obra.

A história narra a vida da prostituta Fanny Hill, através da voz de seu autor, que usufrui dos prazeres do sexo, mesmo que venal, trazendo descrições detalhadas de deflorações, sadismos, masoquismos, e atos sexuais.

Mesmo com todos os excessos, nossa personagem, a prostituta Fanny, enquadra-se nos padrões dos pensamentos burgueses do século XVIII, mesclando o erotismo e os ideais românticos e sociais, como o casamento, vigentes na época.

Aqui temos apenas alguns exemplos, mas fazendo uma rápida busca, somente na América Latina, encontramos outros tantos títulos como: *Pantaleão e as visitantes* (1974) e *A casa verde* (1966) do Nobel de literatura Mario Vargas Llosa, *Toda nudez será castigada* (1973) de Nelson Rodrigues, *Memórias de minhas putas*

tristes (2004), do também Nobel Gabriel García Márquez, *Teresa Batista cansada de guerra* (1972) de Jorge Amado, e tantos outros que dão vozes a estas personagens que carregam o nome de prostitutas, mas que abarcam um mundo de possibilidades, reflexões, subjetividades que muito diz do outro e do que está ao redor.

E assim, depois de muito escrever, narrar a história do outro, ou no caso das outras, as escritas de si ou as autoficções que já começavam a ganhar terreno em alguns países da América Latina aportam no Brasil, começando a despertar, pelo menos entre esta nova leva de escritoras, as prostitutas, a partir da década de 1980.

3.2 AS ESCRITAS DE SI OU QUASE

Em um primeiro momento as escritas partiam das mãos de um *ghost writer*, ou “escritor fantasma”, em português. Este escritor, profissional, escreve textos dos mais variados assuntos, gêneros, e assim, sua escrita apresenta-se como o interlocutor da história, que não escreve o seu próprio conteúdo por inúmeros motivos, entre eles: falta de tempo, de prática, de *status* etc.

Esta nomenclatura diz muito desse profissional, pois uma vez do trabalho pronto, ele praticamente desaparece, assim como um “fantasma”, fazendo com que sua identidade e possíveis interferências no trabalho sumam junto.

Claro que para esta experiência sair de forma convincente, esse profissional recebe informações, anotações, mantém conversas com o “futuro autor” para se aproximar o máximo possível do “jeito” do seu contratante.

Dos primeiros livros que temos notícia, deste formato das escritas de si, vamos de encontro a uma grande militante dentro do cenário tão marginalizado da prostituição, Gabriela Leite.

3.3 GABRIELA LEITE: PODE ME CHAMAR DE PUTA

Gabriela, em um encontro de mulheres periféricas em 1982, se apresenta como prostituta, e ali, no lugar onde todos deviam ser acolhidos, já percebe que o lugar da prostituta não poderia ser o lugar de fala. Todos sabiam que existiam, que estavam ali, podiam somar, mas falar já seria demais; é assim Gabriela que começa toda sua militância.

Ela começa seus estudos na USP, em Letras, depois pede transferência para cursar Sociologia, frequenta as aulas optativas do mestre Antônio Candido, mas com problemas familiares e financeiros, deixa os livros de lado e busca a prostituição – ela sempre esclarece que a prostituição foi uma escolha – em São Paulo, em um lugar muito conhecido como Boca do Lixo.

Assim começava sua nova vida e sua luta, que reverberou na fundação do movimento de prostitutas, juntamente com Lourdes Barreto, e que percorreu o Brasil. Fundou o movimento Davida e a marca de roupas Daspu (fazendo alusão a uma famosa e luxuosa loja de São Paulo chamada Daslu), que promovia desfiles com modelos prostitutas, além de ter lançado um jornal de e sobre prostitutas chamado *Beijo de rua*. Ele não tinha uma periodicidade definida e tinha uma coluna chamada “A coluna de Gabi”, que saiu em todas as edições até a sua morte, em 2013.

O primeiro livro de Gabriela veio em 1992, *Eu, mulher da vida*, que conta toda a trajetória de Gabriela: sua adolescência de classe média, sua passagem na Universidade, seu trabalho de secretária em uma multinacional, seus envolvimento amorosos, o papel de mãe solteira, sua entrada na prostituição, seus dilemas e sua militância.

No livro, Gabriela vai apresentando, descrevendo o que a prostituição representa, como podemos observar: “Hoje a prostituição incomoda por ser o espaço das transgressões, que expõe algumas ideias de interesse direto para o indivíduo. [...] A prostituição representa o reverso da medalha de todas as questões sexuais da sociedade” (Leite, 1992, p. 14-15).

Ela discute as divisões que a sociedade persiste em apregoar, “divisão entre a santa, a mãe dos filhos, e “as outras”, as “da vida” (sem dúvida muito mais divertidas). As santas assumem seu papel, mas fantasiam ser prostitutas; e as prostitutas sonham com a pacata situação de dona de casa” (Leite, 1992, p. 14).

Essa divisão já descrita no capítulo histórico faz-se muito presente até os dias atuais. A construção da “mulher de família” ideal para o casamento, e “as outras” que devem ocupar o lugar do prazer e que, por inúmeras vezes, é um lugar que está inserido na marginalidade. Este lugar também é mencionado por Leite (1992, p. 14), “quando homem vai à zona, procura sexo sem envolvimento pessoal, pois é aceito que o amor não excludente pode ser exercido pelos homens às escondidas (pela mulher, jamais!).”

Freud já dizia que o homem tende a separar o amor do desejo. Vivendo os desejos e as fantasias sexuais com uma, com a outra ele consolida um relacionamento amoroso, e talvez ainda uma família e filhos.

Essa divisão feita por alguns homens acarreta de alguma forma, em uma relação, por vezes, fraca, empobrecida, delimitando as mulheres, objetificando umas e santificando outras, sem conseguir conceber ou unificar amor e desejo.

Freud vai abarcar estes desejos, amores e objetificações nos artigos que compõem a coletânea “Contribuições à psicologia do amor” de 1910 a 1918. A escrita dos ensaios tem uma separação de quase oito anos, sendo o primeiro escrito em 1910 nomeado “Um tipo especial da escolha de objeto feita pelos homens”, um outro de 1912 “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor”, e o último de 1918 “O tabu da virgindade”.

Neste momento nos deteremos no primeiro ensaio, no intuito de pensarmos essa relação dual de amor e desejo desempenhada por alguns homens.

Freud já começa esclarecendo que o até o momento quem nos dirigiu, nos alicerçou, no campo amoroso, foram os poetas, com suas escritas livres e sensíveis, emergindo traços psíquicos, as diversas subjetividades, que muito dizem do ser humano. Porém, mesmo com todos os apontamentos, não podemos esquecer que existe por trás das palavras uma questão estética e intelectual, sendo necessário buscar outras formas de compreensão.

O pai da psicanálise começa abordando a escolha objetal, que deve conter neste processo o que ele chama de um “terceiro prejudicado”, na qual a mulher só vai despertar o interesse se ela já estiver com outra pessoa, que já possua um compromisso, que tenha ou venha a construir laços afetivos com outro(a) parceiro(a), pois sempre deve existir um outro alguém na relação, um sujeito a ser “prejudicado”. Nesse caso, uma mulher livre, desimpedida, solteira, não interessa ao sujeito.

A segunda escolha pode estar relacionada com a primeira, mas não necessariamente, pois nesta modalidade a escolha acontece de acordo com a reputação, com a forma que a mulher conduz a sua vida. Eles buscam a mulheres que socialmente são consideradas de má reputação², em um movimento de vivenciar o

² Estamos apresentando um olhar macrossocial, perpassado de uma moralidade adjunta dos preceitos patriarcais, o que em nenhum momento condiz com o nosso pensamento, pois combatemos esta moralidade construída às custas da subserviência e escamoteação da condição do feminino ou dos inúmeros femininos.

ciúme. Esta condição parece andar em par com a primeira, pois não busca uma rivalidade, no sentido de buscar ser o único, já que a condição surge a partir do comportamento da mulher, que pode ultrapassar as barreiras do que é considerado um relacionamento monogâmico, ou ter atitudes mais audazes, desde que incentive o ciúme. Quanto mais a mulher consegue incendiar este sentimento, que por vezes leva a atos terríveis, inclusive a morte, mais neste lugar o homem consegue satisfazer o seu enamoramento.

Já a terceira condição faz parte de quase todos os encontros apaixonados, cada uma dentro das suas condições e possibilidades. Estamos falando da compulsão. No entanto, quando falamos de homens que tem como desejo objetal as mulheres consideradas “libertinas”, com a “moral” não muito aceitável socialmente, esta compulsão ganha outros ares, com lentes de aumento, como um “amor” intensificado que pode levar ao limite do psiquismo, tanto no quesito do desejo, do relacionar-se, como também o de posse. Mas percebemos que esta voracidade pode esvair-se com o tempo, por inúmeros motivos. Entretanto, o que vai acontecer é que o próximo relacionamento vai seguir o mesmo caminho, os mesmos sintomas e reações, mudando a/o personagem, mas seguindo os mesmos trajetos.

Um quarto ponto para se tratar em relação à condição objetal do indivíduo é a busca pela contínua salvação do “seu par”. Vemos muitas vezes isso ocorrer quando um homem se apaixona por uma prostituta. Vale salientar que não há problema nenhum em o homem apaixonar-se por uma mulher que exerce a profissão de prostituta, o problema é quando ele se apaixona pelo fato dela ser uma profissional do sexo, muitas vezes desconsiderando o próprio indivíduo, tratando-a apenas como um objeto que “carrega” algo que o “alimenta”, em termos metafóricos.

Freud explica que esta escolha objetal é uma possibilidade que a outrora criança, fixada no carinho da mãe, encontrou dentro da possibilidade de sua economia psíquica. Em um desenvolvimento psíquico considerado normal em que os traços maternos são assimilados e diluídos de outras formas, não como fixação, como veremos descrito no fragmento abaixo:

Por exemplo, a preferência de homens mais jovens por mulheres mais maduras; a separação da libido da mãe completou-se relativamente rápido. Por outro lado, em nosso tipo, a libido permaneceu ligada à mãe por tanto tempo, mesmo depois da entrada na puberdade, que os objetos amorosos eleitos mais tarde estão impregnados pelas características maternas e todos eles se tornam substitutos facilmente

reconhecíveis da mãe. Aqui se impõe a comparação com a formação do crânio do recém-nascido; se o parto é prolongado, o crânio da criança sempre vai figurar a pressão da abertura pélvica da mãe (Freud, [1910] 1996, p. 92).

Aqui trouxemos apenas a ponta do iceberg, pois Freud vai descrever de forma mais precisa o que perpassa todo o Complexo de Édipo e suas reverberações. Posteriormente, refletirá em suas descobertas sexuais, pelo encontro com o sexo pago, que muitas vezes é a forma iniciática do menino.

A partir daqui podemos tomar exemplos literários, que nos aproximam destes cenários. O livro de Pedro Nava, *Balão Cativo* ([1973] 2012), no qual encontramos uma passagem que aborda a descoberta dos meninos, o protagonista e seu primo Tonsinho, com a palavra “puta”. Esse nome surge quando os meninos estavam na oficina mecânica do Seu Antônio, local que os encantava:

[...] reinava um mecânico, lusíada de grandes bigodes, fala macia e verbiagem porca. Um dia eu ouvi distintamente a palavra. Puta. Foi como um rebentar de mina subterrânea. Eu devia, certo que devia, saber qualquer coisa que não enfocava. Puta. Talvez nessas quatro letras estivessem, em síntese formal, as verdades difusas que eu ainda não configurava. Era isso. Puta. [...] Puta. Era aquilo. Não resisti e perguntei. O que que é puta, seu Antônio? Ele nem hesitou. Putas, mó m'nino, são mulheres que dão. Mais não disse e deixou-me perplexo. A mim e ao Tonsinho. Dão o que? santo nome de Deus! Que dão elas? Esse dar intransitivado e assim reticente perturbou-nos profundamente (Nava, 2012, p. 84-85).

Na angústia de entender o significado da palavra, o mistério que a tomava, entre conjecturas e o encontro, foram alguns momentos, até a busca da palavra “puta” no dicionário, finalmente compreendida.

A palavra misteriosa que pode facilmente ser desvendada através do verbete de um dicionário, não expressa na realidade o mistério que continua, pois os segredos da sexualidade fazem parte da vida dessas mulheres, que são desejadas, amadas e vilipendiadas, por vezes, ao mesmo tempo.

Um outro livro que abarca esta condição do menino iniciar-se com uma prostituta é *Amar, verbo intransitivo* (1927), de Mario de Andrade, que descreve a história da “professora” alemã Elza, ou Fraulein. A “professora do amor”, como se autointitula, foi contratada pelo Sr. Sousa Costa para além de dar aulas de alemão e piano para os filhos, para iniciar Carlos, o filho adolescente e mais velho de dezesseis anos, na “arte” do sexo.

Percebemos como muitos livros abarcam a prostituta, a prostituição e o sexo. Até então a história era narrada através de outros, outras vozes, que ora abarcam o desejo e ora descrevem a marginalização dos corpos, ou ainda trazem as personagens como grandes detentoras dos “mistérios sexuais”.

O que vamos retomar a partir de agora é esta escrita da prostituta, esta descrição dos diversos modos de prostituição, estes “mistérios” que rondam o território, mas a partir das escritas delas, da personagem que toma seu lugar de fala.

Após trazer a fala de Freud, já que muitos homens fazem divisão entre amor e desejo, e o que foi suscitado por Gabriela Leite, no livro *Eu, mulher da vida* (1992), percebemos o reforço nas divisões entre santa e puta. Queremos dizer dessa palavra que suscitou, no menino personagem do livro, a curiosidade em relação ao seu significado, mas também que serve como um xingamento, sendo dos mais ofensivos.

A própria Gabriela, tem um segundo livro chamado *Filha, Mãe, Avó e Puta* (2008), sendo que a palavra – puta – foi utilizada por Gabriela sempre que ela precisava denominar o seu trabalho. Ela se autointitulava puta, talvez para desmitificar este nome, e fazê-lo sair da marginalidade, ao adentrar o rol das palavras utilizadas como algo empoderador.

No entanto, a pesquisadora Valeska Zanello, do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília, entrevistou setecentas pessoas das mais variadas faixas etárias e classes sociais, e publicou um estudo dos xingamentos que esses brasileiros achavam mais ofensivos, tanto para homens como para mulheres.

É sempre bom frisar que quanto mais ofensivo é um insulto mais ele aponta os preconceitos e opressões sociais. Para as mulheres, o xingamento mais ofensivo foi “puta”, palavra que faz refletir sobre o controle rígido dos corpos, principalmente a sua sexualidade, mostrando que a liberdade feminina, solta das amarras sociais, é apontada e condenada. Já o xingamento mais ofensivo para o homem foi “veado”, que carrega uma forte carga homofóbica, misógina, já que “ser veado” é estar em uma condição inferior, submissa, próxima a das mulheres. Sendo assim, palavras como “puta, vagabunda, piranha e vadia” carregam um cerceamento dos corpos e da sexualidade feminina, um pensamento machista que reitera historicamente que a mulher deve estar inserida no mundo privado, sendo a “bela, recata e do lar” o “ideal” da mulher “de família”.

Gabriela, através de seus escritos, conta sua trajetória, sua vida relacionada ao trabalho sexual, mas também sua marca de roupa “Daspu” e a ONG Davida. Ela

relata que tanto a marca como a ONG buscavam melhores condições sociais, de visibilidade e financeira para estas “filhas de Eva”, que perpassam o imaginário social, ora sendo desejadas, ora sofrendo todo o escárnio moral/social.

Assim, através de Gabriela, no Brasil, a escrita da prostituta começa a ter a sua voz, a sua marca, o seu lugar de fala, mesmo que por outras mãos, mas sendo as suas histórias, as escritas de si, o seu olhar e as suas reflexões. Gabriela veio abrir caminhos, para as mais diversas formas de escrita, e as histórias que abarcam os diversos tipos de prostituição, assim como veremos na próxima “escrevivência”.

3.4 FERNANDA (CODINOME-PRINCESA): APRESENTANDO UMA DAS INFINITAS POSSIBILIDADES DOS DIVERSOS FEMININOS

No caminho das “escritas de si” nos deparamos com o livro *A princesa* (1995), obra que traz uma leitura que perpassa diversas emoções. O livro foi escrito por seis mãos, dentro de uma cadeia italiana. Quem escreveu, ou melhor, materializou as histórias de “princesa” foi Maurizio Janelli, presidiário e ex-integrante das brigadas vermelhas (condenado por sequestro e atentados terroristas). Giovani Tamponi, condenado à prisão perpétua por assalto a banco, era o intermediário do caderno amarelo e companheiro de princesa na prisão. O livro foi escrito através desse caderno amarelo, já que “princesa”, conhecida como Fernanda, é uma travesti e ficava em um pavilhão isolado dos outros presos, condenada a 6 anos de prisão por prostituição e tentativa de homicídio.

A história se trata desta paraibana, nascida no interior, na cidade de Alagoa Grande, sob o nome civil de Fernando, e que tempos depois se torna Fernanda Farias de Albuquerque.

Saiu de sua cidade natal em busca de liberdade, de poder vivenciar quem ela era; primeiro foi a Recife, Natal, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e depois terras estrangeiras na Itália.

O livro tem uma forte carga de violência, assim percebemos que esta agressividade advém do preconceito e rechaço social aos quais Fernanda é submetida. Assim como recebe estas agressões físicas, verbais, psicológica, ela responde isso em sua vida e nas suas relações.

Neste momento, anos 1980-1990, se já não bastasse a AIDS disseminando-se no Brasil, a sociedade mira seu ódio para as travestis e os homossexuais, intensificando o rechaço e a cólera social.

Fernanda trabalhou em troca de comida, foi cozinheira, mas decidiu ou foi levada à prostituição.

O livro narra as diversas histórias de Fernanda nas ruas brasileiras e italianas, os inúmeros clientes, todos nomeados de José, sem as subjetividades inerente a cada ser humano, e sendo uma forma de não criação de vínculos – cada José é apenas mais um cliente.

Também abarca a questão da rua ser o lugar do desejo, pois ali, naquele espaço, ela se encontrava, ela se sentia desejada, e além disso, ela se sentia feminina, como descrito no fragmento a seguir:

Naquela noite foram quatro. Serviços diferentes, algum trocado. Nada mau. Mas não era só o dinheiro que me prendia ali até as três da manhã. Eu sou puta, é essa a questão. Bato a calçada com outros vinte, trinta travestis. Sou desejada. Me exibo no feminino. Fernando é show (Albuquerque, 1995, p. 63).

Podemos pensar, daí, nos diversos femininos, ou que a condição do feminino não está relacionada apenas ao órgão sexual biológico do indivíduo. Nas *Novas Conferências* de 1933, em um artigo intitulado “Feminilidade”, Freud constata a dificuldade de nomear a masculinidade e a feminilidade.

Não podemos apenas nos prender à questão biológica, pois basta observar o caso da nossa personagem – Fernanda – em que “a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida, que foge do alcance da anatomia” (Freud, [1933] 1966, p. 77).

Assim, Freud propõe esta masculinidade e feminilidade a partir de uma atividade e passividade, que se ligaria as células sexuais, sendo o “ativo” o masculino, já que são eles que percorrem o caminho, e a passividade para o feminino que seria o óvulo, o que espera.

Estas nomenclaturas de ativo e passivo ficam nas questões ligadas às células sexuais, e às questões relativas à história, pois se pararmos para pensar, por séculos, o feminino – considerado o sexo frágil – foi subjugado socialmente, trazendo esse lugar para passividade, esse não lugar de fala, também imposto para as travestis, que

portadoras destes diversos femininos. A professora Escolástica (1995, p. 138) fala da dificuldade de delimitar e descrever:

O inconsciente aponta para um buraco no simbólico, uma falha, uma fenda radicalmente inassimilável em sua totalidade; sua origem só pode ser concebida como uma falta que se presentifica no dizer sobre ela. Portanto, qualquer tentativa para definir o inconsciente esbarra na mesma muralha que recobre o feminino: as palavras resvalam, escorregam, falham, mas não o nomeiam jamais (Escolástica, 1995, p. 138).

Percebemos no fragmento as impossibilidades de definir o feminino, de dizer um único caminho para sua construção, sendo necessário sempre pensar nos vários, inúmeros femininos.

Para além do escrever ou do descrever o que é o feminino, existe a necessidade de dar voz(es) aos femininos, buscar suas origens, ir além, trazer o lugar da respeitabilidade do indivíduo, sem cair nas armadilhas das moralidades impostas histórica e socialmente, que busca, por sua vez, o descrédito, a inferiorização, a falta de respeito e todo tipo de flagelação e violências que tentam calar os inúmeros femininos.

Freud, no seu artigo “Análise terminável e interminável” (1937), já descreve sobre este repúdio ao feminino, ou o não lugar da feminilidade na nossa sociedade. Sendo movida pelos dizeres de Freud e suas observações no campo clínico Teresa Brennan (1997) nos salienta:

A feminilidade é, portanto, o lugar onde nenhum homem- masculino ou feminino- quer estar, e o repúdio a ela é a atitude que caracteriza tanto o homem “normal” quanto a mulher que permaneceu masculina, recusando ou não conseguindo trocar sua primeira natureza masculina pela feminilidade. Muito embora Freud caracterize o repúdio à feminilidade como um dado imutável e semibiológico neste ensaio, ele não parece estar tratando o dado como sendo necessariamente um atributo universal das mulheres. Em vez disso, ele pareceria aplicar-se apenas à linha “masculina” de desenvolvimento e não à mulher feminina “normal” cuja masculinidade tenha sido adequadamente reprimida (Brennan, 1997, p. 73).

Entendemos que falar do feminino, socialmente construído, já é adentrar um terreno movediço. Quando buscamos os diversos femininos, no caso da nossa personagem Fernanda, travesti, encontrar seu lugar de fala, encontrar o respeito social, familiar, é, por vezes, romper com o sistema patriarcal, conservador, que

repudia “tudo que não é espelho”, tudo que eles “acreditam” que vai contra a natureza humana baseada nos dogmas religiosos, socialmente construídos, e nos discursos de poder que permeiam desde muito séculos. O que eles julgam ser certo ou errado, é em benefício da premissa de sempre privilegiar uma camada social, leia-se: homens, brancos e de alta classe social.

Assim, percebemos o livro como uma escrita de si, mas também um material reflexivo, afinal, que lugar Fernanda encontra na sociedade? E como isso reverberou na sua vida, nos seus dias, na sua história?

Entendemos em alguns fragmentos a violência imbuída nas palavras, na fala, nos movimentos, mas constatamos que não poderia ser diferente. “Nunca vi nascer limões de um pé de jabuticaba”: esse antigo provérbio, traz a analogia que remete ao meio que Fernanda está inserida, um meio que a afoga com preconceito, desprezo, indiferença e violência. Nossa personagem, ainda assim, consegue transmutar muito do corolário negativo, em que está inserida, em luta, em busca pelo futuro, em novos horizontes, e, por que não dizer, em amor.

Não estamos inocentando Fernanda de seus atos ilícitos, pois por esses a justiça lhe cobrou; estamos refletindo sobre o dia a dia, sobre os atos que Fernanda recebe e nenhum deles é cobrado, já que, no caso, ela deve digeri-los e seguir em frente, escavando nas subjetividades de sua psique, nas formas de ser e colocar-se no mundo, meios para se manter viva pelas ruas do mundo, em busca do olhar desejante do outro, para assim, desejada, talvez amada, seguir com sua trajetória aqui ou em qualquer lugar do mundo.

3.5 BRUNA SURFISTINHA, DO ANONIMATO AO SUCESSO: PRAZER E COMPULSÃO

Nas escritas de si, mas ainda por outras mãos, ainda as do *ghost writer*, encontramos um sucesso de vendas no Brasil que ficou ainda mais conhecido através da produção audiovisual em torno de Bruna Surfistinha, que é a personagem do livro *O doce veneno do escorpião* (2005), história baseada na vida de Raquel Pacheco.

O livro narra a vida da menina de classe média, que descobriu ser adotada, e assim acredita que muito do seu não pertencimento àquela família surja deste fato. No entanto, o que a leva à vida de prostituição é algo que ela relata desde o início do livro, um ímpeto de sexualidade, de se sentir desejada, como explicita o fragmento:

Na pista da Krypton, em plena Vila Olímpia, a cada noite de balada eu queria mais e mais. Ia de saia bem curta, para facilitar as coisas para quem quisesse sentir com as mãos o que a quase escuridão não deixava mostrar. Se não transei bem ali, se não quis perder no meio da pista minha virgindade, não foi por falta de oportunidade. O prazer que experimentava ao sentir o pênis do garoto, duro por minha causa debaixo das calças, me roçando aqui e ali, era quase irresistível. Quase... (Surfistinha, 2005, p. 11).

Notamos que o sentir-se desejada faz parte de alguns relatos que já abordamos e que vamos abordar. De forma mais enfática, notamos este fator do desejo nos relatos da Fernanda/Princesa, livro trazido anteriormente, e no relato que veremos mais adiante da travesti Amara Moira, no livro *Se eu fosse puta*. Uma coisa que parece que estimula esta condição da busca em todos ou em qualquer lugar é a condição preconceituosa que a sociedade coloca as transexuais, relegando a prostituição ao lugar que viabiliza o desejo é encontrado nas ruas. Contudo, no caso de Bruna (vamos priorizar o nome escolhido por ela para o papel da prostituição), o que a motiva é o não se reconhecer através do espelho, como uma menina bonita, com inúmeras qualidades etc., “Eu, uma garota de 13 anos, cheia de espinhas pelo rosto, ainda meio gordinha, mesmo com vinte quilos a menos, à base de regime. Nenhum garoto da escola me dava bola, nem na rua, nem em lugar nenhum. Apenas na noite. No escuro, eu devia parecer bonita” (Surfistinha, 2005, p. 21).

Outra coisa que acontece com Bruna é a ideia de encarar a sociedade, de confrontar as “morais” patriarcalmente construídas, ao permitir-se vivenciar situações que não devem fazer parte do “repertório” das meninas, como se relacionar de forma livre com quem quer e quantas pessoas que sejam. Essa liberdade foi responsável por ela carregar a alcunha de “galinha”.

A fama de galinha no colégio pouco me importava. Era como se eu fosse um menino. Para eles, ter fama de galinha era sinal de macheza. Para mim, era um troféu, a prova de que alguém me desejou numa noite. Uma noite de sexo selvagem, quem sabe? Eu sabia da verdade. Eles, não. Esse era o grande barato. Foi o meu jeito de chamar a atenção de todo mundo (Surfistinha, 2005, p. 21).

Bruna rompe com o falso moralismo, com o lugar da mulher, da menina que deve ser recata, privada dos seus desejos em prol “de manter sua reputação”, “de ser a menina de família”, e prioriza dar vazão aos seus desejos, mesmo que ainda sem a maturidade e consciência, mas como forma de chamar a atenção.

Raquel, acredita que pelo seu passado, pela descoberta de que foi adotada, outras compulsões foram desencadeadas. Teve a compulsão alimentar, comia e depois forçava o vômito, já que acreditava estar acima do peso, ou fora dos padrões que a sociedade impõe.

Outra compulsão – e essa foi a gota d'água para seu total desentendimento com seus pais –, foram os roubos. Não roubava porque precisava, mas pela excitação que provocava e pela compulsão por compras.

Eu roubava. Não, não sou ladra profissional. Começou quando eu tinha uns oito anos e a gente morava em Araçoiaba. Lá, tinha uma quitanda com um baleiro sobre o balcão. Como tinha só uma atendente, que estava ocupada com minha mãe, era muito fácil pegar as balas escondido e igualmente escondida eu as saboreava. Sabia que bastava pedir que minha mãe compraria quantas eu quisesse. Mas o barato era a adrenalina, o medo do proibido e o risco de ser apanhada. Só uma vez eu me descuidei e minha mãe perguntou de onde vinham aquelas balas. Menti: "Ganhei na escola". Passou pouco tempo até eu descobrir outras facetas dessa vontade incontrolável: os doces não eram suficientes e eu me descobri compulsiva por dinheiro. É isso mesmo: o dinheiro sempre me dominou (Surfistinha, 2005, p. 38).

Estes distúrbios, e outros, que acometiam Raquel são bem frequentes em nossa sociedade. Podemos pensar neles como forma de padecimento, um desejo inalcançável. Freud já em meados de 1910 começa a escrever sobre a compulsão, mas é em 1920, com o texto *Além do princípio do prazer*, que ele vai pensar nas compulsões como grandes pulsões.

Podemos pensar nas compulsões como algo que a princípio gera um grande prazer, mas com o tempo se converte em sentimentos de culpas e arrependimentos, para muitos.

Tudo que gera prazer nos impulsiona a continuar, buscando cada vez mais este prazer, mesmo que momentâneo. As compulsões, geralmente, estão atreladas a crises existenciais. Quando o sujeito não consegue a elaboração de determinados acontecimentos, existe a busca por um objeto de gozo, uma coisa que pode estar próxima, como a comida, o sexo, o roubo, as compras, etc.

Esta compulsão ultrapassa as simbolizações, ela é o que chamaríamos do real da pulsão, algo que não conseguimos vislumbrar conscientemente. O indivíduo não consegue entender aquela compulsão, pois não tem a representação palpável daquilo; sendo assim, ela sente verdadeira obsessão por aquele(s) objeto(s) de gozo,

pelo que de o único torna possível de tamponar o vazio, mesmo que momentaneamente.

Raquel em sua adolescência apresentou algumas formas de compulsão: comida, roubo, compras, e isso aconteceu após ela descobrir ser adotada. Esse fato, de alguma forma, não conseguiu ser representado simbolicamente, pois não se falou sobre ele, não se elaborou todo este processo, apenas se calou, e essa história veio a reverberar em suas compulsões. Não somente por isso, já que outras muitas histórias e acontecimentos podem ter ocorridos em sua vida que não foram abordados no livro, mas é possível inferir que ao não estarem presentes no consciente, dão sinal e podem estar “armazenados” em seu inconsciente.

Quando Raquel decide sair de casa e tenta a vida como Bruna, isso parte de suas compulsões também terem sido deixadas naquele lar, mesmo que por um tempo. Trabalhando como prostituta, Bruna vivia do sexo, gostava, mas não chegava a ser uma compulsão. O que se converteu em compulsão, de tempos em tempos, foi o uso abusivo de drogas, que a fez repensar algumas de suas atitudes e a largar o vício.

Bruna também deixou a prostituição, casou-se, e no ano de 2021 estava grávida de gêmeos, seu grande sonho, já descrito no livro de 2005.

Aqui percebemos os sonhos, a trajetória, que não difere da vida dos outros sujeitos; notamos que cada um escreve e vive suas histórias a partir de uma série de acontecimentos, e isso nos parece claro no relato de cada um(a) dessas vidas, dessas escritas de si, que muito têm a dizer, quando emergem como narrativas de poder, que para além de contar histórias específicas, contam sobre nossa sociedade, costumes, posições; contam sobre o ser humano.

3.6 A AGENDA DE VIRGÍNIA: STATUS, ESTIGMA E SOLIDÃO

O ano ainda é 2005 e é lançado o livro *A agenda de Virgínia*, com o subtítulo “Uma prostituta de luxo revela sua vida dupla”. Este se torna um ótimo resumo/chamariz para a vendagem do livro, ao lado da capa que traz a foto da própria Alejandra Duque, como Virgínia, em uma pose de costas com uma saia curta e seus longos cabelos loiros.

O livro foi escrito, ou melhor, foi motivado pelo que se descreve como Antonio Salas, um jornalista espanhol, interessado em fazer contato com Virgínia em busca

de publicar suas histórias. A partir desse livro dá-se início a uma “série confidencial” que abarca os diversos “submundos” existente em nossa sociedade, entre eles *Diário de un skin* e *El año que trafique con mujeres*.

A protagonista do livro já deixa claro na “orelha” do livro que seu ingresso na prostituição se deu de forma voluntária, que não foi forçada por ninguém, tampouco pelas circunstâncias, e que foi uma decisão particular de conhecer um outro lado da vida e aproveitar o que essa seara poderia oferecer.

Sua descrição já aparece no início do livro, vejamos:

Alejandra Duque, Álex para seus amigos, era a perfeita universitária espanhola. Boa aluna, divertida, vital, com algo de candura e inocência infantil, que surpreendentemente não desapareceu quando nasceu Virgínia. Virgínia, no entanto, é quase um metro e oitenta de luxúria, ambição, perversão, transgressão... mas também de generosidade, curiosidade, picardia, aventura... (Duque, 2006, p. 15).

Observamos que existem delimitações para Alejandra e para Virgínia, mas não são barreiras, já que uma não acaba quando começa a outra, pois só agregam mais qualidades.

Isso também fica bem demarcado quando ela descreve a diferença do dia e da noite. De acordo com Duque (2006, p. 31): “durante o dia tímida, insegura e fechada em mim mesma, mas que ao chegar a noite conseguia mostrar meu lado mais perverso e atuar com ele”.

Virgínia proporciona para Alejandra um outro lugar, o lugar do desejo, ou melhor descrevendo, de possibilidades de buscar essa satisfação para ela ou para outrem.

Alejandra atribui sua lascívia ao seu DNA, já que seu pai por diversas vezes soube de seus romances, até mesmo com seus amigos, e a aconselhava e assessorava em suas aventuras sexuais, como descreve:

Considero que a minha forma de ver o mundo e de ver os homens em relação ao sexo não é algo fortuito. Talvez seja genético, mas independentemente de o gene da depravação sexual se encontrar em meu DNA, tudo o que sei aprendi com meu pai. Pelo menos no princípio, claro, já que depois tive tempo de me aprofundar sozinha em cada tema, de forma bastante autodidata (Duque, 2006, p. 49).

Alejandra, de certa forma, associa seu grande interesse sexual ao DNA, mas também ao convívio com seu pai, grande incentivador em suas primeiras descobertas, lhe dando liberdade para viver outras tantas.

Nossa personagem, diferente de outras tantas meninas, conseguiu configurar seu pai simbólico, pensando a partir dos estudos psicanalíticos. Os atos e as vivências relacionados à infância reverberam na mulher futura, como veremos a partir da tese de Calligaris, psicanalista brasileira.

Quando a menina se depara com o pai, ela encontra sua própria diferença anatômica no olhar que recebe e que pode ser interpretado como desejante. Já aqui está a contradição: se esse olhar não for interpretado (ou interpretável) como desejante, a menina não terá como vir a ser mulher. Mas justamente esse olhar não pode ser propriamente desejante, sob pena de não ser mais o do pai, mas equivalente ao de um homem qualquer (Calligaris, 2006, p. 18).

Notamos que a menina deve reprimir o desejo pelo pai, e fazê-lo emergir em suas relações futuras. Esse primeiro olhar, primeiro desejo com o pai, irá, de alguma forma, ditar sua conduta amorosa e sexual vindoura, no qual a mulher do futuro irá buscar “no parceiro um olhar desejante que não seja incestuoso, que não seja anunciador de alguma culpa de habitar esse corpo de mulher que está sendo desejado” (Calligaris, 2006, p. 19).

Existe um medo, inerente à menina, da castração, não do órgão sexual, já que o clitóris seria o pênis castrado, mas, da castração relacionada à complexidade das relações, ao medo da perda do amor. Primeiro, o amor do pai, e ulterior, as relações amorosas. O amor é um elemento integrante para a subjetivação da mulher, o que acontece é que por vezes os “amores” (sentimento) são confundidos, e a remete àquele primeiro amor que advinha do pai (tutor parental). Sendo assim existe a necessidade da mulher conciliar dois amores, ou os dois olhares “amorosos”, leia-se: o desejante e o amoroso, o que nem sempre acontece sem empecilhos.

Mas podemos nos questionar como seriam esses dois olhares?

Observamos que o primeiro olhar, aquele amoroso, é o que conjuga a proteção, carinho, já o outro, o desejante, relaciona-se ao desejo, as relações sexuais, ao ato carnal. Sendo assim, seria necessário que as mulheres conseguissem conjugar estes dois olhares, para uma vida sexual sem tantas amarras – no entanto não é isso que, muitas vezes, encontramos.

Algumas mulheres somente conjugam um destes olhares. As que somente conjugam o olhar amoroso, falta o desejo, e assim, a entrega torna-se parcial, com travas e inibições, não entrando no “jogo” sexual que por vezes é demandado, restringindo-se ao lugar da “santa”, da mulher de “família, congregando o pudor, já que qualquer “deslize” que ela cometa pode ser motivo para ela perder o amor do outro, ou a perda do amor do pai.

Também encontramos o oposto, as mulheres que conjugam somente o desejo, elas não apresentam as inibições das mulheres descritas acima, os desafios para elas são outros, como a dificuldade de manter um relacionamento sólido, “seu corpo está jogado na disponibilidade, no puro uso e puro gasto” (Calligaris, 2006, p. 22).

Não podemos pensar na citação acima de forma única, pois existem mulheres que usufruem dos seus corpos de forma consciente, com a liberdade conquistada a duras penas. Estas não se enquadram na citação de Calligaris, mas sim, aquelas que utilizam o seu corpo quase como uma forma de “vingança”, uma traição ao pai.

Ao lado disso, temos o resultado da mulher que consegue abarcar os dois olhares, e isso acontece quando a menina passa as questões edípicas, a castração e o amor ao pai, todas de forma satisfatória. Esta mulher consegue equilibrar o amor e o desejo, pode ora ser a santa, ora ser a puta, construindo suas fantasias sem amarras.

Podemos pensar nossa personagem Alejandra ou Virgínia como uma mulher que perpassa os dois personagens sem maiores problemas – pelo menos é o que percebemos através de sua escrita. Lembrando que aqui não colocamos a personagem no divã, ou tentamos ler pelas entrelinhas, apenas buscamos as referências descritas pela personagem, que não adentrou à prostituição para dispensar seu corpo através do “uso”, “gasto”, como descrito na citação de Calligaris. Ela buscou este caminho por questões ligadas a *status*, curiosidade, a desvendar mistérios e, porque não dizer, a arroubos da juventude, como podemos comprovar no fragmento a seguir:

Um desconhecido tesão parecia emergir do meu interior, disparando minha imaginação até limites insuspeitados. Talvez se devesse a essa sensação de prazer que me invade diante do perigo, a esse afã por transgredir constantemente em todas as áreas: provocando, desafiando, escandalizando... [...] Quanto mais pensava, mais me

atraía a ideia de me converter fugazmente em um objeto de desejo de homens desconhecidos e anônimos (Duque, 2006, p. 56).

Ao longo de todo livro, Virgínia ratifica essa ideia da entrada na prostituição como algo instigante, curioso, que a possibilitou alguns luxos que sua vida de estudante não permitia, o que difere da maioria das meninas que adentram a prostituição. A maioria esmagadora torna-se prostituta pela necessidade, pela falta de oportunidade, que claramente não era o caso de nossa personagem.

O caso de Virgínia é diferente das demais, mas não podemos esquecer que adentrar o caminho da prostituição envolve também toda uma questão moral, que a sociedade imprime com atos e palavras, e isso, de alguma forma trazia Alejandra para uma realidade que se encontrava perpassada de preconceitos, como veremos a seguir:

É curioso, mas o fato de não chamar as coisas pelo seu nome, evitando desde "prostituição" até "sexo anal", produzia em mim uma sensação de que estávamos fazendo outra coisa. Assim, cada vez que eu escutava, por exemplo, a palavra "puta", me custava um certo esforço compreender que essa palavra feia era, afinal de contas, sinônimo da minha própria vida. Costumávamos dizer "isso" ou "fazer isso" ou "fazer por trás", como se nos sentíssemos menos culpados fugindo da realidade. Embora hoje em dia já tenha tido tempo de assimilá-lo, ainda acho vulgar utilizar a linguagem direta. Isso rompe minha couraça (Duque, 2006, p. 75).

Notamos que, por vezes, a fala de Alejandra pode parecer contraditória, e isso vai depender do lugar que ela se encontra. No seu mundo fechado, nas quatro paredes, ela, no seu dia a dia com seus clientes, em sua fantasia, a colocava em outro lugar. No entanto, o peso das palavras a remetiam a uma realidade, a colocavam nesse mundo estigmatizado.

De acordo com Goffman (1988), estigmas são valores pré-concebidos que solidificam nas sociedades. A estigmatização relaciona-se aos grupos considerados fora dos padrões, desqualificando qualquer aspecto positivo dos grupos e dando total atenção, ênfase, nas coisas consideradas negativas, fora dos padrões e que são consideradas à margem da sociedade.

A prostituição é um dos segmentos mais estigmatizados da nossa sociedade. No entanto, não podemos deixar de pensar que dentro da prostituição ainda existe diversos tipos de preconceitos, dos mais ferrenhos aos quase aceitáveis, eu disse quase, porém nunca totalmente aceito.

Isso vai depender das inúmeras formas de exposição do corpo, do valor, da aparência. Podemos pensar que o preconceito, as injúrias que a mulher que está exposta na rua, nas esquinas das grandes e pequenas cidades é diferente da forma de tratamento que a prostituta que se encontra nas mais altas classes sociais sofre, como observamos nas palavras da própria Alejandra:

Tive muito tempo para pensar depois de ver pela primeira vez garotas que, fazendo exatamente o mesmo trabalho que eu- com algumas variantes-, tinham de ficar enfiadas toda a noite no mesmo lugar, à vista de qualquer curioso que, como eu mesma havia feito, não fora consumir, mas apenas satisfazer sua curiosidade. Além disso me fez refletir o fato de que elas o faziam por muito menos dinheiro que eu, provavelmente durante o mesmo tempo, e uma ou outra garota era uma verdadeira preciosidade. Para mim e para minhas companheiras, deitar-se com três ou quatro homens por semana era às vezes demais, enquanto elas tinham de estar noite após noite em um lugar como aquele, ao alcance de qualquer um, e ainda por cima tendo de se deitar com muitos homens todos os dias. É muito injusto. Bem, o planeta todo é muito injusto, mas o mundo da prostituição é ainda mais (Duque, 2006, p. 292).

A prostituta considerada de luxo, a mulher com tratos refinados, geralmente, cursando uma graduação ou já formada, recebe de certa forma um “aval” social, pelo menos aparentemente, dos vilipêndios dirigidos a elas. Eles são de outra ordem, talvez mais suaves, mas se fazem presente no dia a dia.

Alejandra sentia estes olhares, este preconceito, este lugar de exclusão social que a prostituta se encontra. Este lugar, permeado das palavras proferidas para a profissão, a levava para um senso de estigma, de exclusão, de não merecimento que foi e é construído através da linguagem.

Duque ainda cita, para além do preconceito, outros fatores que corroboram a construção da personagem, que deixa marcas profundas, como as mentiras inventadas, a fim de “esconder” Virgínia: “as mentiras passaram a fazer parte da minha vida, e com isso eu fui construindo uma personalidade paralela tão sólida como a principal” (Duque, 2006, p. 176); ou ainda a solidão vivenciada, “o resultado deste tipo de vida é bastante evidente: a solidão crônica” (Duque, 2006, p. 178).

Estas condições fazem parte do “combo” do preconceito, do estigma, pois na tentativa de se preservar, outras engrenagens são ativadas. A construção de personagens serve como uma das funções de fugir dos olhares de julgamento, que

está atrelada diretamente à solidão vivida, à reclusão, para tentar viver sem os olhares dos inquisidores de plantão.

Cansada de todo o conjunto de malefícios que a prostituição trazia, Alejandra deixa a prostituição, já que neste momento tem um excelente trabalho em uma grande empresa, se sente realizada, e almeja uma vida mais “tranquila” – embora permaneça guardando todos os mistérios que a vivência na prostituição havia proporcionado.

3.7 O MANUSCRITO DE SÔNIA: DA REALIDADE PARA O FICCIONAL

No livro *O manuscrito de Sônia* (2005), nossa nova personagem o inicia descrevendo o momento em que anuncia ao motorista de táxi o lugar onde deseja ir. O nome “Mega Bar” já vem circundado por um corolário negativo, e por um olhar seguido de “conselhos” advindos do taxista alemão.

Sônia, seu nome de batismo, e Mariana, seu nome de vida, ou melhor, Mariana Brasil, nome escolhido para lembrar de onde veio em suas andanças pela Itália, França, Suíça e Alemanha, é a personagem do manuscrito.

Mariana é quem escreve o livro, e desta vez a escrita de si advém dela, de suas palavras, de seus pensamentos, de suas vivências, sem intermediários. No prefácio, assinado por Paulo Coelho, escritor brasileiro que a autora apreciava muito, e que, em visita à Itália, leu o manuscrito e tempos depois a encontrou em Zurique, se encerra o texto com os dizeres:

Sônia, através de “Mariana”, mostra neste livro, com um realismo envolvente, doce, porém desconcertante, um mundo visto, ouvido e vivido de dentro. Suas palavras falam baixinho, penetrando nos ouvidos. Íntimas, intensas, cativantes, elas podem nos levar ao inferno da busca de si mesmo, e ao paraíso do encontro com o amor- mas sempre na procura do eterno princípio feminino (Coelho apud Brasil, 2005, p. 13).

Após os dizeres de Coelho encontramos “nota da autora à segunda edição”, na qual ela relata, diferentemente dos outros livros, a escrita pela própria autora, sem outras mãos, sem intermediários.

Sônia descreve que o livro começa como um diário, que ela chama de amigo, um amigo silencioso, que a ouvia e estava junto, acompanhando-a no dia a dia. Fala das histórias inscritas na pele, dos momentos, nas emoções, pessoas e esperança,

“uma mulher que usou vestes de prostituta, conseguiu superar sua própria dor, preservando um espaço sagrado dentro de si” (Brasil, 2005, p. 15).

O livro de Mariana traz uma peculiaridade: na tentativa de preservar identidades, falas e acontecimentos, ela explica que existe a combinação de realidade e ficção; assim, não sabemos onde começa uma e termina a outra, e muitas vezes não sabemos se nos deparamos com histórias reais ou com fragmentos ficcionais.

O *manuscrito de Sônia* relata a vida de nossa personagem, mas, na maioria das páginas, descreve as histórias das pessoas que passavam pela vida de Sônia – fora seus dois filhos, namorado. As outras pessoas eram todas prostitutas que estavam com ela no dia a dia, e uma grande parte dessas prostitutas eram travestis, que através da prostituição foram tentar uma vida melhor na Europa, já que mesmo a vida sendo difícil era, muitas vezes, mais digna do que a que elas encontravam no Brasil.

Assim como a maioria, Sônia começou sua vida na prostituição ainda no Brasil, em São Paulo, no que conhecemos hoje como boca-do-lixo. Lugar que tinha grande quantidade de casas de show de *strip-tease* e de prostituição.

Mariana começou por necessidade, com o aluguel atrasado, com a falta de possibilidades. Ela chegou inicialmente como recepcionista, mas em pouco tempo começou a fazer os primeiros programas. “No início foi difícil, sentia-me agredida e violentada, mas o dinheiro era tanto e rápido que, diante de minha desastrosa situação financeira, lutava como podia” (Brasil, 2005, p. 79).

Depois de um tempo trabalhando na boca-do-lixo e com algumas conhecidas que estavam morando na Itália, trabalhando na prostituição, nossa personagem foi buscar uma nova vida em terras italianas, e assim, viaja de avião pela primeira vez e desembarca na Europa.

Começou trabalhando em bares de prostituição, e morava em uma cidade próxima. Conheceu um homem que a ajudava em relação à permanência na Itália. Embora ele fosse muito apaixonado por ela, eles não tinham nenhum relacionamento amoroso, somente uma grande amizade.

Neste período Mariana apaixonou-se por Lorenzo, um cliente, e acreditando que viveria um grande amor descuidou-se e engravida do italiano. Eles se desentendem e Lorenzo some sem saber que Mariana estava grávida; ela decide ter a criança, mesmo o aborto sendo legal até os três primeiros meses na Itália.

Neste momento do livro, entre a descoberta da gravidez e a volta para o Brasil para ter sua filha, nossa personagem vai trabalhar em uma outra cidade em um novo lugar. Daí em diante os subcapítulos do livro estão nomeados por nome de mulheres: Renata, Paula, Janete, Jaqueline, Patrícia, Marta, nomes que representam as amigas que ela fez no Medusa, boate que ela trabalhou os 4 meses do início da gestação antes de voltar para o Brasil.

Estes eventos, com estas histórias, estão do começo ao fim do livro, e neles encontramos os rumos, caminhos, as subjetividades de cada pessoa, os relatos e motivos de cada uma dessas mulheres adentrarem o mundo da prostituição. A mudança de país é sempre demarcada como a busca por uma vida melhor, não somente em termos financeiros, mas de aceitação em ser e estar no mundo.

Entre as conversas, um assunto sempre presente entre as mulheres era a questão da maternidade, e que faz emergir uma série de sentimentos: bons, maus e indiferentes. Renata dizia que a maternidade estava, totalmente, fora dos planos; Paula deixou uma vida de luxo por recusar-se a engravidar; e Sônia, a voltar para o Brasil para ter a filha Carol.

Pensando a partir de dados históricos e com a entrada da era judaico-cristã, e sendo o patriarcado o grande mandatário, a mulher é alocada no privado dentro das casas, servindo para reprodução, cuidado do lar e dos filhos gerados; esta era sua função, nos dizeres de Roberts (1998, p. 129): “a vida doméstica deveria ser o reino da mulher, [...] as mulheres casadas tinham de ser obscuras e obedientes, confinadas aos espaços sombrios das vidas de seus homens”.

Ainda de acordo com Roberts (1998, p. 142), o religioso Ítalo Calvino, um dos incentivadores da reforma protestante, pensava a mulher apenas como uma reprodutora: “se a mulher ficar esgotada e finalmente morrer no parto, não importa. Deixe-a morrer de parto, ela está aí para isso”.

Vemos a condição feminina sendo sempre subjugada, menosprezada, só adquirindo algum “status” na maternidade, e mesmo assim apenas por sua função reprodutiva.

No movimento feminista existem alguns marcadores que modificam o movimento, e eles estão relacionados à maternidade. Na primeira onda, as mulheres buscavam direitos trabalhistas e a criação da licença maternidade. Logo mais, a questão dos direitos reprodutivo e familiar, como o divórcio e o aborto, dentro dos

movimentos, não era consensual, mas as pautas todas se relacionavam direta ou indiretamente à maternidade.

Historicamente, a mulher sempre esteve atrelada à maternidade, e quando isso não acontece uma nova concepção é criada para mulher, como sendo incompleta, triste, e que não conhecerá o amor por completo.

A questão da incompletude surge não como algo inato, biológico, mas como uma questão e cobrança social, e a psicanálise pode ser uma ponte para essa compreensão.

Freud ([1905] 2016) vai pensar a condição da maternidade como algo reparador, pois a condição do feminino é sempre a de falta, já que no Complexo de Édipo, existe a constatação das diferenças genitais. Os meninos têm pênis, e isso gera uma inquietação neles, pois, em sua imaginação, as meninas foram, de alguma forma, castradas, perderam seus pênis, e isso poderia acontecer também com eles. As meninas sentem a perda, e, de acordo com o pai da psicanálise, elas buscarão este falo perdido na relação heterossexual, que poderá ser pensada como uma retomada do falo perdido no momento da maternidade, atingindo assim sua completude.

No entanto, sabemos que quando falamos de Freud estamos pensando em outros tempos. Ele, de certa forma, ratifica o pensamento social, enquanto outros psicanalistas posteriores já buscam novas visões, como é o caso de Winnicott. Este psicanalista inglês refuta a relevância do Complexo de Édipo na subjetividade do indivíduo, e delimita o amadurecimento como relevante no desenvolvimento psíquico. Mesmo buscando novas formas de subjetivação, em algum momento, recai como sendo a maternidade uma constituinte do feminino, ajudando assim na perpetuação das desigualdades já descritas.

Podemos pensar aqui que a maternidade pode de alguma forma fazer parte da constituição feminina, mas ela não é algo que a liga à completude. Podemos pensar em escolhas, se vinculadas à maternidade ou não, independem disso no que tange ao vazio que é inerente a todo indivíduo; somos seres desejanter, sempre em busca de algo, e a maternidade não propicia esta completude.

Assim nossa personagem que decidiu pela maternidade não é mais completa que suas amigas, que estão na prostituição e não querem a maternidade, pelo menos não naquele momento.

Essa questão da maternidade e do aborto será abordado no livro seguinte, da nossa personagem Marise, que busca a prostituição como uma forma de melhor condições de vida para ela e para sua filha. Assim, adentraremos na vida de Vanessa ou Marise.

3.8 O DIÁRIO DE MARISE: DA ADOLESCENTE SONHADORA A PROSTITUTA DE MAIS DE 5.000 HOMENS

Neste momento, a literatura nos guiará pelo *O diário de Marise: a vida real de uma garota de programa*, livro baseado nos diários da vida de Vanessa de Oliveira, que foi escrito entre 2003 e 2005, e lançado em 2006.

“Meu nome é Vanessa, mas a maioria das pessoas que conheço me chama de Marise, a garota de programa ruiva. Eu nasci morena, mas costumo dizer que minha alma é ruiva. Sempre digo isso” (Oliveira, 2006, p. 10). Ela mora na cidade de Balneário Camboriú, mas também trabalha nas cidades próximas, como na cidade de Jaraguá do Sul e Blumenau.

O livro desdobra-se como um diário, com cidade, data, mês e ano, para cada história; além da divisão em 11 capítulos. No começo ela vai contando algumas histórias dos lugares que trabalhou, das experiências que viveu, dos homens que se relacionou, e vai descrevendo suas impressões, seus anseios, desejos, gostos, nojos, repulsas e tudo que permeia o mundo venal, mas que também perpassa a vida da garota de programa, já que, para além de Marise, ali encontramos Vanessa.

No capítulo terceiro, ela conta sobre sua infância e adolescência, sobre ela ser uma criança muito inventiva, mas que o pai esperava um ser discreto e polido, adjetivos que passavam longe dela. Ela descreve que já não guarda mágoas, nem da austeridade do pai, nem na distância da mãe, mas que uma proximidade, uma abertura, algumas conversas com a mãe ou o pai teriam feito tudo na sua vida ser diferente.

Vanessa, uma adolescente de 18 anos, que já tem um namoro de algum tempo, percebe que a camisinha estourou. Sem saber o que fazer ou com quem conversar, pergunta para uma colega evangélica o que deve fazer, e a amiga, que era totalmente contra o aborto, fala que não deveria fazer nada e esperar um mês para depois fazer o exame e ver que o aconteceria; passado um mês depois, a notícia da gravidez chegou.

Ela tentou aborto, mas não funcionou, e quando recorreu à clínica o bebê já estava grande demais. Assim, os dois adolescentes decidem casar-se e terem o bebê. A partir daqui a vida dela virou um inferno, o mundo *rock and roll* que eles viviam tinha acabado para ela, mas para ele visivelmente não.

A sucessão de brigas, falta de dinheiro, de maturidade colocou um fim à relação, mas o fruto dela estava ali e, assim, Vanessa passou alguns anos tentando de tudo para ter e dar uma vida digna para ela e para a criança. Mas o tempo foi passando e a vida e falta de oportunidades a levaram para a prostituição.

É daí que ela continuará narrando suas histórias, mas também, e que muito nos interessa, é a série de reflexões que ela vem propondo sobre o mundo e a entrada na prostituição que se destaca. Ela discorre que todas as meninas, com alguma eventual exceção, que entram na prostituição advêm de famílias desestruturadas, que a grande maioria não está ali pelo sexo, e que ela “só quer é que o cliente nos pague uma boa dose, faça o programa tão logo quanto possível, goze bem rápido, deixando o campo livre para o próximo [...]” (Oliveira, 2006, p. 106).

Também discorre sobre a prostituição, como conhecemos, e o que ela chama de “prostituição fantasiada de hipocrisia social”, que acontece mediante uma troca, não necessariamente financeira, mas pelo *status* que outro pode oferecer, o lugar de privilégio, como ela descreve no fragmento abaixo:

[...] quem faz isso é a “patricinha” do comércio, aquela menininha que acha o máximo namorar um cara por causa do carro dele, que está louca para enfiar o “pé na jaca” com o bam-bam-bam da cidade, que dá uma de santa e que jamais daria para homem nenhum em troca de dinheiro, mas que faria qualquer coisa para andar dentro daquele carrão, pendurada no pescoço dele (Oliveira, 2006, p. 106).

Para muitos, esta prática enquadra-se em um tipo de prostituição, mas para grande parte da sociedade isso pode ser “arroubos” ou imaturidade juvenis, ou ainda uma jovem “interesseira”, ou que está buscando um espaço, nem que seja através de outro na sociedade. Para nossa personagem, todavia, isso não passa de um tipo de prostituição “camuflada”, hipócrita.

Assim como outro tema bem caro na nossa sociedade, Marise traz reflexões sobre o aborto, para além das questões subjetivas, mas também do lugar que esta mulher é colocada na hora do atendimento médico, como julgada e condenada por muitos profissionais de saúde – sem contar o resto da sociedade, claro!

No livro, uma amiga da nossa personagem, que também é garota de programa, está grávida pela segunda vez, e decide fazer um aborto. Como sabemos, o aborto é proibido no Brasil, mas isso não quer dizer que as pessoas não o fazem. Muito pelo contrário, fazem e colocam suas vidas em risco, já que o processo é feito a partir de remédio contrabandeados e clínicas clandestinas.

Sol, a amiga de Marise, utilizou comprimidos comprados ilicitamente, e quando faz o efeito as mulheres devem seguir para o hospital fazer a curetagem. Chegando ao hospital começa também os julgamentos, como veremos no diálogo do médico:

Não demorou muito e o médico quarentão chegou: um loiro, com cara de nazista, mas muito bonito. Olhou bem firme para ela e disse: “De quantos meses você estava?” A sol respondeu. Sentei-me na cadeira, para esperar a reação dele. Ele colocou a luva e fez um exame ginecológico na Sol, que se contraía de dor. Um pavor, a cara dela. Pedacos continuavam saindo de dentro do seu corpo. Ele tirou as luvas e falou, ríspido: “O que foi que você tomou? Ou colocou por baixo? Nenhum colo de útero dilata tanto assim em tão pouco tempo. Hein, menina? Responde” (Oliveira, 2006, p. 372).

Observamos que para além do lugar da prostituta, já que o médico não sabia de sua profissão, o lugar da mulher, da mulher vulnerável social e financeiramente, é demarcado, já que nos seus piores momentos ainda tem que passar pelo crivo do julgamento social.

Mas para além das palavras que ferem, o ato de abortar um filho refletiu em Marise e Sol durante muito tempo, pois além da perda do filho existe toda a questão religiosa cristã, que, querendo ou não, transpassa nossa estrutura social ocidental.

Tanto que, assim que Marise foi buscar Sol no hospital após a curetagem, elas resolvem passar em uma igreja católica para pedir uma missa pelo bebê falecido, e mais uma vez a sociedade mostra-se hipócrita e perversa, como descrito:

Disse o nome completo da Sol e observei se ela o estava escrevendo de forma correta, para que Deus soubesse bem direitinho de quem estávamos falando. A atendente colocou somente o primeiro nome da Sol no papel, enquanto eu lhe estendia dez reais. Então falei: “Melhor colocar o nome completo, Vai, escreve aí todo o sobrenome, porque, senão, Deus não vai saber de quem se trata”. Ela sorriu-me, com certo ar de preguiça, e me disse para não me preocupar, porque “Deus tudo sabe!” Conformei-me, dentro da minha inconformidade, e, já que estava lá, resolvi que seria bom haver uma missa de sétimo dia também. Fui abrindo a bolsa, para pegar mais dinheiro, e falei que no domingo, às 18h, gostaria que houvesse uma missa de sétimo dia pelo

bebê da minha amiga. O padre estava postado ao lado da assistente e disse, enquanto limpava os óculos: “Ahhhhh, isso não é possível, não. Só se o bebê tiver nome, senão vai ficar uma coisa sem sentido, ninguém vai saber quem é ele e, além do mais, ele nem foi batizado”. Fiquei pasma, e só respondi: “Mas não é Deus que tudo sabe? Afinal de contas, vocês só salvam os católicos, é? O padre deu-me as costas, deixando-me sem resposta e com mais dez reais na carteira. Nada de nome e, portanto, nada de missa de sétimo dia. Pobre bebezinho não católico apostólico romano! Uma pausa reflexiva, triste e profunda. Dois pontos: “A igreja é a camaleão dos Sistemas... Sem eufemismo, vai! É uma prostituta mesmo! (Thiago Montanari) (Oliveira, 2006, p. 373-374).

As duras críticas tecidas contra a igreja não são infundadas. Na verdade, como vimos no primeiro capítulo, ela é o grande algoz das mulheres, e, principalmente, das mulheres que buscam seu lugar na sociedade, saindo do papel de submissão e privação imposto por ela como forma de cerceamento social para as mulheres.

Por tantas vezes, como vemos, a igreja ignora a dor do outro, uma vez que seu sistema patriarcal desconsidera o pedido de uma mulher, e, muitas vezes, a julga por como ela esteja vestida ou por sua forma de falar – o rechaço é iminente.

Perpassando a história e chegando na história de nossa personagem, percebemos que pouco mudou, pois a segregação continua uma constante da religião, assim como o desprezo, tantas vezes demonstrado, às camadas marginalizadas da sociedade.

Assim, a conclusão trazida por Montanari, “que a igreja é uma prostituta”, que trabalha de acordo com alguns interesses, que podem ser financeiros, relacionados a outro tipos de troca, ainda que sofrida de dizer por muitos, é a mais pura realidade, em muitos casos. Trazendo para os dias atuais, temos um sacerdote da cidade de São Paulo, de nome Julio Lancelotte, que acolhe as minorias, os grupos de marginalizados, e ao invés da sociedade também o ajudar, ela e outros padres e paróquias/paroquianos, ditos cristãos, o perseguem, e tentam também o excluir, assim como fazem com os que ele ajuda.

Estas questões, reflexões e indignações são frequentes no decorrer do texto, com um livro que perpassa a mulher prostituta, mas abarca a Vanessa de Oliveira, as suas peculiaridades, sua vida pregressa e seu presente, com seus sonhos, vontades e desejos, assim como o de qualquer pessoa.

Ela descreve que “dentro dela há três mulheres, distintas entre si, e que minha personalidade é marcada por essas três pessoas: a Luana, a Electra e a Severa.” (Oliveira, 2006, p. 356). E assim, ela divide entre uma sendo doce, amável, que acredita até em príncipe encantado e no amor, e ela está presente em momentos com as pessoas que ama. Já Electra é inteligente, batalhadora, objetiva, polida, não desiste, e se apresenta no trabalho. E depois temos Severa, e como diz o próprio nome aqui, encontra-se a fortaleza, a seriedade, a razão, a que vai comandar Luana e Electra à maturidade, tantas vezes forjada à força, que foi construída no decorrer dos anos.

Estas mulheres que podem desdobrar-se em mais 3, e mais 3, é um dos tantos motivos que encontramos nas escritas de nossas personagens. Esse desdobramento diz do poder mostrar os tantos lados, que até pouco tempo era transcrito através de outros olhares, por tantas vezes prestigiando apenas o lado venal, ou o dos desejos que perpassam os indivíduos quando abarcamos a prostituição.

A própria Vanessa relata que “antes de ser vista como uma garota de programa, quero que as pessoas me vejam como uma escritora. Porque é exatamente isso que pretendo fazer pelos próximos anos da minha vida: escrever” (Oliveira, 2006, p. 406).

Ao final do livro ela descreve, como citou em muitos outros momentos do livro, a vontade de parar. Fala da entrada por necessidade, mas que o tempo como garota de programa a endureceu, e afirma: “ganhei experiência, mas perdi a vida. Ganhei algum dinheiro, mas perdi o amor. Eu trocaria todos esses cinco mil clientes por um único homem” (Oliveira, 2006, p. 411).

A experiência, a *expertise* na cama, a partir de seus 5.000 clientes, de os fazerem gozar rápido, de mexer com as fantasias, desejos e imaginação se destaca nos relatos, mas, por outro lado, o seu gozo foi abandonado, o seu amor foi reprimido, reprimido dentro dela, pois ela não quer apenas sexo, ela procura mais, ela quer encontrar o amor.

Assim como a maioria de nossas personagens, a prostituição entra em um momento específico, pelos mais diversos motivos. Algumas ficam por um tempo, outras passam quase que toda a vida, mas a maioria busca encontrar o amor, ou o desejo, como veremos o caso de nossa próxima escritora: Amara Moira.

3.9 QUAIS SERIAM OS CAMINHOS SE EU FOSSE PUTA?

Amara Moira já busca no título um questionamento, mas sem o ponto interrogativo, trazendo uma possibilidade que flerta com a afirmação, e assim, proporciona-nos inúmeras possibilidades antes da leitura do texto.

Estes inúmeros caminhos aparecem na “orelha” do livro com os seguintes dizeres:

Corpo que não tem lugar, corpo que se fazia à revelia das regras, das normas, corpo que se prestava pra sombra, essa era eu e eu não fazia sentido, sequer sabia aonde queria chegar. Quem me entendia? Esse livro é sobre buscar porquês. E se eu fosse puta? E se eu fosse você? (Moira, 2016, s/p.).

No entanto, as dúvidas já se dissipam na primeira página, quando Amara rememora como surgiu o livro, a partir de seus escritos pós-programas. Ela os ia escrevendo no retorno para casa, a partir da lembrança dos cheiros, gostos, sonhos que dizem, de acordo com Moira (2016, p. 19): “travesti que se descobre escritora ao tentar ser puta e puta ao bancar a escritora”.

Nossa escritora vai contando sobre seus primeiros programas, sobre sensações, sobre o baixo valor que recebia muitas vezes, mas que foi, a partir daí, que nasceu o livro, de suas vivências e memórias. Para além disso, ela traz que poucos meses antes, seis ao certo, nascia a Amara, travesti, com um turbilhão de perguntas, medos, desejos, colocando-se no mundo, e a forma encontrada para reduzi-los foi a prostituição.

Ela descreve que o entrar na prostituição não se deu tão fácil, pois foram meses remoendo, sobretudo por ter havido a questão de não ter outra opção: ou teria? Não importando muito uma resposta, a questão levantada era que o trabalho exercido na prostituição já lhe era pré-exercido, mas sem o valor monetário, pelo fato de que seu corpo já era tantas vezes objetificado, seus atos sexuais, muitas vezes desprovidos de desejo, de ser a opção que ela encontrava para sentir-se “amada”.

Após contar vários “encontros”, desde o primeiro programa e alguns outros, sempre trazendo reflexões importantes, que traremos mais adiante, no capítulo 22 ela explica o real motivo de ter adentrado a prostituição, o que a levou as ruas, já que era uma universitária e podia ter outros meios de subsistência, como ela relata:

Comecei por safadeza mesmo, assumo, carência brutal, vontade que me desejassem, pegassem, pagassem por mim, mas rapidinho eu vi

que não era assim bom como eu sonhava e aí escrever sobre, começou ser a razão de eu continuar. Hoje já nem sei mais se me prostituo para escrever ou se escrevo pra me prostituir, essa é a verdade. Quantos de vocês saberiam da vida por trás dos panos da profissão mais malfalada do mundo se não fosse por mim? (Maira, 2016, p. 113).

E a pergunta feita por ela é um dos motes desse trabalho, não a partir somente da curiosidade da profissão, mas para além: o porquê agora temos as prostitutas contando suas próprias histórias? Seria por maior liberdade, letramento, maiores possibilidades ou um desejo de escrita do feminino, não o feminino ligado ao órgão sexual, mas a condição dos inúmeros femininos?

Antes de retomar estes questionamentos voltamos ao livro que, como dissemos, não diz apenas dos programas realizados, mas busca, para cada caso, uma reflexão, que muito vem dizer da nossa sociedade. Sociedade na qual pais de família deixam suas esposas, muitas vezes sem proporcionar a elas intimidades, possibilidades de expandir sua sexualidade, trazendo o lugar da puta *versus* a santa, já descrito anteriormente, e vão em busca das prostitutas o encontro com seus prazeres.

Geralmente, estes são os mesmos que bradam pela rua que a família vem em primeiro lugar, não aceitam a diversidade, e apegam-se a discursos religiosos como forma de ratificar seu preconceito velado – ou seria seu desejo reprimido?

Estes são os clientes que nossa escritora encontra, os que não querem usar preservativos, que fazem todo o tipo de propostas, que usam muitas vezes de violência para conseguirem o que desejam, que pedem beijos e romances, que expressam querer namorar, casar, mas assim que acaba o coito, querem sumir, querem o anonimato de que jamais estiveram com uma travesti.

Com o tempo estas questões vêm à tona e, para muitas, se existe a possibilidade de sair da prostituição elas assim o fazem. Pelo menos estes são os relatos da maioria dos livros que lemos, das reportagens, documentários que assistimos e das conversas que tivemos.

Amara cita que a experiência da rua lembra muitas vezes casos de abuso, de violência, e diz: “se no começo havia algo de prazer, dada a carência própria em que me via (carência que ainda está aqui firme e forte), agora o que mais sinto lá é dor...” (Maira, 2016, p. 95).

Mas para além das paredes da prostituição, ela fala dessa violência, deste machismo, do sistema patriarcal que ainda rege nossa sociedade no nosso convívio diário, na faculdade, no trabalho, no silenciamento das mulheres, das transexuais, lésbicas, homossexuais, toda a diversidade LGBTQIAPN+, (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexo, assexual, pansexual, não-binário e o + abrange as demais pessoas da bandeira e a pluralidade de orientações sexuais e variações de gênero).

Mesmo fazendo emergir estas situações, não nos compete fazer juízo de valor sobre a prostituição. A entrada ou a saída nela não nos compete, pois nosso movimento aqui é propor reflexões a partir das escritas das nossas personagens. Estas escritas de si, que sempre foram regidas, orquestradas por “outros”, que utilizavam, tantas vezes, dos personagens das prostitutas como fetiches para vendagem, ou como desejos. O que buscamos trazer é este lugar da escrita, do corpo, do desejo, do mistério, que perpassou a literatura, e agora adentra com toda força e potência das escritas de si.

3.10 EU, DOMMENIQUE LUXOR, DOMINADORA PROFISSIONAL

Sou Dommenique Luxor. Dominadora profissional. Loira. Olhos azuis. 1,75 cm. 64 kg. Pés 37. 34 anos. Assim dá-se início ao livro. No entanto, o que encontramos a seguir é a sua carta de apresentação, que possivelmente era encontrada quando alguém entrava em contato, que acontecia na época via e-mail, telefone, chats.

Ela começa delimitando o lugar do cliente, o chamando de escravo. Ela sempre transcreve que as coisas devem acontecer para satisfazer principalmente o seu desejo, “eu decido o quanto usarei teu corpo e tua mente, se te levarei à exaustão e ao limite. Serás meu animal, meu capacho, meu serviçal e meu objeto. Meu corpo te envolverá numa viagem intensa [...] no caminho árduo da minha satisfação” (Luxor, 2012).

Logo após, ela vai relatar suas práticas favoritas, entre elas: *bondage*, sadomasoquismo, CBT (cock and ball torture – tortura dos órgãos masculinos), *tease and denial* (seria a negação do orgasmo, ele só será permitido pelo outro), além de algumas que ela nomeia e outras que ainda não tem nomeação, pois acontece dependendo do momento e da criatividade da dominadora, que se autodenomina Domme.

Depois descreve seus acessórios: máscaras, eletroestimuladores, saltos, consolos e tantos, tantos outros, além de roupas de couro e látex. Em seguida aparece um novo tópico com “coisas que você deve saber”, que estabelece o SSC (encontro são, seguro e consensual), que figura na possibilidade ou não de jogos sexuais, e vai depender da excitação dela. E mais, que as sessões são na sua casa, que se o cliente gostasse de algo que ela não goste não é para marcar o encontro, pois a satisfação dela é primordial, que ela prefere os submissos, a pontualidade, a higiene, além do cumprimento de todos os acordos.

Ainda tem o tópico sobre a sua aparência, não a física, que aparece no início, mas das apresentações “me reservo o direito de me apresentar como achar mais conveniente à cena. Um de meus maiores prazeres é me preparar e seguir todo o ritual que a antecede. Nada mais natural para uma mulher fetichista” (Luxor, 2012, p. 7).

Percebemos que os cenários e a caracterização no fetichismo são muito importantes, sendo que ela fala de cintas-ligas, meias vestidos, fantasias que advêm do fetiche, que traz de sua etimologia o feitiço, o artifício que a mulher usa muito bem, como descreve André (2015):

[...] a mulher não tem pênis... mas tem cinta-liga, casaco de pele, calcinha de renda! A perna vestida com uma meia rendada, ou o pé com um salto alto permitem ao homem ignorar o que aliás, ele sabe desde sempre: que à mulher, e sobretudo à primeira delas, à mãe, falta o “essencial”. O eu é clivado, a mão esquerda aceita o que a mão direita rejeita (denega) com o maior vigor. A paixão fetichista é inversamente proporcional ao horror que a castração lhe inspira. Perversão em alguns- se não há fetiche, não há relação sexual! -, certo fetichismo discreto não está longe de pertencer, contudo, à parte mais comum da sexualidade masculina. Discreto, mas bem real em seus efeitos: a indústria de *lingerie* feminina lhe deve uma parte apreciável de seus lucros. A última roupa protege da percepção e preserva a surpresa (André, 2015, p. 69-70).

Percebemos que para o fetiche estar presente, os acessórios são importantes, por vezes maior quantidade ou menor na linha da fantasia, mas sempre presente. A dominatrix utiliza-se muito bem dos seus artifícios para fazer o seu cliente chegar no gozo tão esperado. A busca por uma prostituta, dominatrix, muitas vezes faz parte da fantasia, ou também é a única forma de realizar as fantasias, já que a sociedade, ou melhor, a moralidade imposta, por vezes apregoa o sexo reprodutivo, higiênico, que não permite que os gostos pessoais, fetiches e fantasias ganhem terreno, fazendo

que o cumprimento disso só ocorra com a mulher sem nome, chamada também de prostituta.

Para Dommenique, a privacidade é primordial, ela fala de discrição, para com o cliente e com ela, ela não exige o nome verdadeiro, nem endereço, só um telefone, e-mail para contato, e fala que jamais o reconhecerá em local público.

E, por fim, abarca suas restrições, ela que está no domínio, não aceita sexo com animais, agulhas, fezes e atos preconceituosos, sendo o mais passível de acordos e composições, desde que tudo acordado.

O livro se divide em onze capítulos e um epílogo, e cada um dos capítulos conta um encontro, sempre com riqueza de detalhes, abordando como a dominadora, dominatrix, conduz todas as cenas de humilhação, que os submissos almejavam. A escravidão, os xingamentos, o desprezo simulado juntamente com a atenção comprada, faz parte de todo o cenário, e notamos que muitos dos seus clientes viram “escravos profissionais”, limpam, lavam, andam de quatro quase o tempo todo, são chamados de cadela, escravo, além de a satisfazer sexualmente.

Os açoites, as algemas, o uso da camisa de força – confeccionada com fivelas grossas – fazia parte de alguns rituais, sempre a respondendo com um “sim, senhora”, e não podia esquecer dos comandos propostos. Uma coisa bem corriqueira nas histórias é que quase nunca ou nunca ocorre a penetração, acontece o orgasmo, o sexo, mas não pela penetração, o que já causa bastante espanto, se pensarmos nos padrões sexuais que são propagados.

Dommenique está inserida no BDSM que significa: B de *bondage*, ação ligada à imobilização, que pode acontecer com algemas, cordas, que pode relacionar-se; a letra D de disciplina sexual, que ocorrem por meio de punições e castigos, além de agregar, juntamente com a letra S, a questão da dominação e submissão, que podem acontecer das formas mais variadas, mas geralmente está ligada a humilhação; e o S e M relaciona-se ao sadismo e o masoquismo, ou ainda o sadomasoquismo, que apregoa a dor uma forma de estimulação erótica.

A partir da leitura do livro fica claro que o BDSM é uma premissa para o trabalho de Dommenique, pois ela, a mulher dominatrix, precisa de todos esses artifícios, por vezes juntos ou separados. É essencial que essas práticas figurem em seus atendimentos, até porque quem a procura são por essas práticas, mas também ela deixa claro que essa é a premissa para o seu gozo.

Sabemos que tudo que sai do “padrão” instituído pela sociedade é colocado à margem, é marginalizado, mas isso não quer dizer que não esteja inserido, e que as pessoas que maldizem as práticas não o façam, mesmo que perante os outros as tratem com abominação. Agora imaginem juntar prostituição e BDSM e apresentar para uma sociedade forjada nas doutrinas cristãs, que ao invés de incluir procuram a exclusão e julgamentos.

Nossa personagem mescla histórias dos seus programas com reflexões sobre o ser prostituta, sobre dinheiro, seus desejos e suas motivações. Quando ela descreve sobre o BDSM, ela relata que recebia muitas propostas, no entanto algumas coisas eram problemáticas como podemos observar pelo fragmento:

Tinha muito prazer no meu trabalho, e até pouco tempo atrás estava ganhando bem, fazendo uma poupança. Algumas sessões boas, outras ótimas, outras ruins. E algumas muito, muito ruins. Não são as práticas, são as pessoas. Alguns praticantes de BDSM não são apenas praticantes, são doentes. Precisam de ajuda psicológica em várias esferas. Aproveitam-se da sigla de que, sendo SSC (São, Segura e Consensual), tudo é permitido. E desenvolvem suas vidas sexuais baseadas em ideias distorcidas da realidade. Sofrem, com certeza. Quando não procuram uma terapia ou uma mão de sano, contratam dominadoras profissionais (Luxor, 2012, p. 92).

E ela relata a não interação de algumas dessas pessoas, pois eles cristalizam histórias e a incluem como um mero assessorio no cenário arquitetado por eles. Ela explica que, dessa forma, é sempre muito, muito ruim, pois para ela o trabalho sexual tem que oferecer prazer, e ela só o encontra quando existe a interação e a dominação. Assim, ela foi construindo o que seria Dommenique, a Dominatrix, a partir de suas vivências e desejos.

Percebemos que não existe um incômodo no trabalho, mas somente quando seus clientes não estão de acordo com a fantasia dela. Ela é a dominadora, mas, para além dessas questões, não podemos desconsiderar os perversos, que agem desconsiderando totalmente o outro, sendo apenas um objeto. Independentemente de ser ou não uma trabalhadora sexual, ela pode ser colocada como um mero material de manobra para seu uso, e sendo prostituta isso pode ainda piorar.

Não abarcaremos os limites da perversão, até porque eles não existem *a priori*; o perverso não tem limites e não podemos pensar o BDMS como algo relacionado à perversão, pois não o é. São apenas práticas sexuais que perpassam o

desejo, que estimulam a libido e que fazem parte do cenário sexual de pessoas, e que são feitas de forma consensual.

Assim percebemos Dommenique colocando-se no mundo da prostituição, mas a partir dos seus desejos, colocando seu corpo à disposição, não a partir da perspectiva do outro, mas do que ela definir para o outro.

“O poder é todo meu. Sou dona da minha casa. Do meu corpo. Do meu prazer. E dona dos meus objetos. Dona. Senhora. Madame. Mistress. Rainha. Deusa. Dominatrix. Domme. Dommenique” (Luxor, 2012).

3.11 LOURDES BARRETO E A SUA PUTABIOGRAFIA: SOU PUTA COM ORGULHO

O livro de Lourdes Barreto, 80 anos, lançado em fevereiro deste ano de 2023, conta a trajetória da mãe de família, avó, ativista e prostituta. Paraibana de nascimento, mas que deixa a casa da família aos 14 anos por sofrer violência doméstica e sexual, ela não relata quem foi, mas parece ser de alguém próximo, que tinha acesso a sua casa, ou que vivia nela.

Assim ela, com apenas 14 anos, sai de casa e o único lugar que encontra acolhimento é na prostituição. Ela passou por muitos estados, entre eles Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Fortaleza, e na própria Paraíba, na cidade de João Pessoa, no qual trabalhou na rua da Areia, na Casa da Rosana, rua que até os dias atuais o trabalho sexual é exercido. Exercido, mas não como nos tempos de glória de D. Lourdes, quando a rua era frequentada por grandes políticos, executivos e homens poderosos, e era uma rua com várias casas de prostituição, mulheres belas e com figurino impecável, a qual nada lembra a que se apresenta atualmente, com casas muito velhas, poucas pessoas, algumas brigas, roubos e principalmente problemas relacionados a drogas.

Ela depois foi morar no Pará, estado no qual fixou residência em 1955. Aí, relata que não foi ou não ficou na prostituição por causa da fome, não, ela relata que queria conhecer, “lidar com as fragilidades dos homens. Entender por que um homem diz que ama uma mulher, mas é violento e, às vezes, até mata sua companheira.” (Barreto, 2023, local. 398).

Ela vai descrever por diversas vezes no livro que ela gostava de trabalhar, não só pelo dinheiro, que com ele ela cuidou de seus filhos, mas por tudo que

acontecendo entre a primeira conversa e o final do ato. Ela também explica a diferença que tinha a prostituição na década de 1950, 1960, 1970 e a dos dias atuais.

As casas de meretrício eram glamurosas, pelo menos as que ela trabalhava. Nelas, se usavam vestidos longos, que cobriam bastante o corpo das mulheres, feitos pelas costureiras que reservavam um dia especial só para atendimento das prostitutas, e usavam tecidos importados, muita renda, muito cetim. Em algumas casas tinham até salão de beleza e cabelereiro para a maquiagem e penteados, e era dessa forma impecável que elas se apresentavam. Também havia os adornos, muitas joias, tinham aula de etiqueta, como nadar de salto, como usar a taça, segurar um *drink*, além de aprender a descascar uma banana, utilizando a ponta da língua, para fazer sexo oral.

Claro que tinham outras casas, que ela relata como sendo casas mais bagunçadas, nas quais atuavam mulheres que bebiam demais, que eram chamadas de “mulheres sem classe”. Ela também descreve que trabalhou em casas assim, mas quando já estava mais “madurona”.

Além da zona, que não equivale ao sinônimo de bagunça, pois tinha hora para tudo, era muito organizado, e o trabalho sexual também. As performances diversas da atualidade quase não perpassavam as casas de prostituição, como vamos verificar no fragmento:

O meu trabalho sexual na cama era ouvir o cliente, identificar seu desejo e a fantasia sexual que ele queria ali. Ele estava pagando, era um direito dele exigir. Nos anos 50, um homem ‘cantar a bunda’ de ua mulher era uma grande ofensa. Pedir para fazer sexo anal também, Sexo oral era uma outra ofensa. A nossa relação sexual era mais vaginal. Mas quando eu vim para Belém já tinha casa preparando a mulher para fazer sexo oral e anal. Hoje em dia todo mundo faz (Barreto, 2023, local. 818).

Ela sempre vai descrevendo como era e como está, falando também dos prédios, de como eram, e do que sobrou deles. Nostálgicas, estas comparações, anunciam o “glamour” que se encontrava outrora nada tem de parecido com as casas de prostituição atuais; pelo menos não com a grande maioria que está relacionada a lugares no qual encontra-se drogas e violência.

Na década de 1960, com o avanço da ditadura militar, as restrições para as prostitutas eram maiores, assim como a violência. Em 1965, ela engravida de sua filha mais velha, e ela fala que o maior palavrão se materializou em “a filha da puta”. Leila, sua filha, é atualmente uma grande militante do movimento. No ano seguinte

engravidada do seu segundo filho, Paulo, que hoje é policial. No final dos anos 1980 tem mais dois filhos, Liliam e Marcio, mas neste ínterim ela faz vários abortos, e fala da necessidade de lutar pela legalização. Não vamos nos deter no aborto, mas concordamos que é um assunto deveras importante, já que deve ser tratado como prioridade de saúde pública.

Dentro das zonas (assim que ela se refere ao local de trabalho) havia a divisão em 4 tipos de personagens: o rufião, que conseguia manter algumas mulheres em um mesmo lugar trabalhando para ele; o cafetão, que trazia os clientes, com sua lábia e muitas vezes falando outro idioma; os gigolôs, que eram homens que as mulheres se apaixonavam e muitas vezes até os sustentavam; e o bigodete, o menino que juntava a mesada para ir, antes mesmo da casa abrir, para disfrutar o que acabara de conhecer.

Neste período, era comum a iniciação sexual masculina acontecer a partir de uma prostituta. Os pais, tios ou irmãos mais velhos levavam o garoto para perder a virgindade na zona, o que já não acontece tanto atualmente, já que a liberdade sexual que temos atualmente permite o sexo com mais facilidade.

O que nos parece interessante é o fato dela explorar os tipos de clientes e os desejos de cada um: o tipo trabalhador braçal é um trabalho rápido e sem muitas fantasias, é um sexo padrão, o que não acontecia com os homens com muito dinheiro; os empresários, executivos, buscavam fantasias diferenciadas, e também muita loucura. Esse mesmo pensamento é relacionado por Dommenique, nossa dominatrix, que descreve que quanto mais dinheiro e poder o cliente, mais desejos atípicos tende a apresentar.

D. Lourdes reflete que, talvez, como esses homens já estejam o tempo todo no centro do poder – já que sabemos que o dinheiro pode proporcionar essa facilidade –, eles buscam outras formas de contentamento de sua masculinidade, já que, uma vez fálica, está muito atrelada ao poder e não é questionada. Assim, acaba sendo possibilitado para eles vivenciarem as inúmeras fantasias, o que não acontece ao trabalhador padrão, o qual sua masculinidade está sendo colocada em xeque a todo momento, mas principalmente no sexo, quando, à prova, ele pode mostrar seu poderio de homem, mesmo que muitas vezes só consiga isso a partir de um sexo pago.

Lourdes preferia os trabalhadores, por isso a predileção de trabalhar muito em garimpos, e brinca que “mesmo tendo transado com vários homens, eu era campeã

em acidente de trabalho, gozar com o cliente. Gozei muito! Hoje sou uma mulher feliz demais porque não sinto mais falta de sexo” (Barreto, 2023, local. 590).

Ela relata sua vida no garimpo, que foi uma das primeiras a entrar em Serra Pelada, e em tantos outros de ouro e de madeira também: “tenho uma experiência muito grande de estar no meio de muitos homens exercendo o meu trabalho sexual, consigo entender e lidar com a fragilidade humana, mas também com o companheirismo” (Barreto, 2023, local. 624).

E era essa fragilidade humana que Lourdes procurava. Ela queria conhecer a essência do ser humano, a precariedade sentimental de tantos homens que dizem amar, mas matam por amor, que agredem, estupram crianças e adolescentes. Ela traz uma narrativa que todas as vulnerabilidades são possíveis de perceber quando está com um homem na cama.

Fala que ali também é um lugar de acolhimento, o qual o homem não encontrava em outros lugares, e ela gostava disso, da troca, de poder conduzir e ajudar – assim ela se via.

E aqui podemos pensar nos esquemas que projetamos em nossa psique e para a sociedade, pensando psicanaliticamente, através do conceito de Françoise Dolto de imagem e de esquema corporal.

De forma bem resumida, podemos pensar que o esquema corporal está relacionado a nossa imagem social, construída através dos séculos. Se pensarmos ao esquema da mulher, ele está relacionado ao privado, à maternidade e à família, mas vem buscando novos esquemas nos últimos anos. Já as prostitutas advêm de um lugar de sagrada, para posteriormente serem vilipendiadas socialmente, ainda solicitada sempre que necessária, para apaziguar a brutalidade, também construída socialmente, do masculino.

Já a imagem é o que nós construímos a partir de nossas vivências, desde antes da compreensão externa, mas pelos processos que foram imputados, tecendo seu sujeito desejante, como observamos:

A imagem do corpo é, a cada momento, memória inconsciente de todo o vivido relacional e, ao mesmo tempo, ela é atual, viva, em situação dinâmica, simultaneamente narcísica e inter-relacional: camuflável ou atualizável na relação aqui e agora, por qualquer expressão “linguageira”, desenho, modelagem, invenção musical, plástica, assim como mímica e gestos (Dolto, 1996, p. 14).

Aqui observamos que a imagem é algo pessoal, pois reverbera nossas vivências e como nos colocamos em sociedade. Lourdes se via como uma desbravadora sexual, pois estava ali para conhecer o outro dentro de suas peculiaridades, e a partir do outro também se (re)conhecia, “mas eu queria mesmo ser puta porque queria lidar com essa coisa toda. Por que o homem diz que ama, é casado, tem mulher e vai na zona procurar uma puta?” (Barreto, 2023, local. 950).

Ela esclarece que algo advém do ato de pagar, de descobrir e expor fantasias que são totalmente reprováveis com as esposas, que estão no papel da santa, e que a sociedade e o cristianismo colocaram no lugar do sexo reprodutivo e higiênico.

No entanto, os desejos são latentes, a sexualidade é volátil, e pede por diversos cenários pelos quais as prostitutas conseguem alocar essas fantasias, essas sexualidades, uma vez serem plurais.

Lourdes tem uma tatuagem escrita “Eu sou puta”, pois, como ela descreve, a palavra “puta” a fortalece. Ela é o protótipo de sua imagem, aquela que foi forjada no decorrer de sua vida que, para ela, foi de muitas alegrias. O meretrício proporcionou satisfação, felicidade, sonho e realidade, ainda que ela relate algumas violências. Curiosamente, elas não foram no ambiente de trabalho, mas por conta de seu trabalho, como a violência policial e institucional.

Assim notamos o modo como a construção de Lourdes foi se delimitando, a partir de seus desejos, anseios, frustrações, e que lança mão de que o esquema não abarca exatamente a forma como Lourdes se vê na sociedade. Ela não faz apologia à prostituição, sabe e vive todos os estigmas que a sociedade apregoa, mas, para além do olhar social, a prostituição foi para ela uma possibilidade de escolha, foi sua escolha de vida, uma forma de constituição como indivíduo. Na materialidade de sua escrita por meio desse livro, que a possibilita mostrar sua imagem e, ao mesmo tempo, combater esquemas anteriormente construídos, dando vida e voz a puta que ela se autointitula, podemos encerrar as fronteiras dessa cartografia do corpo, que mapeia, dentro dos limites, a prostituição. Ora, não mais pela voz ou desejo do outro, mas através dos seus lugares de fala, dos seus *modi operandi*, que nos permitiram entender os diversos tipos de subjetivações advindos de cada experiência, sendo possível percorrer os diversos caminhos a partir das escritas de si, do poder literário, seja além do que a ficção muito pode nos dizer do mundo real, seja a partir das teias da linguagem, que é uma das formas de expressar-se e colocar-se no mundo. A

escrita de si, não mais pela escrita do outro, evoca a operação subjetiva de cada uma das prostitutas pela vontade própria, de seu desejo e de sua escrita feminina singular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trazer as diversas formas da prostituição, os signos e as representações, descritos e escritos pelas próprias personagens, apresentam muito além do que imaginário coletivo concebe para elas, e vem mostrar sujeitos que vivenciam o seu labor, tanto de forma mais autônoma, como buscando se subjetivar a partir do desejo do outro, mesmo que momentâneo, e até por extrema necessidade.

Debruçar-se sobre a prostituição é caminhar por estradas muitas vezes escorregadias, pois sabemos da problemática na qual se insere seu contexto, como a entrada na prostituição advinda da desigualdade social, ou de violências, e de questões mais amplas que abordam outras discussões, mais voltados para os âmbitos sociais e relacionados aos poderes públicos. Nossa questão é mais voltada para a questão moral, que lhe perpassa quando parte da sociedade ao mesmo tempo que a rechaça, a deseja, ao mesmo tempo que a crucifica, a marginaliza, através de discursos inflamados e hipócritas.

Assim, nosso trabalho buscou caminhar através dos mapas literários, das cartografias das obras assinadas por essas mulheres. Elas trouxeram não só o lado do que a maioria já conhece, os “programas” que elas realizavam, mas ultrapassaram essa questão, apresentando mulheres reais, mães, avós, filhas, irmãs, esposas, e que nos possibilitou observar “a prostituta” como uma mulher dita “normal”, dentro dos padrões sociais, e não apenas aquela mulher do imaginário, perversa, devassa, dona dos mistérios. Por mais que ela possa dominar esses adjetivos, ela não se limita somente a isso.

Aqui encontramos a prostituta feliz, como D. Lourdes de 80 anos, que vivenciou a prostituição por mais de 40 anos e descreve que tudo que tem, o que aprendeu, e quem ela é, e com todo o orgulho que ela tem, de ser quem é, se deve à prostituição. Mesmo modo como Gabriela Leite, que conseguiu levar as prostitutas para os palcos da moda, para as revistas, e mostrou que uma prostituta também pode ser mãe, avó, filha, empreendedora, ativista e o tudo que lhe aprouver.

As prostitutas que o são por necessidade também apareceram no nosso trabalho, como Sônia e Marise; ali, o labor faz-se necessário para a sobrevivência, e como forma de relato e de expressão colocaram suas experiências e angústias no papel, fazendo da linguagem, da escrita um lugar de organização psíquica e de colocar-se no mundo, dentro de suas possibilidades.

Temos também um par de obras que faz emergir a prostituição como um lugar de desejo, de busca pelo desejo do outro, de sentir-se desejada. Esse encontro somente as ruas e a prostituição lhes proporcionavam, e uma observação muito importante é que, para esses casos, nossas duas personagens que relatam esse lugar são Amara Moira e Fernanda, conhecida como Princesa, mulheres trans, que em determinados momentos da vida entenderam que o único lugar que o desejo podia ser dirigido a elas era nas ruas, pois fora dali elas eram restritas a encontros escondidos, e a relações que a sociedade não poderia saber. Essas marcas fazem parte da sociedade em que vivemos, cheia de preconceitos, guiada por um machismo estrutural no qual o desejo é reprimido, ou vivenciado somente às escondidas. Sendo assim, a prostituição, por um momento, foi a única possibilidade de sentir-se desejada e de atuar na construção dessa subjetividade, que depois encontraria outras formas de desejo.

Ainda temos a prostituição por *status*, por curiosidade, por busca de aventuras e por uma sexualidade sem amarras sociais. Assim, as de codinome Virgínia e Bruna adentraram em um contexto um pouco diferente, trazendo outros olhares, pois o lugar no qual a prostituição está inserida também diz dos preconceitos. Sabemos que, depois, Bruna envereda por outros caminhos, mas Virgínia, quando sai da prostituição, o faz porque estava trabalhando em uma multinacional e já não fazia mais sentido manter a vida de excessos como ela descrevia. Contudo, como grifado pelas duas, foi de suma importância na construção de suas identidades reais de Alejandra e da Raquel, que depois seguiram suas vidas e sonhos.

Percebemos que o trabalho proposto abordou o lugar histórico da prostituição, entre altos e baixos, mostrando-nos uma sociedade que mesmo atravessando os séculos ainda se apresenta imbuída de preconceitos e hipocrisia, pois os mesmos que a repudiam moralmente, as desejam ou usufruem dos seus serviços, denunciando toda a perversidade que encontramos no conservadorismo que rege nosso corpo social.

E, buscando compreender esses lugares sociais, a psicanálise mostra-se, a partir das teorias freudianas que relatam essa sociedade, fundamental para abordar o lugar da mulher, nos desdobramentos para a feminilidade, que transpassa o ser mulher, e é algo que vai além, podendo ser múltiplo.

Com nossas escritoras e personagens que se apresentaram cada uma dentro de suas possibilidades de feminilidade, além de pensar as questões do desejo, de

seus diversos tipos, e de como eles funcionam no universo da prostituição, constatamos não existir apenas um, mas os mais diversos e maleáveis, que funcionam dentro da economia psíquica de cada uma.

Neste trabalho não buscamos definir a prostituta ou a prostituição, mas, apresentar as diversas possibilidades de subjetivação, de feminilidades, de imagens e esquemas propostos, relativizando e ampliando padrões que são tão engessados socialmente.

Nossas mulheres, mãe, filhas, irmãs, amigas e prostitutas, buscam, a partir do seu lugar de fala, colocarem-se no mundo, apresentando outras facetas, novas possibilidades do ser, mostrando que os desejos são legítimos, que os anseios advêm das variadas partes, e que a prostituta detentora do que imaginamos ser o maior mistério do mundo, é também a mulher que habita a cada um, com seus vazios, questionamentos. Elas demonstram, ao mostrarem-se para o mundo, que a prostituição está para além da margem a que é costumeiramente relegada, e deve ser pensada e respeitada em todos os contextos sociais.

REFERÊNCIAS

- ADLER, Laure. **Os bordéis franceses (1830-1930)**. Tradução: Kátia Maria Orberg e Eliane Fitippaldi Pereira. São Paulo: Companhia das letras: Círculo do livro, 1991.
- ALBUQUERQUE, Fernanda Farias de. **A princesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- ALENCAR, José de. **Lucíola**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.
- AMADO, Jorge. **Tereza Batista cansada de guerra**. São Paulo: Martins Fontes, [1972] 1992.
- ANDRADE, Mário de. **Amar, verbo intransitivo**. Rio de Janeiro; Vila Rica: Idílio, [1927] 1995.
- ANDRÉ, Jacques. **Vocabulário básico da psicanálise**. Tradução: Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.
- ARAÚJO, Rogério. **Prostituição: artes e manhas do ofício**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006.
- BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. A escrita epistolar, a literatura e os jornais do século XIX: uma história. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 30, 2011.
- BARRETO, Lourdes. Puta autobiografia. 2. ed. São Paulo: Claraboia, 2023. (Curadoria e organização: Leila Barreto e Elaine Bortolanza).
- BERTERO, Adailsa Pires de Araújo. **Prostituição: uma forma de trabalho**. 1991. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1991.
- BIRMAN, Joel. **Cartografias do feminino**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- BRASIL, Mariana. **O manuscrito de Sônia**. São Paulo: Itália Nova Editora, 2005. Prefácio de Paulo Coelho.
- BRENNAN, Teresa. **Para além do falo: uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher**. Tradução: Alice Xavier. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Ventos, 1997.
- BRUNS, Maria Alves de Toledo. O olhar do cotidiano e a perda da sensibilidade. *In*: BRUNS, Maria Alves de Toledo; ALMEIDA, Sérgio. **Sexualidade: preconceito, tabus, mitos e curiosidades**. Campinas: Átomo, 2004. p. 11-49.
- BRUNS, Maria Alves de Toledo; GOMES JR, Osvanir Pereira. Prostituição: o discurso de quem se vende e o silêncio de seu comprador. **Jornal brasileiro de doenças sexualmente transmissíveis**, Niterói, v. 8, n. 4, p. 4-13, 1996.
- BURBULHAN et al. Dinheiro, afeto, sexualidade: a relação de prostitutas com seus clientes. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 4, p. 669-677, out/dez. 2012.

CALLIGARIS, Eliana R. **Prostituição: o eterno feminino**. São Paulo: Escuta, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CARNEIRO, Anna Barbara de Freitas. É possível ser prostituta e ser feliz? **Reverso**, Belo Horizonte, v. 36, n. 67, p. 25-34, jun. 2014.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Prostituição: corpo como mercadoria. **Mente e Cérebro: sexo**, v. 4 (edição especial), dez. 2008.

CHASSEGUET-SMIRGEL, Janine. **Sexualidade feminina**. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

CLELAND, John. **Fanny Hill ou Memórias de uma Mulher de Prazer**. Tradução: Eduardo Francisco Alves. São Paulo: Estação Liberdade, [1749] 1997.

COLONNA, Vincent. Tipologia da autoficção. *In*: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). **Ensaios sobre a autoficção**. Tradução: Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução: Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**. Tradução: Marcia Bechara. São Paulo: n-1 edições, 2016.

DOLTO, Françoise. **Sexualidade feminina: libido, erotismo, frigidez**. Tradução: Roberto Cortes de Lacerda. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DOUBROVSKY, Serge. **Autobiographiques : de Corneille à Sarte**. Paris : Puff, 1988.

DOUBROVSKY, Serge. *Fils*. Paris : Galilée, [1977] 1980.

DUFOUR, Pedro. **História da prostituição em todos os povos do mundo desde a mais remota antiguidade até aos nossos dias**. Lisboa: Lisboa Empreza Litteraria Luso-Brazileira, 1885.

DUMAS FILHO, Alexandre. **A dama das Camélias**. São Paulo: Nova Cultural, [1848] 2002.

DUQUE, Alejandra. **A agenda de Virgínia: uma prostituta de luxo**. São Paulo: Planeta, 2006.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 23. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ELIAS, Nobert. **O processo civilizador: formação do Estado e civilização: vol. 2**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ESCOLÁSTICA, Maria. **O gozo feminino**. São Paulo: Iluminuras, 1995.

FARINHA, Marciana Gonçalves; BRUNS, Maria Alves de Toledo. **Adolescentes profissionais do sexo**. Campinas: Átomo, 2006.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FIGUEIREDO, Eurídice. Autoficção feminina: a mulher nua diante do espelho. **Revista Criação & Crítica**, n. 4, p. 91-102, 2010.

FREITAS JR., Otávio de. Histórico e causas da prostituição. *In*: PEREIRA, Armando et al. **A prostituição é necessária?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p. 1-44.

FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, [1924] 1996. p. 191-201. (v. XIX, o ego e o id e outros trabalhos (1923-1925)).

FREUD, Sigmund. A organização genital infantil: uma interpolação da teoria da sexualidade. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, [1923] 1996. p. 155-163. (v. XIX, o ego e o id e outros trabalhos (1923-1925)).

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, [1920] 1996. p. 11-72. (v. XVIII, além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)).

FREUD, Sigmund. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, [1925] 1996. p. 273-291. (v. XIX, o ego e o id e outros trabalhos (1923-1925)).

FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, [1937] 1996. p. 221-266. (v. XXIII, Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos (1937-1939)).

FREUD, Sigmund. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise: feminilidade. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, [1933] 1996. p. 113-134. (v. XXII, novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos (1932-1936)).

FREUD, Sigmund. O ego e o id. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, [1923] 1996. p. 13-82. (v. XIX, o ego e o id e outros trabalhos (1923-1925)).

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, [1930] 1996. p. 65-151. (v. XXI, o futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)).

FREUD, Sigmund. O tabu da virgindade (Contribuições à psicologia do amor III). *In*: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, [1918] 1996. p. 199-217. (v. XI, cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (1910)).

FREUD, Sigmund. Sexualidade feminina. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, [1931] 1996. p. 235-257. (v. XXI, o futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)).

FREUD, Sigmund. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II). *In*: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, [1912] 1996. p. 181-197. (v. XI, cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (1910)).

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a sexualidade. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, [1905] 1996. p. 117-231. (v. VII, um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)).

FREUD, Sigmund. Um tipo especial da escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I). *In*: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, [1910] 1996. p. 167-182. (v. XI, cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (1910)).

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Memórias de minhas putas tristes**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOFFMAN, Ervin. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

HARRISON, Fraser. **The dark angel**: aspects of Victorian's sexuality. Londres: Sheldon Press, 1977.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. Tradução: Pedro Tamen. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LAWNER, Lynne. **As cortesãs do Renascimento**. Tradução: Monica Stahell. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LEITE, Gabriela. Coluna da Gabi: Caminho aberto para a puta cidadã. **Jornal Beijo da Rua**, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.beijodarua.com.br>. Acesso em: 20 out. 2014.

LEITE, Gabriela. Daspu: uma grife surpreendente (entrevista). **Revista Caros Amigos**, São Paulo, n. 106, jan. 2006.

LEITE, Gabriela. **Eu, mulher da vida**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

LEITE, Gabriela. **Filha, mãe, avó e puta**: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

LEITE, Gabriela; LENZ, Flavio. A trajetória do movimento de prostitutas e sua relação com o estado brasileiro. *In*: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA INTERDISCIPLINAR DE AIDS – ABIA. **Análise do contexto da prostituição em relação a direitos humanos, trabalho, cultura e saúde no Brasil**. Rio de Janeiro: ABIA, 2013. p. 41-48.

LEJEUNE, Philippe. **Je est un autre** : l'autobiographie de la littérature aux médias. Paris: Éditions du Seuil, 1980.

LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique**. Paris : Éditions du Seuil, [1975] 1996.

LEJEUNE, Philippe. **Le roman, le je**. Paris : Éditions Pleins Feux, 2001.

LUXOR, Dommenique. **Eu, Dommenique**. Rio de Janeiro: Lenya, 2012.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MARTIN, Denise. **Riscos na prostituição**: um olhar antropológico. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2003.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A sagrada família, ou, a crítica a crítica contra Bruno Bauer e consortes**. Tradução: Marcelo Backes. São Paulo: Boitempo, 2003.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. Tradução: Álvaro Pina e Ivana Jinkings. São Paulo: Boitempo, 2010.

MASIELLO, Francine. **El arte de la transición**. Buenos Aires: Norma, 2001.

MCDOUGALL, Joyce. **As múltiplas faces de Eros**: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana. Tradução: Pedro Henrique Bernardes Rondon. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MOIRA, Amara. **E se eu fosse puta**. São Paulo: Hoo Editora, 2016.

MURPHY, Emmet. **Histórias dos grandes bordéis do mundo**. Tradução: Heloísa Jahn. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.

NAVA, Pedro. **Balão cativo**. São Paulo: Companhia da Letras, [1973] 2012.

NERI, Regina. **A psicanálise e o feminino**: um horizonte da modernidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

OLIVEIRA, Vanessa de. **O diário de Marise**: a vida real de uma garota de programa. São Paulo: Matrix, 2006.

PACHECO, Raquel. **Na cama com Bruna Surfistinha**: receitas de prazer e sedução. São Paulo: Panda Books, 2007.

PACHECO, Raquel. **O que aprendi com Bruna Surfistinha**: lições de uma vida nada fácil. São Paulo: Panda Books, 2006.

PIZANI, Marcelo. **Formas de prazer**. Rio de Janeiro: Record, 1994.

PRADA, Monique. **Putafeminista**. São Paulo: Veneta, 2018.

QUALLS-CORBETT, Nancy. **A prostituta sagrada**: a face eterna do feminino. Tradução: Isa F. Leal Ferreira. São Paulo: Paullus, 1990.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

ROBERTS, Nicke. **As prostitutas na história**. Tradução: Magda Lopes. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1998.

RODRIGUES, Nelson. Toda nudez será castigada. *In*: RODRIGUES, Nelson. **Teatro completo, livro 4**: tragédias cariocas II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1973] 1981. p. 155-238.

ROSSIAUD, Jacques. **A prostituição na Idade Média**. Tradução: Claudia Schilling. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

ROUSSEAU, George Sebastian; PORTER, Roy (org.). **Submundos do sexo no Iluminismo**. Tradução: Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

SOUSA, Francisca Ilmar de. **O cliente**: o outro lado da prostituição. São Paulo: Annablume, 1998.

SURFISTINHA, Bruna. **O doce veneno do escorpião**: o diário de uma garota de programa. São Paulo: Panda Books, 2005.

VARGAS LLOSA, Mario. **A casa verde**. Rio de Janeiro: Objetiva, [1966] 2010.

VARGAS LLOSA, Mario. **Pantaleão e as visitadoras**. Rio de Janeiro: Objetiva, [1974] 2007.

VIGARELLO, Georges. **História do estupro**: violência sexual nos séculos XVI-XX. Tradução: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ZOLA, Émile. **Naná**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1880] 2013.